

AUTOPSIA DO MOVIMENTO DOS COLETES AMARELOS

**ROBERT BIBEAU
KHIDER MESLOUB**

Editorialistas no webmagazine www.les7duquebec.com

01/08/2019

Dedicação

Ao meu filho Amayas Mesloub

INDICE

PREFACIO

Dez características marcantes
Composição de classe do Movimento
Apoliticalismo e consciência de classe
Consciência de classe proletária
Reformismo ou revolução, socialismo ou comunismo?
A frente unida interclassista
A organização revolucionária: fruto da revolução social

CAPÍTULO UM: Tudo começou em Paris, em 17 de novembro de 2018

Defender o clima, é muito bom!
Demasiado grande para engolir
Ambientalismo é fumaça, poluição é mental
O desprezo dura apenas um tempo

CAPÍTULO DOIS: Coletes amarelos contra as mudanças climáticas

Duas classes sociais - duas visões diafásicas
A ideologia ecologista
Emergência ambiental e climática
Vetores econômicos da deserência
Assistência estatal para manter a taxa de lucro
Jovens mobilizados para salvar o planeta
O mito democrático da "*opinião pública*"

CAPÍTULO TRÊS: Estratégia e Tática dos Coletes Amarelos

Um movimento populista espontâneo
O reformismo
O único objetivo estratégico do Movimento
Agitação pequena burguesa
A chamada "*classe média*"
Uma variedade de táticas de luta
Manifestações de resistência resiliente
A greve geral, arma final do proletariado

CAPÍTULO QUATRO: Estado, mídia e intelectuais contra Coletes amarelos

A mercadoria "informação"
Perda de confiança popular nos meios de comunicação social
Os meios de comunicação enfurecidos contra os Coletes amarelos
Missões e atividades dos meios de comunicação social burgueses
Três categorias de meios de comunicação burgueses
Intelectuais burgueses ao serviço do capital
Os intelectuais, cão de guarda da ordem estabelecida

CAPÍTULO CINCO: A Ilusão Macron

A reboque do estado burguês
Pagado o tributo
Essa postura é uma admissão de fraqueza do capital

Terrorismo estatal
A insubordinação social, o fim da subordinação política
Os fins de mes difíceis
Macron, o reacionário
Referendo de Iniciativa Cidadania (RIC)

CAPÍTULO SEIS: O Grande Debate, saída institucional da revolta
Marginalizar os rebeldes
Fazer diversão até à dispersão dos rabugentos
Generosidade para os ricos, austeridade para os pobres
O grande solilóquio
O talkshow
Visão proletária dessa encenação pretoriana

CAPÍTULO SETE: Pesado balanço da repressão governamental
Balanço estatístico
Revisão estatística
Rusga dos alunos do ensino médio de Mantes-la-Jolie
Os destruidores
A lei anti-destruidor
O povo desprezado pelos caciques

CAPÍTULO OITO: Não se mate para salvar o capital!

CAPÍTULO NOVE: Quimera Democrática
Pânico no governo
Desilusão mediática e ilusão democrática
Transformar a revolta espontânea em combate organizado

CAPÍTULO DEZ: Apoio popular e mascaradas eleitorais
Apoio popular
Mascaradas eleitorais
E se tivessem sido eleitas amarelas?

CAPÍTULO ONZE: A organização não é a aposta, mas o meio de ganhar a aposta
Organização e inorganização dos Coletes amarelos?
Primeira intersecção dos caminhos para a resistência
Segunda intersecção dos caminhos para a resistência
A questão da organização na luta de classe

CAPÍTULO DOZE: Frente Unida do Racismo e Anti-racismo do Fascismo e Anti-fascismo
Toupeira infiltrada anti-semita
Ataque do Estado contra intelectuais vacilantes
Antifascismo em apoio ao fascismo
Condições para a ascensão do fascismo
O que é o anti-fascismo, não é?
O anti-fascismo libertou o proletariado?
O fascismo e o antifascismo poderiam voltar?

CAPÍTULO TREZE: O salário mínimo para reduzir os salários ao máximo
Aumento do salário mínimo para estabilizar o salário médio

Utopia socialista do salário mínimo
O que acontece nos países emergentes?
Imperialismo estágio econômico final do capitalismo
Mais-valia absoluta e mais-valia relativa
Condições da autodestruição
Coletes amarelos e a batalha dos salários

CAPÍTULO QUATORZE: Situação de crise econômica sistêmica

CAPÍTULO QUINZE: Declínio do Movimento dos Coletes Amarelos

EPILOGO

Da revolta fiscal ao esquema salarial
Originalidades do Movimento dos Coletes Amarelos
A furiosa pequena burguesia
A revolução proletária

APÊNDICE I: Convocação da primeira assembleia das assembleias

APÊNDICE II: Os intelectuais face à Comuna

APÊNDICE III: As 42 demandas dos amarelos endereçadas à Assembléia Nacional

NOTAS

PREFACIO

Abordaremos todos os aspectos da revolta dos Coletes amarelos, concentrando-nos na visão e acção da classe proletária, distinguindo as suas atitudes, seu comportamento e suas actividades daquelas da classe pequeno-burguesa muito activa nesse movimento populista, no final, jamais se transformará em movimento de insurreição popular.

O nosso objectivo não é relatar, descrever ou apresentar os eventos; nós não somos nem historiadores nem repórteres empoleirados na cerca para deviser na actualidade. O nosso objectivo é retirar ensinamentos desse movimento inovador, ensinamentos que a classe proletária reterá como enriquecimento da sua consciência de classe e como aprendizagens a reutilizar em las próximas semanas de esta guerra que deve terminar entre el asalariado proletarizado y el gran capital financiarizado.

A revolta dos Coletes amarelos demonstra isso: a economia é a base e o fermento de todo o movimento social. Essa visão da economia política e da realidade social foi contestada pelos intelectuais de esquerda e direita enredados nas suas análises superficiais da conjuntura política, jurídica, diplomática, da comunicação social, ideológica, sociológica e militar.

A crise económica do capitalismo deu origem ao nascimento de muitos movimentos de revolta social, nomeadamente no Quebec (*Praça Vermelha*), na Tunísia e no Egipto (*Primavera Árabe*), na Argentina (*Piqueteros*), na Grécia (*contra a Troika*), na África Sul (greves dos mineiros), no Irão, em Itália (*Cinco Estrelas*), no Haiti (greve geral), na Venezuela, na Argélia (*Bouteflika limpa*) e em França (*Coletes amarelos*), para citar apenas alguns. O Movimento dos Coletes amarelos apresenta, num contexto económico específico, várias das características sociológicas, políticas e ideológicas que encontramos dispersas num ou noutro desses movimentos, o que lhe merece um exame aprofundado, uma vez que estas características indicam a orientação das próximas revoltas populares que marcarão o desenvolvimento da luta de classes nas sociedades integradas no modo de produção capitalista mundializado, robotizado, e financiarizado.

Lênin escreveu isto, sobre a Revolução de 1905 na Rússia:

"A revolução socialista na Europa não pode ser outra coisa senão a explosão da luta de massas dos oprimidos e dos descontentes de toda a espécie. Elementos da pequena burguesia e dos operários recuados nela participarão inevitavelmente - sem essa participação, a luta de massas não é possível, nenhuma revolução é possível - e, também inevitavelmente, eles trarão ao movimento os seus preconceitos, as suas fantasias reaccionárias, as suas fraquezas e os seus erros. Mas, objectivamente, eles atacarão o capital, e a vanguarda consciente da revolução, o proletariado avançado, que expressará esta verdade objetiva de uma luta de massa díspar, discordante, miscigenada, à primeira vista sem unidade, poderá uni-la e orientá-la, conquistar o poder, apoderar-se dos bancos, expropriar os trusts odiados de todos (ainda que por razões diferentes!) e realizar outras medidas ditatoriais cujo conjunto resultará no derrube da burguesia e na vitória do

*socialismo, a qual não se purificará, desde o início, das escórias pequenas-burguesas».*¹

Lênin tinha razão, a revolta populista espontânea, disparatada, discordante e à primeira vista desorientada, será devida às classes e fracções de classes, que a possível hegemonia da classe proletária sobre o Movimento permitirá transformar em insurreição popular, depois numa revolução proletária, ainda que seja necessário esperar pelo amadurecimento das condições objectivas e subjectivas. (...)

Dez características marcantes

O Movimento dos Coletes amarelos assumiu formas inéditas que se explicam, por um lado, pela evolução da sua composição de classe. Voltaremos ao assunto. Identificamos dez características, muitas vezes presentes nos diferentes movimentos e sublevações populares:

Movimento de revolta populista espontâneo, inorgânico e coerente;
Forte participação do proletariado e da pequena burguesia;
Rejeição do aparelho de estado e dos seus apêndices, sindicatos, ONG;
Cepticismo face aos partidos de esquerda e de direita;
Recusa de participar nas mascaradas eleitorais;
Rejeição da fraude ambiental e climática;
Desconfiança em relação aos meios de comunicação social mainstream;
Utilização dos meios digitais de comunicação;
Desconfiança em relação aos autoproclamados porta-vozes;
Organização horizontal, democracia directa e consenso.

Composição de classe do Movimento

O grupo *Robin Goodfellow* apresentou um retrato da composição social do movimento. Escrevem eles:

"O movimento dos Coletes amarelos começou por iniciativa de representantes da pequena burguesia (classe média) das chamadas áreas "periurbanas" apaixonadas por carros! A classe média, no sentido marxista da palavra, predomina na direcção do movimento. Domina mesmo, e isso é o mais importante, o alinhamento político. Para além da composição social da direcção do movimento, o proletariado coloca-se sob a liderança política da pequena burguesia no sentido genérico do termo (classe média e pequena burguesia capitalista). Mas é o proletariado, a classe do trabalho assalariado sujeito ao capital, que é largamente maioritária no movimento. As classes médias tradicionais (artesãos, pequenos comerciantes que não empregam trabalhadores) e a pequena burguesia (capitalista) estão sobre-representadas nos coletes amarelos, enquanto formam apenas 10% dos efetivos sociais. A massa dos operários (14%), dos empregados (33%; eles estão sobre-representados) – o que também mostra a importância das mulheres no movimento,

uma vez que elas estão muitas vezes na categoria de empregados -, executivos (5%) aos quais seria necessário acrescentar uma maioria de reformados e de desempregados que constituem um quarto dos efectivos sociais, é um elemento determinante deste movimento e foi a sua acção que o fez evoluir, fazendo-o fazer reivindicações de classe. O que é pouco conhecido é a proporção de assalariados que vivem do rendimento (impostos, despesas do rendimento de outras classes) e, portanto, não estão sujeitos ao capital (novas classes médias assalariadas) tal como a parte destes trabalhadores independentes que relevam do desenvolvimento contraditório da produção capitalista".²

As dez características foram fonte de atritos e tensões entre militantes saídos da burguesia e da pequena burguesia e aqueles que são originários da classe operária e do proletariado, atestando a vitalidade e a ancoragem popular desse movimento espontâneo. Por meio dessas lutas internas, cada classe testemunhava as suas origens sociais, as suas experiências e tácticas de luta, as suas reivindicações, os seus interesses e o objectivo estratégico final da sua luta. Por seu envolvimento, a burguesia da classe média e a pequena burguesia protestaram contra o destino que lhes era reservado na crise económica do capitalismo. A burguesia e a pequena burguesia não procuraram desmantelar o sistema capitalista, mas antes usar a revolta dos proletários (carne para manifestações, carne para o patronato, carne para votar, antes de serem carne para canhão) para abalar o sistema político-económico e ameaçar a oligarquia do capital e os seus representantes políticos, a fim de renegociar a partilha das mais-valias entre os diversos segmentos do capital.

Podemos caracterizar o envolvimento da burguesia como um esforço para reformar o sistema capitalista e, assim, consolidá-lo. O descontentamento da burguesia francesa marcou a sua revolta inconsciente contra as leis económicas do modo de produção, expressas por esforços fúteis para transformar as leis da valorização, acumulação e concentração de capital. Para cada uma das características que listamos, a posição da pequena burguesia militante evoluiu na direcção do compromisso e da acomodação ao poder do estado, daí a lacuna entre esse fragmento de classe e os activistas proletários e operários. . As reivindicações da pequena burguesia visarão a "redistribuição" do poder político pelo Referendo da Iniciativa Cidadã (RIC), para mais responsabilidades e recursos aos municípios, e pelo regresso ao mandato presidencial de 7 anos (sic); bem como a redução dos encargos sociais através de impostos progressivos, o apoio ao pequeno comércio, a sobreafecção das grandes empresas, e o apoio às forças da ordem e ao exército, o que evidentemente não era reivindicações proletárias (ver as 42 reivindicações anexas).

O proletariado envolvido no movimento não compartilhou as mesmas experiências de luta, nem perseguiu os mesmos objectivos tácticos e estratégicos da burguesia em revolta. Pelas suas reivindicações, os assalariados exigiam a valorização da força de trabalho: aumento dos salários, do SMIC, indexação das pensões, fim do trabalho precário, mais CDI e cortes de impostos para manter o poder de compra e o valor de mercado da força de trabalho, uma redução da parcela do excedente de mão-de-obra desapropriada e a redução da acumulação de mais-valia. Na medida do possível, reivindicações que têm por objectivo a revalorização da força de trabalho e a manutenção do poder de compra. A que o Governo respondeu com as concessões de

10 de dezembro, modestas mas reais, concessões que o Estado se apressou a recuperar por meio de novas medidas fiscais a partir de junho de 2019 (reforma do seguro de emprego e das pensões).

Não devemos esquecer que a missão do Estado burguês é apoiar o poder de compra do povo, se quiser manter o fluxo de mercadorias através do qual o lucro é realizado. Com estas concessões o Estado fomentava a divisão no campo dos amotinados (proletariado contra empresários e burguesia comercial). Com efeito, o aumento do salário mínimo e os CDI atingiam fortemente o pequeno patronato.

Essa dicotomia entre a pequena burguesia e o proletariado manifestou-se não apenas ao nível das reivindicações, mas também ao nível das acções. A pequena burguesia favoreceu acções incisivas, mas com pouco impacto na economia e nos lucros, como manifestações, pontuadas por "eventos" urbanos fúteis, petições desnecessárias, acções judiciais ridículas, apelos irrisórios a instituições internacionais, conferências de imprensa, apelos à mítica "*opinião pública*" e à comunicação social à qual ainda tinham tanto do que se queixar. Os Coletes amarelos proletários, em contraste com eles, favoreciam o bloqueio das rotundas, o encerramento dos portos, a paralisação do transporte de mercadorias e dos assalariados, a greve geral e a paralisia da economia, portanto acções que atacavam os lucros capitalistas, grandes e pequenos. Foram estas as razões pelas quais os pequenos burgueses não defenderam as barricadas, e o Estado do capital atingiu os rotundos enquanto tolerou os «Actos» de coalhadas semanais, não sem aproveitar para matar, ferir, desfigurar, espancar, registar, aprisionar e judiciarizar os militantes mais empenhados. Não é dito que algumas franjas importantes da pequena burguesia não se teriam juntado à direcção, às táticas, às reivindicações e ao objetivo estratégico do proletariado se este tivesse assumido a liderança do Movimento. É evidente que o proletariado francês considerou que as condições objectivas e subjectivas da insurreição popular não estavam reunidas e recusou o convite. A partir desse momento, ele só podia ficar anémico e declinar na violência fútil e estéril contra os auxiliares da polícia caparaçados. Tantas atitudes e comportamentos que demonstram o amadurecimento da consciência proletária. Esta revolta «amarela» pode ser vista como uma prova para verificar o grau de resistência do Estado burguês e testar a coesão e o poder da classe proletária em acção.

Apoliticismo e consciência de classe

Os intelectuais burgueses disseram que os Coletes amarelos que eram apolíticos por causa da sua recusa em se deixarem diluir, arregimentar e instrumentalizar pelas velhas formações políticas burguesas de esquerda e direita. Pela sua recusa a ser instrumentalizados, os Coletes amarelos iniciaram um novo caminho político: o modo de acção proletário que nada tem em comum com a esquerda clássica organizada em pequenos grupúsculos sectários e dogmáticos. De facto, o caminho proletário foi quase completamente abandonado pela esquerda desde *Marx, Engels, de Léon, Pannekoek, Luxemburg e Bordiga*.³ Na ausência de combatentes influentes e experientes, o caminho proletário nunca conseguiu assegurar a direcção do Movimento, provocando o seu desvirtuamento. É necessário compreender que esta ausência de combatentes influentes no Movimento é a consequência da imaturidade

das condições objetivas e subjetivas da insurreição popular. Esta ausência revela, ao mesmo tempo, que contribui para esta imaturidade. Não é necessário que os militantes proletários revolucionários se autocriticas por não se terem imposto aos rebeldes. **O levantamento populista** - prólogo do **levantamento popular**; prólogo **da revolução proletária** - não se organiza. A nossa tarefa revolucionária não é iniciar a sublevação, mas orientá-la estrategicamente.

O Movimento, abandonado nas mãos da pequena burguesia reformista, confrontado com o Estado burguês reaccionário – um Estado sem margem de manobra para fazer concessões consequentes. Este Estado conseguiu controlar a situação através da aplicação do falso «*Grande Debate Nacional*», levando a população a ratificar os ataques contra o seu poder de compra e a apoiar as margens de lucro do grande capital. Como era de esperar, o grande capital saiu vencedor do confronto, escapando assim à governação do seu intendente. Com efeito, num tal confronto classe contra classe, não há bairro: ou a revolta triunfa e não há regresso atrás, ou ela é vencida, até à próxima revolta.

Consciência de classe proletária

A propósito da consciência de classe e do seu impacto no movimento popular espontâneo, *Kropotkin* escreve isto a seguir à Revolução Russa de 1918:

"A revolução que experimentámos é a soma total, não os esforços individuais separados, mas é um fenómeno natural, independente da vontade humana, semelhante a um daqueles tufões que subitamente se erguem nas costas do leste da Ásia. Milhares de causas, entre as quais o trabalho de indivíduos separados e até partes inteiras eram apenas grãos de areia, cada pequeno sopro de vento local contribuiu para formar o grande fenómeno natural, a grande catástrofe que renovar ou destruirá, ou ambos, destruirão e reconstruirão". Cada um de nós preparou esta grande mudança inevitável. Mas foi também preparado por todas as revoluções precedentes de 1793, 1848, 1871, por todos os escritos dos jacobinos, dos socialistas; por todos os resultados da ciência, da indústria e da tecnologia, da arte, etc.»⁴

Segundo *Kropotkin*, a consciência de classe revolucionária não é trazida de fora, mas surge dentro da classe em revolta. A revolta de classe é intrínseca à própria existência da classe nas suas contradições e na sua luta contra a natureza, a fim de extrair dela recursos, meios de produção e bens de consumo, e na seu combate social inevitável contra a classe capitalista exploradora, que também conduz a sua luta contra a natureza e contra a classe proletária para forçá-la a valorizar o capital e, assim, garantir a acumulação capitalista e a reprodução da espécie humana. A revolução social terá por vocação resolver o paradoxo entre os meios de produção (compreendendo as forças produtivas) e as relações sociais de produção burguesas inadaptadas.

Reformismo ou Revolução, socialismo ou comunismo ?

No século XXI, aquilo a que a esquerda chama "*Revolução Socialista*" é um anacronismo dos últimos séculos (séculos XIX e XX), a época heróica dos movimentos sindicais progressistas e das organizações políticas da esquerda reformista e reivindicativa, que teve por missão histórica arrebataram concessões democráticas, reformas sociais, melhores condições para a exploração da força de trabalho e descolonização de populações que viviam sob a opressão directa do feudalismo e das potências coloniais, a fim de as fazer aceder ao capitalismo. Para os assalariados, os limites dessas conquistas estão hoje alcançados, assim como os limites económicos e geográficos da expansão do modo de produção capitalista uma vez que a China, a Índia e a África estão hoje integradas na economia de mercado imperialista. E uma vez que o modo de produção capitalista está em crise sistémica, não pode deixar de tentar retomar o que ele concedeu no tempo da prosperidade.

As dificuldades económicas do modo de produção em crise induzem a resistência das populações vítimas das políticas de austeridade económica. Ou estas resistências espontâneas se esgotam e se atolam no impasse das reivindicações que o poder não pode satisfazer; ou estas resistências espontâneas, violentas e anárquicas, são recuperadas pelo poder que as instrumentaliza para justificar novas tributações e novos cortes orçamentais. A guerra de classe do grande capital visa, em primeiro lugar, o proletariado, mas não só, pois, em última análise, o grande capital conduz estas batalhas pela sua sobrevivência em condições draconianas de concorrência mundializada.

Sob o modo de produção capitalista, a guerra de classes resume-se a isto: cada classe social luta para aumentar a sua parcela do valor produzido pela força de trabalho assalariada, geradora de mais-valia. O capitalista extorquiu o adicional – a mais-valia – e concede uma porção do valor para a manutenção da força de trabalho do empregado e de sua família. Em período de prosperidade – quando a produtividade do trabalho assalariado está em alta ao mesmo tempo que a mais-valia relativa – o capital é generoso e concede facilmente aumentos de salário, subsídios, prémios; concede serviços sociais através do seu Estado de gestão do capital social, o que a esquerda designa por «*conquistas sociais*». Em contrapartida, em período de crise económica, o capital impõe a austeridade. Assim, retoma as concessões que tinha feito, desmantela os «*conquistas sociais*», que nunca são «conquistas».

Ao fazer isso, o grande capital captura uma parcela crescente dos orçamentos de estado, em detrimento do pequeno capital nacional, sobrecarregando assim os mercados que dependem das clientelas populares para obter benefícios sociais esmagados por políticas de austeridade. E assim vai a espiral infernal do capital em debandada. Tudo isto explica porque patrões de PME participaram na revolta ao lado dos pequenos burgueses e dos proletários. Durante algum tempo, a esquerda sindical tentou organizar a resistência aos efeitos da crise económica sistémica, sem sucesso, evidentemente. Depois, o proletariado deixou de seguir as suas acções. Era então que os proletários revolucionários deveriam ter tomado o lugar e explicar que a única solução válida era abolir o assalariado, a mais-valia, a exploração e o modo de produção do capital.

No início de um movimento de resistência contra as agressões do capital e do seu estado, é normal que a pequena burguesia e o proletariado através ou fora de suas organizações de colaboração de classe (sindicatos subvencionados, ONGs estipuladas, partidos e organizações políticas eleitoralistas) organizam a resistência de acordo com os princípios e métodos de batalha já gastos: manifestações do tipo procissão, choraminguices, gesticulações e petições vazias, votações de "*protesto*", até que os manifestantes de fim de semana percebam a ineficácia das suas acções, porque elas penalizam senão a população e a burguesia mercantil. Esta maneira de lutar é a herança socialista, comunista, marxista-leninista, trotskista, maoísta dos tempos passados, do tempo da prosperidade econômica, do tempo em que o capital saía da manga algumas migalhas que atirava sobre a mesa de *Grenelle* para satisfazer as correias de transmissão sindicais e de oposição reformista que tinham a tarefa de vender esta panaceia aos operários.

Mas, desta vez, a margem de manobra não estava disponível. Com efeito, a concorrência é tão feroz entre as empresas e as suas margens de lucro tão estreitas que já não resta nada a conceder à «*multidão odiosa*» dos raivosos das rotundas. No entanto, a 10 de Dezembro, o governo, com as suas concessões mínimas, quebrou a "frente unida" da burguesia média, da pequena burguesia e do proletariado. Imediatamente, o pequeno capital nacional retirou-se da aliança da frente unida reformista, como o havíamos suposto. O incidente do *Fouquet's*, durante o pico da violência do Ato XVIII nos Campos Elísios, era previsível. Estes acontecimentos confirmam a ascendência que a pequena burguesia tinha tomado sobre o Movimento dos Coletes Amarelos, sobre o qual flutuava antes um vento de incerteza e de luta de influência entre a pequena-burguesia e o proletariado. Um proletariado que conseguiu, no início, impor a sua vontade, sem contudo impor a sua liderança estratégica e que depois cedeu rapidamente a mão. A pequena burguesia nunca procurou derrubar o sistema capitalista, quando muito queria paralisá-lo a fim de rentabilizar a farta da rua contra melhorias do seu estatuto e dos seus rendimentos.

O primeiro fracasso ocorreu no Acto I, no momento em que se substituiu à paralisia da economia e à ocupação de barricadas em rotundas, as manifestações – procissão pontuadas por casos urbanos. Esses poucos locais municipais (Paris, Toulouse, Marselha, Bordéus, Nice, Lyon, Lille, Rouen) provaram ser o cemitério de grupos militantes onde as polícias podiam dar voz de prisão aos mais comprometidos. O pior não está neste chauvinismo da pequena burguesia e o seu "*black bloc*", mas na perda de eficácia táctica da luta e na divisão que provocou entre os revoltados. Este desvio preparou a liquidação do Movimento que, a partir desse momento, pereceu. É que o grande capital integrou desde há muito a táctica das manifestações-procissões simbólicas, exultantes das frustrações populistas, preferíveis para ele às greves e aos bloqueios do processo de produção e de comercialização. Assim, se a acção militante nas rotundas penalizava o capital de alguns milhares de milhões de euros extraídos dos lucros, cerca de 0,2% do PIB segundo o governo (3 mil milhões de euros) Segundo a Direcção-Geral da Polícia, as geadas de sábado só terão ardidado 170 milhões de euros. 5 Estas estatísticas demonstram por que a «*frente unida interclasses*» é impossível, pois exige que a média e a pequena burguesia sacrifiquem os seus interesses pelos do proletariado. Quando os operários não puderem encerrar o seu orçamento nem

sustentar a sua família, inevitavelmente haverá uma nova revolta social espontânea e independente da classe proletária. Quando um modo de produção deixa de permitir a uma sociedade procriar e prosperar, o seu fim é anunciado.

O segundo fracasso ocorreu quando os burocratas sindicais propuseram um simulacro de **greve geral**, enquadrada e organizada para liquidar qualquer greve insurreccional. O proletariado não se mobilizou em torno desse apelo, sabendo por experiência própria que esses actos sindicais levaram sempre à derrota. O resto está a chegar e, agora que os jovens ambientalistas centrais e os urgentólogos climáticos se propõem assumir pacificamente os protestos populistas, assistimos à Acta final do poder ditatorial que anuncia o fim do cerimonial das procissões dominicais. O resto será amplamente comentado pelos analistas da esquerda eclética que verá nisso medidas "libertárias" (sempre essa mística pequeno-burguesa da democracia e da liberdade sob escravidão assalariada) e que farão um trocadilho sobre as formas de fazer perdurar essas acções de se atirar para o chão.

Até aos anos recentes, o Estado e os partidos políticos cobiçados pelo poder governamental podiam fazer crer que a luta reformista assegurava uma distribuição mais justa da riqueza gerada pelo trabalho assalariado; e procuravam obter concessões do patronato. As múltiplas derrotas e recuos reformistas levaram-nos a rejeitar as antigas tácticas até ao ponto de pôr em causa o objectivo estratégico destas acções de revolta espontânea. Para o proletariado a alternativa é: devemos procurar obter concessões e reformas do modo de produção ou devemos abolir este modo de produção?

A frente unida interclassista

A questão da "*Frente unida interclassista*", que nós diferenciamos da "**Frente unida proletária**", não é uma questão subjectiva ou metafísica. Como qualquer outra questão estratégica e táctica, é principalmente um dilema económico. Quem controla os cordões da bolsa dirige a orquestra social. Não se espere que os negócios da classe média se sacrifiquem pela saúde da pequena burguesia ou do proletariado. Na primeira oportunidade, trairá a chamada frente unida para preservar as suas vantagens, mesmo que pareçam vacilantes. O mesmo acontece com a pequena burguesia sempre pronta a tomar o pó de escampeta para o primeiro obstáculo sério. Sob a crise económica permanente do capitalismo, a pequena burguesia não pode ser socorrida, e o proletariado não deve fazer-lhe nenhuma concessão. O caminho da pequena-burguesia, precipitada na pauperização e na precarização, está todo traçado: deverá reunir sem condições o exército dos proletários revolucionários nas suas guerras de classe. Eis a «Frente Unida Proletária» que propomos.

A organização revolucionária : fruto da revolução

A evolução do Movimento ensina-nos sobre essa orientação inédita, ilustrada pela rejeição radical do aparelho de estado, dos seus apêndices organizacionais sindicais, ONGs e partidos políticos. A partir da experiência dos Coletes amarelos, é preciso deduzir que o levantamento populista espontâneo será assumido pelo proletariado

revolucionário, essa "*vanguarda*" que germinou no colo da prolongada guerra de classes. Como escrevia *Kropotkine*, e contrariamente ao que pretendia *Lenine*; o partido de classe revolucionário não preexiste ao movimento revolucionário, surge espontaneamente como a cristalização de uma fermentação lenta de vários grupos e associações militantes. **A acção insurreccional** transformará o **movimento populista espontâneo** numa **insurreição popular organizada**, não mais com o objectivo de **reformular**, mas de **destruir o sistema, o seu aparelho de estado burguês, e derrubar o modo de produção capitalista, para anunciar a construção do novo modo de produção comunista proletário**. Impelido pelos acontecimentos, o movimento populista inicial transformar-se-á num movimento revolucionário organizado, sempre balouçado entre as diferentes tendências ideológicas, políticas e económicas, resultantes dos interesses divergentes entre as classes sociais em luta na revolução. **A revolução será proletária**, não porque uma seita esquerdista tenha tomado o controle, mas porque o proletariado é a única classe que terá um interesse económico e a capacidade de torná-la a longo prazo. É então que se compreenderá finalmente o verdadeiro sentido da expressão «**ditadura do proletariado**», que não será de modo algum uma ditadura brutal, sanguinária, totalitária, de uma casta de apparatchik sectária e dogmática, mas a simples aceitação por todas as tendências e e todas as forças revolucionárias que o retorno para a exploração e alienação capitalistas não é uma opção. Nada de comum com a URSS bolchevique, a China maoísta, Cuba castrista, os Khmers Vermelhos cambojanos, o Vietname, Angola do MPLA, a Coreia dos Kim, estes países totalitários sob o domínio do capitalismo de Estado assimilado fraudulentamente ao comunismo. É deliberadamente que reafirmamos esta evidência marxista: a **revolução social** não consiste apenas em derrubar o antigo governo e destruir o antigo modo de produção. Esta etapa é chamada a **insurrection popular**. A volta social compreende também a etapa da construção de um modo novo da produção. Esta etapa implica que a classe revolucionária tem a compreensão do futuro modo de produção cujos germes preexistentes no modo de produção atual.

A consciência da classe revolucionária, bem como das suas organizações revolucionárias, não são elementos pré-constituídos, encerrados num casulo que poderia ser extirpado. A consciência de classe não pode ser trazida de fora da sala de aula como verdade revelada - essa concepção tomista releva do misticismo religioso. **A consciência de classe é um construção - um produto da classe**, da mesma maneira que uma obra de arte, um objecto que é ao mesmo tempo concreto (a ideia materializada num projecto de sociedade em evolução) e abstracto (as relações sociais de produção) resultante da actividade da classe que aspira à emancipação, não como um desejo místico - teológico - mas como uma necessidade imperativa para não desaparecer como espécie terrestre. Durante o período revolucionário, a consciência da classe aspirante à emancipação atinge a sua plena maturidade. A consciência social da classe, as teorias e as organizações que a exprimem e a materializam são produções como qualquer outra produção material ou intelectual e estão sujeitas aos princípios e aos mecanismos da praxis antes económica, depois político e depois ideológico e social, segundo a seguinte articulação:

O movimento consolida a classe e reforça a sua consciência;
movimento espontâneo nenhuma classe revolucionária;

Sem
Sem

classe revolucionária não há consciência revolucionária; Sem
consciência revolucionária não há teoria revolucionária;
Sem teoria revolucionária não há organizações revolucionárias;
Sem organizações revolucionárias não há poder proletário; Sem
poder proletário não há revolução proletária;
Sem a revolução proletária não há um novo modo de produção.

A partir destes princípios, resulta que são as condições económicas e sociais objectivas que provocam o movimento insurreccional espontâneo. Não é a classe que cria o movimento insurreccional, é o movimento insurreccional espontâneo que consolida a classe, a começar pelos seus elementos mais militantes envolvidos no movimento. Os militantes conscientes farão progredir a consciência revolucionária até à elaboração de uma teoria revolucionária articulada (ou seja, de um projecto de sociedade, o que é bem diferente de um programa político reformista), que servirá de base à organização revolucionária proteiforme, aberta, inclusiva e federativa. O oposto exato de um partido sectário, dogmático, ditatorial, repulsivo, fechado, exclusivo que os apparatchiks esquerdistas impuseram à classe proletária desde há séculos, com os resultados conhecidos.

Vamos dizer outra vez: a **ditadura do proletariado** não é uma lei de bronze que imponha uma organização centralizada sobre a classe revolucionária espontânea e sobre a sociedade transformada em gulag social. **A ditadura do proletariado** é um princípio geral em torno do qual a classe revolucionária une o conjunto da comunidade: «*não há retorno ao modo de produção e às relações de produção capitalistas alienantes e debilitantes*». A construção do novo modo de produção e das novas relações sociais de produção proletárias comunistas constitui o centro da Revolução Proletária. E cada um é convidado a participar segundo o princípio: «*de cada um segundo as suas capacidades a cada um segundo as suas necessidades*».

No estadio revolucionário do movimento, a espontaneidade desaparece, o nível de consciência da classe amadurece e torna-se mais forte, e depois afirma-se dentro e pelo processo revolucionário, favorecendo assim a consolidação do projecto revolucionário global. **Daqui resulta que o levantamento popular não é a revolução proletária, é a premissa necessária, tanto objectiva quanto subjectiva.** Ao longo da história, as insurreições populares espontâneas abortaram ou foram recuperadas por uma classe social para servir os seus objectivos e os seus interesses de classe. Foi o que aconteceu na Rússia em 1917, na China em 1949 e em todos os países onde ocorreram as lutas de libertação nacional burguesas, muitas vezes chamadas «lutas anticoloniais».6 Estas revoluções socialistas, reformistas, necessárias, permitiram libertar as forças produtivas industriais e desenvolver as relações sociais de produção capitalistas, mas em caso algum foram revoluções proletárias comunistas. Em toda a parte, o movimento insurreccional espontâneo ultrapassou as condições objectivas e subjectivas da revolução proletária, a saber, o pleno desenvolvimento das forças produtivas sociais proletárias. Uma grande depressão económica e uma possível guerra mundial mortífera prepararão as condições objectivas e subjectivas desta próxima revolução internacionalista.

Cada revolta popular, qualquer que seja o país em que ocorre, é uma vaga lançada ao assalto do poder burguês. Vaga que frequentemente vem morrer aos pés da Cidadela do Estado do grande capital. A *Comuna* foi o seu exemplo emblemático por excelência. A *Comuna* foi um trovão - um desafio - que a classe proletária de Paris, ainda embrionária, lançou ao poder do Estado burguês em plena expansão. Naquela época, a óbvia imaturidade das condições objectivas e subjectivas da revolução proletária mundial (a imaturidade da classe revolucionária) levou à inevitável derrota desse levantamento popular. O mesmo acontecerá cinquenta anos mais tarde na república dos soviéticos de todas as Rússias feudais. Igualmente com as ondas da chamada «descolonização», que foi apenas «neocolonização». E mais perto de nós, com as ondas da «Primavera Árabe», e de outras revoltas populares que participam todas de uma mesma acção para assegurar a sobrevivência da espécie humana e cujo epicentro sísmico se encontra no confronto entre o trabalho e o capital, entre o proletariado assalariado e o capital financiarizado.

CAPÍTULO UM: Tudo começou em Paris em 17 de novembro de 2018

Em 17 de novembro de 2018, primeiro dia de bloqueio de rotundas, um autor anônimo, falando no webmagazine **Les7duQuébec.com**, caracteriza as reivindicações, além de defender as reticências das elites da esquerda plural assentam na cerca. Reproduzimos este artigo.

Defender o clima, é muito bom!

Os desdentados estão fora, dizem os colunistas desdenhosos da mídia. Os coletes amarelos aparecem como um movimento espontâneo de alcance inigualável, que propõe de ocupar o terreno favorito de revoltas e protestos sociais: a rua. A desmistificação da ilusão eleitoral vem crescendo há muito tempo na França burguesa e republicana. E desta vez é demais: as urnas são usadas para ilusões há muito tempo. Os candidatos à "recuperação econômica e ecológica" mentiram tanto para os desdentados que decidiram se expressar de outras maneiras.

Além do preço do combustível, que todos os meios de comunicação, políticos e líderes sindicais estão tentando limitar em 17 de novembro, é de fato uma consciência global experimentada pelo povo da França. Longe da "*questão climática*", encobrimento das políticas tributárias que atacam o poder de compra e as condições de reprodução da força de trabalho, o povo da França já teve o suficiente. Exasperado em pagar impostos, quando o estado agendou o fechamento de hospitais, maternidades, creches, escolas e serviços; suficiente, após uma vida inteira de trabalho, para perceber uma aposentadoria (do salário poupado e adiado) insuficiente para viver. Temos de pôr um fim a este mito da "*questão climática*". Se amanhã pagarmos mais por combustível, nossos carros serão menos poluentes? Obviamente não! Portanto, somos penalizados de precisar de um carro para levar as crianças para a escola, somos penalizados por ir trabalhar em um carro, somos penalizados por precisar de um utilitário para praticar um ofício ou profissão. A expansão urbana nos é imposta pela especulação imobiliária, pelas políticas comerciais dos comerciantes do capital, pelos planos de desenvolvimento urbano a serviço do capital.

Demasiado grande para engolir

Todo mundo tem um carro e o usa! Você não precisa ser um gênio para taxar todas essas pessoas que poluem enquanto dirige. Mas o pretexto é falacioso. Apesar do embate ideológico sobre o clima, não podemos esquecer que:

Os grandes navios porta-contêineres (mais de 93.000 no mar) e aviões (várias dezenas de milhares) poluem centenas de vezes mais que os carros.

O preço mundial do petróleo dispara e leva consigo impostos e royalties, segundo nos é dito, o que é duvidoso.

Ambientalismo é fumaça, poluição é mental

Durante anos, políticos ambientalistas ecológicos abriram caminho para sinecuras do governo. A ecologia é o seu sustento diário. Ouça esses líderes da esquerda, todos mais ecológicos que os outros, dizendo que apóiam a ação de 17 de novembro, mas não querem questionar o que chamam de "*esforços para garantir a transição energética*". Eles querem implorar por um corte de impostos na bomba, mas

divulgam a mentira que justifica antecipadamente todos os roubos de impostos que teremos que sofrer mais tarde, isso será apenas parcialmente descontado.

No início do Movimento, *Mélenchon* hesitou em saber se iria marchar ao lado do *Front National* em 17 de novembro. Os trotskistas de *Besancenot* chamavam os coletes amarelos de "*poujadistas*". Todas essas pessoas, ex-ministros, deputados europeus, deputados do hemiciclo, senadores, funcionários eleitos das cidades e dos conselhos departamentais, portanto, todas essas pequenas burguesas são removidas do proletariado e devem permanecer lá. O mesmo se aplica às lideranças sindicais, cujos fracassos, compromissos e demissões permanecem na memória de cada trabalhador: a *Lei El Khomri*, a batalha por aposentadorias, a luta para salvar o status dos ferroviários. A administração sindical é apenas eficiente na organização de manifestações fúnebres em um contexto de música techno. Apenas capaz de ser "parceiro social" para se beneficiar da generosidade dos empregadores e do Estado, apenas útil para apoiar um punhado de trabalhadores permanentes interessados na perpetuação de nossos tormentos.

O desprezo dura apenas um tempo

O que caracteriza todos esses especialistas (poderosos pelos poderes que detêm), membros do governo, líderes de partidos políticos de todas as persuasões e lealdades, burocratas sindicais, organizadores de ONGs subsidiadas, é o desprezo que demonstram por o povo. No entanto, neste movimento, é apenas uma questão de lutar por dignidade e sobrevivência.

É uma revolta maciça que não pode ser reduzida a uma massa disforme e inconsciente de eleitores decepcionados, pessoas amarguradas ou apoiadores fanáticos.

Ao longo da história dos movimentos espontâneos dos povos, desde 1789, passando por 1830, 1848, *La Commune*, *Mai 68*, houve homens providenciais para nos mostrar o caminho, houve doadores de lições que, depois que a tempestade passou, guarde suas frases grandes na gaveta de acessórios. Não há dúvida, neste 17/11, que de reconquistar o que fomos ensinados a esquecer: solidariedade diante das adversidades, a percepção de que juntos somos fortes e que todos eles, com suas discursos, sua Europa e seus euros, eles são fracos.

Nós, comunistas, acolhemos com satisfação essa insurreição como o primeiro sinal (após décadas de servidão) do despertar de um novo sentimento coletivo, portadores do futuro. Nós comunistas saudamos todos aqueles - e para muitos é a primeira vez - que vão mostrar aos governantes e seus servos o que um povo pode fazer. No entanto, a burguesia francesa tem experiência e mais de um truque na manga. Os próximos meses verão como, com seus colaboradores de esquerda, ela tentará derrubar o Movimento que atualmente está procurando por si mesmo.

Seja qual for o resultado, o dia 17 de novembro de 2018 deve ser visto como uma brecha na qual milhões de pessoas experimentam a luta de classes em grande escala. Aos comunistas que estejam com eles, entre eles, para explicar que não há nada de definitivo nem de inexorável na nossa miséria. As causas da miséria, da

precariedade, do desemprego, da má alimentação, da poluição, da guerra são conhecidas e os remédios também. Não temos de nos curvar nem de nos submeter aos poderosos deste mundo.

CAPÍTULO DOIS: Coletes amarelos contra as mudanças climáticas

Duas classes sociais - duas visões diafásicas

O pequeno-burguês está preocupado com o "*fim do mundo*", o proletário está preocupado com o "fim do mês" que anuncia o fim do mundo. A expressão, usada por um manifestante, floresceu. Como conciliar os requisitos do poder de compra com os

imperativos ecológicos e climáticos? A fórmula foi ecoada por Macron em seu discurso sobre a transição energética: "*Nós ouvimos, ele disse, eles falam sobre o fim do mundo, nós estamos falando sobre o fim do mês. Nós vamos lidar com os dois - ele mentiu. A questão é obviamente: como essas duas prioridades serão tratadas e para servir aos interesses de quem?*"

A ideologia ecológista

O estado capitalista, ao adotar uma ideologia ecológista e verde, procura enfrentar o problema social que também nutre. O objetivo é transformar o setor ambiental em fonte de renda e emprego estável para a pequena burguesia empobrecida e precária. Os pequenos-burgueses são contratados com alto custo como funcionários públicos, pesquisadores ou jornalistas, administradores de ONGs, advogados e guardiões das leis ambientais; ou elaborar relatórios sobre os impactos de investimentos e infraestruturas. E o que não é menos importante: o ecológista se torna o representante da nação regida, a burguesia estatal dirigindo efetivamente todo o corpo social. Este recrutamento ecológico do cidadão é apresentado como um movimento internacional, graças ao qual o grande capital europeu espera obter a adesão das populações europeias para apoiar a União e o euro contra seus concorrentes comerciais americanos e chineses. Podemos ver que é o agravamento caótico da competição comercial que motiva esses patrocinadores da emergência climática.

A revista Nuevo Curso vai mais longe e cheira que: "o motivo oculto dessas mobilizações ecológicas-climáticas é ainda mais sinistro. A paixão do chanceler Merkel promove a extensão de mobilizações verdes para a Alemanha deve acender um sinal vermelho. Que o jornal "Le Monde" pergunte no editorial se "podemos salvar o clima preservando as liberdades dos cidadãos" deve ser entendido como uma declaração de objetivos. Como já vimos nas eleições da Baviera, a burguesia europeia interpretou a ascensão dos Verdes não apenas como resultado da crise alemã, mas também como base de uma batalha comum a favor do grande capital continental para canalizar a rebelião da pequena burguesia amarga. Daí as comparações permanentes com os "Coletes amarelos", o contra-exemplo que assusta o grande capital europeu. Além disso, o último relatório do IPCC já havia servido para abrir esse debate sobre a necessidade de uma "ditadura global do clima", ou seja, sobre a conveniência de um novo discurso imperialista universalista, como foi o anti-fascismo em 1939 e o anti-comunismo até 1990. A mudança climática tornou-se assim uma bandeira útil para os imperialistas europeus contra os Estados Unidos e a China. E o que poderia ser melhor do que fazer isso acontecer pelos jovens?"⁷

Emergência ambiental e climática

Vamos pegar o problema ambiental da raiz. A razão de ser de uma espécie ou de uma comunidade social é a reprodução. A questão ecológica, ambiental ou climática deve ser abordada sob a lente desta premissa. Essa premissa levanta a seguinte questão: como garantir a reprodução social da espécie humana em condições climáticas contingentes e instáveis? Desde o início dos tempos, as sociedades humanas

responderam a esse desafio projetando vários modos de produção, o mais recente dos quais é o modo de produção capitalista, industrial e urbano, sobrecarregado com suas relações de produção opressivas e alienantes.

Um modo de produção é um conjunto de processos, procedimentos e inter-relações através dos quais a sociedade humana se reproduz explorando dois recursos fundamentais: por um lado, **a natureza** (minerais, água potável, energia, terra árabe, terra rara, oceano, atmosfera, fauna e flora, etc.); por outro lado, **o ser humano**, a sua força de trabalho. O segundo recurso trabalha primeiro para transformá-lo em bens consumíveis. No modo de produção capitalista, cada fator de produção representa um **custo** (uma despesa de capital variável ou de capital constante) que será reconhecido no final para dar o valor da produção (da mercadoria). A única fonte de valor é a **força de trabalho** (o trabalho assalariado, digamos). Incidentalmente, a força de trabalho é ela mesma uma mercadoria que, pela sua actividade, transforma e valoriza todas as outras mercadorias, e paradoxo, se desvaloriza a si mesma (através da tecnologia e das máquinas-ferramentas). E o ciclo de valorização-acumulação continua, assim, numa espiral interminável. Estranha forma, como você diria, de abordar «*a emergência energética e climática*»? No entanto, estamos bem no centro do problema. Desde o início dos tempos, o homem, através do seu trabalho, retira recursos da natureza para os transformar em produtos consumíveis, a fim de assegurar a reprodução da espécie. A sociedade humana, pelas suas actividades, explora a natureza, transforma-a, polui-a e contamina-a. Produz resíduos e modifica o ambiente, deixando uma pegada ecológica tanto mais marcante quanto o homem se difunde rapidamente, aumentando assim as suas necessidades sociais.

Vetores econômicos da deserência

Um modo de produção é um conjunto de processos, procedimentos e inter-relações pelas quais a sociedade humana se reproduz explorando dois recursos fundamentais: por um lado, **a natureza** (minerais, água potável, energia, terras árabes, terras raras, oceano, atmosfera, flora e fauna etc.); por outro lado, **o ser humano**, sua força de trabalho. O segundo recurso trabalha o primeiro a transformá-lo em bens de consumo. Sob o modo capitalista de produção, qualquer fator de produção representa um custo (um gasto em capital variável ou capital constante) que será contado no final para dar o valor da produção (da mercadoria). A única fonte de valor é a força de trabalho (trabalho assalariado, digamos). Aliás, a força de trabalho é ela mesma uma mercadoria que, por sua atividade, transforma e valoriza todas as outras mercadorias e, paradoxalmente, se desvaloriza (por meio de tecnologia e máquinas-ferramenta).

A economia é a ciência que estuda os modos de produção e sua evolução. Hoje, dois vetores econômicos são diferentes: **o primeiro vetor** diz respeito à quantidade de resíduos a destruir, a enterrar, a neutralizar (gases com efeito de estufa), a conter (derrames poluentes), ou a reciclar. Este problema está à medida das imensas capacidades de produção industrial (robô mecânico e digital, inteligência artificial, etc.) das nossas sociedades contemporâneas urbanizadas, cujo progresso médico e melhorias sanitárias permitiram aumentar a esperança de vida. De tal forma que 8

mil milhões de seres humanos trabalham hoje em dia para se reproduzirem a partir dos ainda imensos recursos do planeta. Ainda estamos longe de ter esgotado os recursos do planeta, e a inteligência humana – uma parte integrante da força de trabalho – imagina todos os dias novos processos, novos métodos e novas técnicas de despoluição e reciclagem, de economia de energia, de remediação aos cataclismos ecológicos.

O segundo vetor, que diferencia as sociedades modernas, deriva da singular economia capitalista, sujeita a uma crise de superprodução permanente, enquanto a taxa real média de lucro está caindo. No entanto, para o capital em crise, cataclismos naturais, resíduos comerciais, resíduos de mineração, fumos industriais, excrementos agrícolas, derramamentos no meio ambiente, resíduos tóxicos para enterrar, destruir, neutralizar, conter, ou os estudos e precauções ambientais a serem tomadas, antes e depois da exploração dos recursos, são todos custos - tantos fatores debilitantes de produção - que pesam sobre os lucros das empresas.

Sob o modo capitalista de produção, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma no custo de produção (capital constante - matérias-primas - energia - máquinas - capital variável - encargos sociais - salários - impostos) ou lucro . Reduzir ou apagar a pegada ecológica de uma instalação de produção, transporte ou marketing envolve custos. A empresa deve arcar com esses custos, prejudicando sua competitividade e lucratividade. Em particular, quando seu concorrente não está sujeito às mesmas regras ambientais vinculativas, ou, se recebe uma ajuda do governo para limpar, enterrar, erradicar, eliminar, conter, conter ou reciclar seus resíduos, fumos, resíduos e contaminantes.

Assistência estatal para manter a taxa de lucro

Obviamente, os déficits recorrentes dos governos e o superendividamento dos Estados não permitem, ao mesmo tempo, aumentar os subsídios às empresas poluidoras e aumentar o orçamento dos serviços públicos, em particular o orçamento social alocado às populações carentes. Portanto, as escolhas são necessárias. Se o Estado tributa o poluidor institucional, empresarial ou comercial, ele causará desemprego e uma queda em sua receita tributária, comprometendo ainda mais o equilíbrio orçamentário nacional. Se o Estado tributa os salários para apoiar as empresas "verdes" e os programas de transição energética ecológica, sobrecarregará o poder de compra do proletariado e reduzirá o consumo e, subsequentemente, a valorização do capital, reduzindo as saídas de empresas com excesso de produção, diminuindo sua margem de lucro e sua capacidade de investir para reduzir sua pegada ecológica. Como podemos ver, o ciclo do capital tem leis imutáveis. Assim, nem a vontade humana nem os partidos políticos reformistas podem nos proteger dela. Ou mudamos o modo de produção ou continuamos a navegar de uma crise econômica para uma emergência ecológica.

Jovens mobilizados para salvar o planeta

Os jovens que se manifestam nas ruas dos países ocidentais com gritos de "emergência climática" e: "Abaixo o produtivismo" atingem o alvo errado quando condenam todos - os proletários e as classes trabalhadoras - por danos ambientais, emissões de gases de efeito estufa, derramamentos de poluentes e outras calamidades ambientais. A reprodução como espécie envolve pegada ecológica e poluição. Devemos exterminar a raça humana ou nos livrar do complexo industrial-militar e do capitalismo, esse é o dilema. Essas populações que os alterglobalistas e os ecosocialistas tentam tornar culpados não têm poder de decisão sobre os fatores de produção, sobre os poluidores não pagantes, sobre as empresas poluidoras que primeiro devem pagar dividendos e aumentar seus ativos nos leilões da bolsa antes gastar para limpar. Os trabalhadores e as classes mais baixas não têm mais controle sobre funcionários públicos e administradores. Em contrapartida, os políticos exaltam esses estudantes, esses *imbecis úteis*, que propõem que os assalariados paguem (mas não conseguem encerrar os seus fins de mês) a fim de travar a poluição sobre a qual não têm qualquer influência. Entreguemos todos os poderes económicos, políticos, mediáticos e ideológicos aos proletários e depois poderemos acusá-los de tergiversação.

O mito democrático da "*opinião pública*"

Vamos mobilizar a poderosa "*opinião pública cidadã*", propoem os ecologistas, os esquerdistas e os alterglobalistas, esses profissionais que choram em ativismo choroso e a hilariante "cidadania". **A opinião pública é um construto**, resultado do trabalho de fabricação, uma mercadoria com valor comercial. A opinião pública cidadania é o produto da atividade da mídia, propriedade de grandes empresas, que condiciona permanentemente pensamentos e mentalidades. Tanto é assim que quem deseja desenvolver sua compreensão dos eventos deve selecionar as fontes consultadas. Como resultado, mais e mais pessoas não confiam mais na mídia convencional e estão se voltando para mídias digitais alternativas. Os jovens manifestantes ambientais afirmam reunir *a opinião pública* por sua agitação infantil. Eles afirmam ser capazes, por simples golpes, de forçar o Estado burguês a legislar para salvar o planeta, em vez dos lucros das empresas. Em particular pela introdução de medidas fiscais socioeconômicas (sic). É exatamente isso que o Estado burguês exige: a saber, ser forçado por essa "*opinião pública cidadã*" que condiciona tributar o proletariado, a fim de subsidiar os empregadores (carros elétricos subsidiados e imposto sobre carbono são dois exemplos). Mas não vai funcionar, porque tudo o que é retirado do proletariado no poder de compra reduz as vendas e, conseqüentemente, a renda dos empregadores.

O mesmo acontece com a batalha da chamada *opinião pública cidadã*, como mascaradas eleitorais. Neste jogo, para ganhar, você tem que controlar a mídia. Para fazer isso, precisamos de muito dinheiro, os tendões da guerra da *opinião pública cidadã*. Estudantes e jovens agem como manifestantes para enganar os trabalhadores e fazê-los pagar pelos "crimes" ecológicos dos quais são vítimas.⁸

CAPÍTULO TRÊS: Estratégia e tática dos Coletes amarelos

Um movimento populista espontâneo

Em um capítulo anterior nós desenvolvemos sobre as ligações práticas que ligam o desenvolvimento **tático** da luta de classes e o objetivo **estratégico** final dessa luta: primeiro derrubar o poder econômico e depois o poder político do capital, em outras palavras, destruir o estado burguês. E o poder ideológico do capital, você pergunta? Vamos retomar esta equação que vincula objetivos táticos e objetivos estratégicos da luta de classes em cada estágio de seu desenvolvimento. Há mais de um século, a classe proletária conduz lutas diárias na esfera econômica pela defesa de suas condições de vida e de trabalho, defesa do valor econômico de sua força de trabalho, fonte de todo valor e toda riqueza social. **Essas lutas de classe na frente econômica só podem ser reformistas, no sentido de que visam apenas garantir as condições de reprodução da força de trabalho contratada para valorizar o capital.** Até agora, a classe proletária liderava essas lutas de acordo com um padrão acordado que emergia de um século de experiência acumulado e cristalizado por diferentes correntes da união e da esquerda política. A observação dos repetidos fracassos dessas lutas reformistas, após maio-68 em particular, e mais especificamente após a crise econômica de 2008, levou a classe proletária a questionar alguns dos métodos antigos e algumas das antigas táticas de combate. Amadureceu no subconsciente da classe, sem o conhecimento dos burocratas sindicais paralisados e dos gurus da esquerda dogmatizada. O Movimento espontâneo dos Coletes amarelos é a manifestação objetiva dessa personificação prática da profunda consciência de classe. A luta de classes na frente econômica e política se espalhou para a frente ideológica, a fim de condensar o progresso da luta nas várias frentes ou instâncias da guerra de classes. Este volume visa contribuir para essa luta na frente ideológica, fazendo um balanço do aprendizado adquirido durante essa revolta social radical, para que, na próxima rodada do confronto, coletivamente nos beneficiemos desse conhecimento acumulado no subconsciente da classe proletária. Repetimos incansavelmente: a tarefa da "vanguarda" proletária não é trazer a consciência para a classe, mas contribuir, desde o interior do movimento popular, para o reforço da consciência revolucionária e sua predominância.

Sem dúvida, o movimento populista espontâneo marca, pelo menos para a França, o início de uma nova era na luta de classes. Um renascimento anti-sistema capitalista transcendendo as lutas econômicas reformistas. Certamente os coletes amarelos não venceram essa luta. Mas isso não significa que a experiência seja desprovida de ensino e aprendizado. Pelo contrário. Esse levante é o experimento mais avançado para primeiro reformular a luta contra o poder econômico e depois subordinar a luta contra o poder político e ideológico.

O reformismo

O *reformismo*, como orientação política, é uma corrente de pensamento que contaminou a esquerda racoleosa e remendada e os movimentos como *Indignados*, *Nuit debout*, *Occupy Wall Street* e outras manifestações reformistas da pequena burguesia. Se o contrato social reformista, que pontuou as relações de trabalho e dominou politicamente por mais de um século, agora é repudiado pelo trabalho assalariado, é que os empregadores, o primeiro, negaram-o. O grande capital internacional não pode mais conceder os salários reais e as condições de vida e trabalho concedidas durante os anos de expansão do imperialismo ocidental (1945 - 1975). Pior, desde a grave crise econômica de 2008, o capital internacional adotou uma vasta ofensiva global para sua sobrevivência. Ele está liderando essa ofensiva em duas frentes econômicas ao mesmo tempo.

Dentro do capital globalizado, algumas facções se unem e formam uma aliança para capturar os mercados, os setores de recursos e as esferas de exploração da mais-valia, fonte de valor de mercado. O governo dos EUA é o mais responsivo nesse campo, com suas políticas de aumento de tarifas atingindo seus aliados e concorrentes. O governo chinês é o mais proativo nessa área com seus projetos de investimento faraônico. Do lado de fora do capital globalizado, a luta de classes está engajada em todas as direções contra o proletariado internacionalizado, a fim de retirar as concessões e fazê-lo pagar o preço da recuperação econômica. Recuperação econômica sem chance de se materializar. Desta vez, os trabalhadores não devem concordar em se tornar a bucha de canhão da guerra em preparação. Eles terão que tirar proveito das dificuldades de seu inimigo de classe para derrubar seu estado e destruir seu modo moribundo de produção. Eis a nossa compreensão do conceito de «*lançador de alerta*». O Movimento dos Coletes Amarelos é o mais recente alerta que a classe proletária francesa lançou em direção ao proletariado internacional. Os proletários revolucionários são as correias de transmissão deste alerta retumbante.

Essa corrente que emergiu espontaneamente da base social rejeitou instintivamente as políticas da esquerda e da direita burguesa e rejeitou espontaneamente as polichinelas que compartilhavam o poder político por mais de um século, alternadamente (esquerda / direita) sob as ordens dos chefes, os verdadeiros mestres do poder econômico e, portanto, do poder político, jurídico, mediático, militar e ideológico - esses órgãos subordinados ao poder econômico. A realização dessa articulação de poderes foi a novidade dessa França amarela, que dá uma pista para a consciência de classe proletária. Essa consciência imanente de classe é fruto das experiências concretas vividas pelos proletários de todo o mundo desde os primórdios do movimento operário da 1ª e da 2ª Internacional, e depois da 3ª e da 4ª Internacional. Essas experiências de luta foram enquadradas pelas organizações da esquerda e / ou da direita tradicional, encarregadas de arranjar formas de saída, permitindo negociar um resultado favorável aos interesses do capital. Como a classe conseguiu sobreviver com as concessões dos chefes, poucos militantes se rebelaram e a colaboração de classe, realizada às custas do proletariado, satisfazia a indústria sindical de negócios, a das ONG cidadãs subsidiadas e os políticos da direita e da esquerda reformista.

O subconsciente da classe proletária está tão imbuído desses ensinamentos e desses aprendizados que o consenso foi estabelecido espontaneamente entre os militantes para recusar qualquer organização formal (que eles corretamente consideravam

potencialmente sectária e dogmática); rejeitar qualquer representação (que eles corretamente percebessem como elitista e dissociada da base militante); desconfiar da delegação de poder (que é o fermento do sectarismo e do elitismo), atitude e comportamento que o regime do capital denunciou com veemência e o que a pequena burguesia infiltrada tentou transformar. O apelo dos pequenos burgueses e dos políticos profissionais para transformá-lo em organização política permanente, para despedir Macron e dissolver a Assembleia, para convocar uma Constituinte ou para iniciar o Referendo de Iniciativa Cidadania (RIC), ou ainda para participar nas mascaradas eleitorais burguesas, tantos espelhos com cotovias para pequenos burgueses atraídos por um assento bem remunerado às assembleias e aos comités, não encontraram ecos junto dos militantes proletários empenhados. Estas propostas democráticas demagógicas só eliminaram os bobos e os seus subordinados que queriam manter a mão sobre o Movimento, a fim de enriquecer o seu atolamento.

O único objetivo estratégico do Movimento

A revolta nasceu em torno de um objetivo estratégico que obteve consenso em sua expressão militante radical, embora ele parecesse confuso a princípio. Isso atesta que o movimento não foi controlado pelas antigas organizações sectárias e dogmáticas da esquerda ou da direita, que se destacam na arte de silenciar qualquer divergência e colocar todos sob o domínio ideológico de seus gurus. É saudável que muitos ativistas tenham formulado suas recriminações e, portanto, participado do desenvolvimento da advocacia comum que, apesar da aparente cacofonia, tornou-se unificada como o progresso da luta concreta. Assim, as múltiplas demandas políticas reformistas foram gradualmente varridas, deixando apenas um objetivo estratégico. O erro dos amarelos - um erro que os levou a afundar - não foi estratégico, mas tático.

O objetivo **estratégico** dos Coletes amarelos era defender o poder de compra dos funcionários estrangulados pelo sistema de lucro anêmico. Em outras palavras, seu objetivo econômico estratégico reformista era manter, se não aumentar, o valor e o preço de venda de sua força de trabalho e, conseqüentemente, impedir o ataque do capital e seu estado fantoche na frente econômica da luta de classes. Foi desde o início uma demanda reformista de resistência de classe, mesmo que os proletários não soubessem expressá-la nesses termos. Isso pouco importa, exceto para os esquerdistas dogmáticos. **Esse objetivo estratégico reformista era essencialmente insurrecional, uma vez que a crise econômica sistêmica do capitalismo impossibilitava sua satisfação.**

Cada euro de aumento salarial teve que ser retirado do fundo de lucros de capital no processo de naufrágio. Isso explica as concessões miseráveis (SMIC, ligeiramente acima, queda fictícia de impostos rapidamente compensada pela inflação e pela depreciação do euro, aumento de tarifas por serviços e aumento de impostos). **Nestes tempos de grave crise econômica, quando o sistema capitalista está prestes a implodir, tal reivindicação salarial era potencialmente insurrecional,** porque o capital não se beneficia de nenhuma margem de manobra, que o thuriferario dos banqueiros confirmou uma certa terça-feira na Televisão francesa por promessas vazias e enganosas. Se o proletariado francês percebesse que o momento insurrecional era propício, tais promessas falaciosas o levariam a

endurecer suas posições e a manter suas reivindicações legítimas, uma vez que era sua sobrevivência física, como classe social explorada, que dependia dele. Mas, em sua imensa sabedoria, o proletariado francês percebeu que as condições da insurreição não eram cumpridas.

Os trabalhadores militantes disseram diretamente: "*Não vivemos mais com esses salários de miséria, mal sobrevivemos*". Mas a partir do momento em que a classe proletária (seção francesa), subodorizante da imaturidade da conjuntura insurrecional, começou a abandonar a ocupação dos pontos de volta e a renunciar à greve geral ilimitada, o Movimento entrou em colapso. Em vez disso, prevaleceram as táticas pequeno-burguesas das procissões e pântanos urbanos. E foi feita do movimento popular de que a pequena burguesia assegurava a direção exclusiva e que se liquidava pouco a pouco, contra algumas falsas promessas. Esse é um aprendizado fundamental que os ativistas proletários devem manter em sua consciência profunda.

Agitação pequena burguesa

Obviamente, durante os eventos de muitas organizações, pequenos grupos, seitas, comitês e associações de pequenos burgueses, zangados por se verem empobrecidos e proletarizados, ficaram inquietos e tentaram tomar o comando para colocá-lo ao seu serviço para fins reformistas. É evidente que estes mesmos pequenos burgueses que controlam as organizações de trabalhadores (sindicatos, partidos, mútuas, cooperativas, associações, ONG, etc.) desde há um século têm feito ramagem e devastação entre a classe operária, que hoje dificilmente se reorganiza longe da hegemonia dos bobos, essas correias de transmissão do grande capital. Mas não nos deixemos confundir por esta agitação periférica e concentremos a nossa atenção no essencial: os interesses fundamentais da classe proletária, única classe revolucionária sob o capitalismo imperial, e a forma de os defender até à insurreição popular, o próximo objectivo estratégico.

A chamada "*classe média*"

Note-se que os pequenos-burgueses, cães de guarda do capital, não formam uma "classe média", um conceito inventado pela Escola Americana de Sociologia. Essa fantasia sociológica visa apenas mascarar a luta de classes entre trabalhadores e proletários contra a pequena burguesia, a burguesia e o grande capital internacional. Uma classe social não é definida por sua renda, mas por sua função no processo de produção. A atual crise existencial da pequena burguesia advém do fato de ser expulsa do processo de produção - assim como os trabalhadores por acaso - e de estar preocupada com seu futuro individual e coletivo. Esse processo econômico em andamento no mundo capitalista está levando trabalhadores e pequeno-burgueses a atravessar cada vez mais frequentemente as barricadas da luta de classes. A luta dos proletários revolucionários visa preservar sua autonomia política de classe, de modo a não recair nas rotinas do reformismo de direita ou de esquerda pequeno-burguesas. Através de análises estratégicas e táticas, conseguiremos garantir a hegemonia do proletariado. Você deve ter notado que não escrevemos "*a hegemonia do partido sobre o movimento de classes*", pelo motivo que o registro de um século de luta da classe trabalhadora sob a tutela de partidos de esquerda, leva-nos à conclusão de que

esta via organizacional conduz invariavelmente ao impasse sectário, dogmático, oportunista, ao reformismo político, à colaboração de classe e ao nacionalismo chauvinista, quando não ao fascismo.

Uma variedade de táticas de luta

Um objetivo estratégico dessa importância (impedir o ataque do capital contra nossas condições de vida e de trabalho e manter o valor de nossa força de trabalho) continua com uma variedade de táticas de combate. Vamos dar uma olhada em algumas das táticas de guerra de classe implementadas espontaneamente.

Primeira tática inédita: Bloqueio das vias de circulação com o objectivo de paralisar a economia, ou seja, a circulação do capital, portanto, de o sangrar e de impedir a sua rentabilidade. Ao contrário dos sempiternos desfiles de carnaval onde suplicamos ao soberano do Estado dos ricos que se dignasse prestar atenção às queixas dos seus súbditos, esta tática de confronto era potencialmente insurgente, porque atacava directamente o capital, os seus lucros, a seiva que o mantinha vivo, para além de uma fábrica ou de um sector industrial em particular. Lembrai-vos desta procissão dos servos russos que iam implorar a caridade do czar, o pequeno pai dos povos de todas as Rússias, e que foram massacrados aos milhares. O mito político reformista da vida dura entre a esquerda. Na época, os bolcheviques lideraram a cerimônia de sacrifício. Hoje, são os CGT / CFDT / FO / SUD que lideram a bola atemporal das procissões eternas de encantamentos.

No verão passado, os trabalhadores ferroviários, durante a greve parcial, tentaram essa tática de bloquear o transporte de trabalhadores e mercadorias, indicando que a tática insurrecional de bloquear a economia estava entrando no subconsciente da classe proletária francesa, o mais militante do continente europeu.

Manifestações de resistência resiliente

Uma tática complementar foi rapidamente imposta para reforçar e radicalizar as táticas de paralisar a economia. Ao contrário das demonstrações dos tipos de procissões-parades, que debilitam o pessimismo disseminado, as demonstrações de resistência, como as muito militantes dos coletes amarelo, em Paris e nas províncias, têm a utilidade de demonstrar a pugnacidade e determinação dos militantes, e especialmente de galvanizar as tropas proletárias nos círculos selados após cada "Ato" espontâneo. No entanto, o bloqueio da economia - da circulação de mercadorias e, portanto, dos lucros - continua sendo a tática da luta decisiva na frente econômica da luta de classes. Por esse motivo, ela deveria ter sido fortalecida e não abandonada. É neste capítulo da luta que a pequena burguesia infiltrada cometeu seus piores erros. Os pequeno-burgueses vacilam diante da violência das manifestações e da potencial violência que poderia surgir de um completo bloqueio de rotatórias, trens, estações ferroviárias, portos e aeroportos. Se a esquerda quisesse dar uma contribuição útil no conflito entre capital, estado e proletariado, deveria ter reforçado as linhas de piquete, porque o bloqueio do transporte de mercadorias e trabalhadores, bem como as refinarias de petróleo, teria colocado o estado burguês

de joelhos, ao mesmo tempo que seus patronos do grande capital; assim, a insurreição popular estaria na agenda.

A greve geral, arma ultima do proletariado

Um leitor da nossa revista na web declarou: "*A greve geral é a arma ultima dos trabalhadores na frente econômica da luta de classes*", o que é verdade. A greve geral interrompe a circulação geral do capital e estrangula a avaliação e, portanto, a acumulação de capital. Hoje em dia, porém, onde a economia depende muito do transporte de mercadorias e do movimento dos assalariados, existem diferentes maneiras de iniciar uma greve geral. Ao bloquear o transporte de mercadorias e a movimentação de trabalhadores para os locais de exploração da força de trabalho, o mesmo resultado é obtido com a greve de oficinas, fábricas e canteiros de obras. Se os trabalhadores ferroviários não tivessem sido paralisados pela burocracia sindical, teriam relançado a greve, mas desta vez de forma contínua e ilimitada. Acabaram-se as greves de pérolas.

Enquanto alguns desfizavam a ladainha das suas reivindicações políticas reformistas e pensavam em participar na próxima farsa eleitoral, os ministros pensavam que o seu governo fantoche estava em suspenso. Quem não sabe domar a plebe não merece governar o estado dos ricos, pensou a oligarquia. A ministra Penicaud, numa língua nova indescritível, lançou óleo sobre o fogo, sobre a LCI: «*Um impulso ao SMIC, sabemos que destrói empregos, portanto não é o método certo*». Tudo é dito pelos mesmos que estão encarregados da manutenção do sistema falido. O sistema econômico capitalista é incompatível com a sobrevivência da classe proletária. Sob este modo de produção, declara a ministra lúcida: "*se você aumenta os salários e dá aos trabalhadores o suficiente para sobreviver, destrói seus empregos e os leva à miséria*". Então, senhoras e senhores da esquerda e da direita, juntos, a questão se resume a isso: "*Devemos salvar o sistema capitalista ou devemos salvar o proletariado, que está decaindo?*»

Não podemos fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Se o proletariado quiser ser o artífice da sua emancipação, deverá derrubar não o regime, não o sistema, mas o modo de produção capitalista moribundo.

Quando tudo tiver sido dito e tudo tiver sido consumido, o proletariado compreenderá que a defesa do poder de compra (do preço de venda da força de trabalho) conduz directamente ao confronto com o capital, para a sobrevivência individual e colectiva da espécie humana. Atingidas o clímax deste confronto insurreccional, abrir-se-ão duas vias ao proletariado: a do reformismo político pequeno-burguês para a obtenção de alguns benefícios efémeros concedidos em tempo de prosperidade e que o capital retomará imediatamente; ou então a da Revolução Proletária que destruirá definitivamente este modo de produção moribundo, criando as condições para a edificação de um novo modo de produção sem trabalho, sem moeda, sem lucro e sem proletariado.

A mercadoria "informação"

A mídia produz e comercializa uma mercadoria única, a informação – o entretenimento e a comunicação - que deve trazer receita e lucros para empresas multinacionais de comunicação. A pequena burguesia da mídia trabalha nessa superestrutura e sua função é regular o funcionamento desse sistema de doutrinação ideológica. Para esses escribas, é uma questão de formatar a opinião pública para garantir sua submissão, evitando recriminações e revoltas. Se fosse necessário demonstrar sua devoção aos chefes de capital, o tratamento dos Coletes amarelos era o exemplo perfeito. Na França, a maioria da mídia pertence a um pequeno número de grandes grupos financeiros, como em outros países do mundo.

A pequena burguesia sobre a chamada *liberdade de informação* tende a explicar a submissão de escritores de meia tigela pela concentração da propriedade da mídia: *"Dez bilionários assumiram o controle de grande parte da mídia francesa. Esses oligarcas, da construção civil, armamentos, indústria de luxo e telefonia, monopolizaram os principais jornais nacionais, canais de televisão e rádios, para diminuir sua influência. E assim, conflitos de interesse, censuras, pressões, demissões, interferências prejudiciais ... Essa concentração dos meios de produção de informações nas mãos de alguns compromete a independência da imprensa em nosso país. . E assim mina o funcionamento democrático (sic). Como garantir a liberdade de informação e o pluralismo da imprensa?"* Um pedante está indignado.⁹

A mídia atua abertamente como órgãos do poder financeiro e do estado. Como prova: durante a revolta, a mídia francesa não quis ver a violência permanente imposta pelas dificuldades econômicas, a violência social, a violência dos patrões, nem a violência da polícia nas linhas de piquete, nem a violência do estado sitiado. Para esses meios de comunicação, essa violência não existia. Os escritores de meia tigela estão condicionados a ver apenas a violência circunstancial e residual expressa pela destruição de algumas vitrines de restaurantes, lojas ou bancos, incêndio de carros e marcas nas paredes. Esse foco nessa violência reativa de pequena escala visa ocultar a violência estatal, política, econômica e social e, de maneira correlata, reverter as responsabilidades e culpabilidades da violência. Deve-se notar que essa atitude e comportamento dos agentes da mídia a soldo não é controlada de cima, do proprietário bilionário ao escritor de meia tigela banal. Para conseguir um emprego, mesmo que seja um funcionário dessas empresas onde você fornece informações sobre mercadorias, você deve ter o perfil de emprego e fé democrática, acreditar em bailes eleitorais, compartilhar os valores burgueses e ter a fibra patriótica. Garantido a recrutar agentes formatados de acordo com esses valores dominantes, que necessidade o bilionário teria para explodir o futuro ou as "notícias falsas" no ouvido de seus manobristas? É de pouco interesse notar que dez bilionários controlam 80% dos meios de propaganda da informação na França. Si seriam cinquenta, o resultado seria o mesmo e nada mudaria em termos de autocensura imposta por jornalistas e chefes de mesa para manter seus empregos. O que é importante observar é em que setor econômico esses bilionários investiram seu capital. São negociantes de armas, magnatas da construção, comerciantes de artigos de luxo e comerciantes em massa.

Perda de confiança popular nos meios de comunicação social

Com a revolta dos Coletes amarelos, as últimas mentiras sobre a chamada liberdade de imprensa foram desmascaradas. As pessoas não acreditam mais nesses mentirosos profissionais. Os próprios meios de comunicação tornaram-se conscientes dessa realidade. Esta é uma consequência importante da revolta dos "amarelos". Essa crise de confiança é explicada, segundo a maioria dos franceses, pela falta de independência dos jornalistas em relação ao poder político e econômico. Cerca de dois terços dos entrevistados acreditam que os jornalistas não são independentes, nem do poder político (69%) nem do poder econômico (62%). Desde quando um funcionário é independente de seu empregador?

"A Confiança na mídia no seu histórico mais baixo da França", titula o BFMTV. O jornal *Le Monde*, órgão não oficial do estado francês, escreve: *"Segundo três quartos dos entrevistados, os jornalistas são considerados muito dependentes do poder político. Uma crítica ouvida frequentemente no seio do movimento, que prefere os Lives no Facebook para controlar seus comentários e desconfia dos porta-vozes, como qualquer mediação»*.¹⁰ Até as classificações de televisão estão em queda livre. Mídia anteriormente preferida pelos franceses para aprender, a televisão obtém um nível de confiança de apenas 38% (-10 pontos em um ano). A imprensa escrita caiu para 44% (-8 pontos). Da mesma forma, as redes sociais sofrem a mesma erosão em termos de confiança. De fato, poderíamos pensar que os ativistas confiavam na Internet, Facebook, Google, na mídia da rede. Mas, a mesma suspeita de conluio com os poderes do dinheiro é expressa em relação aos órgãos dominantes da Web.

Os meios de comunicação enfurecidos contra os Coletes amarelos

Como toda a imprensa francesa, *Le Monde* repetiu repetidamente o mito de que os Coletes amarelos são fantoches da extrema direita. Mas essa mentira não teve o efeito desejado, a mídia francesa agitou a velha história do anti-semitismo. *Le Monde* 20-21 de janeiro de 2019 titula: *"Os Coletes amarelos, um campo de influência para a conspiração nebulosa"*. Podemos ler: *"figuras conspiracionistas da ultra direita usam o movimento", "os deslizamentos se multiplicaram desde o início do movimento", "a raiva contra as instituições democráticas é o resultado de um empreendimento ideológico", "essas obsessões de conspiração anti-semita em torno de Macron e do banco Rothschild agora aparecem nas procissões", "usando o movimento nascido em 17 de novembro para aumentar sua influência, os conspiradores e anti-semitas ligados à extrema-direita ganham visibilidade há várias semanas»*. E concluir: *«No dia do Acto X, figuras conspiracionistas e anti-semitas e de extrema direita finalmente se reuniram»*

Assim, porque desafia bravamente a classe dominante, o Movimento é caluniado. Para credenciar a farsa do anti-semitismo, a mídia mostrou imagens de uma notícia em que um homem chamado Finkielkraut é chamado sionista por um manifestante. Além disso, para apresentá-lo como anti-semita, a mídia francesa afirma que a designação de sionista seria anti-semitismo.

Missões e atividades dos meios de comunicação social burgueses

Vamos desvendar a missão política, ideológica e social da grande mídia. O papel da mídia burguesa, de esquerda e de direita, é crucial nas sociedades - multiétnicas - criminalizadas - urbanizadas - industrializadas - estressadas e densamente povoadas, sob fortes tensões econômicas (desemprego e pobreza) e sociais (redução de serviços locais, drogas, delinquência, roubo e crimes contra a pessoa). No meio dessa confusão, a mídia é uma fonte de insegurança e caos adicional, juntamente com doutrinação e incoerência, uma dessas funções tornando as outras possíveis e necessárias.

A atividade mediática é multifacetada. Por um lado, a mídia transmitiu uma visão do mundo - a da classe dominante - é sua primeira atividade vital. Por meio dessa atividade, condicionam a consciência coletiva e individual a aceitar esse mundo capitalista como ele é, com suas celebridades ricas e aduladas, imitadas e invejosas pelos pequenos-burgueses, ansiosos, amargurados, impelidos pela ambição de um dia subir ao paraíso dos bem-aventurados. O mundo, segundo a mídia, conta milhões de camponeses anônimos, carentes e estressados, felizes de acordo com seu destino miserável, desde que possam satisfazer suas paixões culpadas como sexo, álcool, drogas, violência, esporte, jogos, religião, narcisismo, etc. . Finalmente, a mídia a soldo tem a missão de erguer o véu em um mundo sombrio, o reverso da bela sociedade normée, o mundo do proletariado das favelas, os sem-teto, a pobreza e os pequenos crimes, o submundo do roubo em larga escala, lavagem de dinheiro, o crime organizado que alimenta as paixões. Mas não se preocupe, pessoas boas, o estado democrático e populista, com suas forças de repressão, seus tribunais e suas prisões - seu exército - fornecem sua proteção (sic). A mesa social é elaborada e todos os dias a mídia nos arrasta com essa visão fetichista de um mundo de insegurança e repressão, onde cada um busca sua orientação na confusão que alimenta a mediação e a desinformação, a fim de justificar a repressão.

A segunda atividade vital da mídia mentirosa é expor a repressão do estado que é objeto dos recalcitrantes, aqueles que se opõem ao sistema. Essa repressão ataca os sem-abrigo, que acampam embaixo de uma ponte, os migrantes amontoados em seu acampamento improvisado, o "negociante" da encenação da aterrissagem (mas não o fornecedor do negociante), o batedor de carteiras, a estrela que não paga suas dívidas, o empresário, o oficiante ou o padre culpado de tocar, o feio que fraudou o imposto, o mafioso que trapaceou no cassino, o empresário suspeito de peculato, o bandido acusado de violência. E, finalmente, é claro, a mídia dos ricos expõe todo o peso da lei burguesa que recai sobre manifestantes, grevistas, trabalhadores recalcitrantes que obstruem a circulação de mercadorias e impedem o desenvolvimento do capital e lucros para defender suas condições. vida e trabalho. Por outro lado, a mídia burguesa mostra seu apoio e compaixão por aqueles que desafiam o sistema (isso é permitido e incentivado individualmente e como uma saída social), mas de acordo com as regras e leis - ou seja, a ditadura do capital. Os principais meios de comunicação exibem isso todos os dias: feministas, LGBTQ, sindicalistas, ambientalistas, ecologistas, fascistas e esquerdistas, lamentações, todas as queixas contra injustiças sociais são recebidas e incentivadas pelo poder. E às vezes

eles recebem uma boa lei para recompensar sua conduta pacífica, ou um imposto sobre combustíveis para pessoas pobres.

A terceira atividade da mídia é exibir a vida sumptuosa de pessoas ricas e famosas. Trata-se de espalhar sua fortuna, sua facilidade e a abundância de bens obtidos graças a seus esforços excepcionais, pessoais e profissionais, tendo permitido sua ascensão social e sua integração no sistema capitalista, este magnífico sistema econômico que oferece a todos a chance de ficar rico, especialmente para os ricos.

Quarta atividade fundamental da mídia do capital, mistificar a realidade para confundir a leitura e tornar incompreensível o mundo (a sociedade, a economia, a política, a ideologia). Os meios de comunicação mistificantes cumprem essa missão apresentando todas as atividades humanas, especialmente as econômicas, políticas, ideológicas, diplomáticas, judiciais, militares como fruto do acaso, ou desse ou daquele indivíduo temperamental (o imprevisível *Donald Trump* ou o irascível *Kim Jong Jong*, ou o doutrinário *Khamenei*). Mas nunca como produto das inevitáveis leis da economia política, da sociologia e da luta de classes.

Pelo trabalho manipulador feito pela mídia subserviente ao capital, a sociedade é deliberadamente complicada, envolvida por uma opacidade política maquiavélica. Essa farsa da realidade visa impedir que os ativistas obtenham uma compreensão autêntica das leis dialéticas que governam toda a sociedade dilacerada por antagonismos de classe. Em vez disso, a mídia oferece rumores, alegações, "notícias falsas" e conspirações maquiavélicas, tecidas na antecâmara dos ricos, levando todos a especular, a tagarelar, a discutir sobre esse ou aquele líder (o arrogante *Júpiter*, *Theresa May*, a poça de lágrimas, *Merkel*, a Reich-Mulher, *Stalin*, o exterminador, *Mao*, o Grande Timoneiro, etc.). A mídia escravizada ao capital propõe calcular as manias e as falhas das celebridades. Esses jornalistas se aplicam ao mundo da política, da economia, da ideologia, as receitas da moral vulgar e do idealismo. Assim, *Macron* seria um arrogante, explicando assim seu desdém pelos desdentados. Substitua *Macron* por *Mélenchon* ou *Marine Le Pen*, e você terá mudado tudo, sugere os meios de comunicação social à mesquinhez de espírito gritante de vacuidade. É a isto que se reduz a actividade política dos meios de comunicação de direita e de esquerda.

Três categorias de meios de comunicação burgueses

Para realizar esse trabalho de decomposição social, mistificação e alistamento ideológico, a mídia burguesa é dividida em três categorias. Primeiro, há a imprensa do entretenimento. Esses mídia «**povos**» têm a função de entreter e embalar o público, permitindo que ele escape nos sonhos de um mundo melhor, que provavelmente estará acessível em outra vida (sic). É o novo ópio do mundo civilizado, esse ópio midiático que substitui a religião.

Em segundo lugar, existe a imprensa de informação ao serviço do capital. Esses meios de "**formatação**" acrescentam à função "*povo*" das pretensões a informar sobre a actualidade e a interpretá-la. Estes meios têm por função moldar a opinião pública e suscitar o consentimento para as diferentes políticas dos governos, mas sobretudo

conseguir a resignação e mesmo a adesão da opinião pública cidadã às suas miseráveis condições de vida. Para fazer isso, esses meios de comunicação apelam a especialistas, analistas, acadêmicos, licenciados para opinar os cidadãos. Assim, o executivo francês lança o "*Grande Debate*" para confundir o cidadão rebelde. Durante a revolta, a imprensa de formatação nunca parou para adivinhar as intenções do presidente e especular sobre as decisões que poderiam resultar dessa consulta. No entanto, o governo francês, economicamente quase falido, não tem espaço de manobra e não pode sair da crise orçamentária, seu orçamento é devorado pela dívida e, no final, sangrará mais o trabalhador, aqui está a triste realidade que você nunca ouvirá na TV.

Há uma terceira categoria de mídia. Esses meios de comunicação rigorosos merecem ser lidos pelos proletários revolucionários, porque analisam conscientemente as condições econômicas, políticas, jurídicas, sociológicas, diplomáticas e militares, a fim de informar a classe capitalista e seus funcionários políticos. Esses meios de comunicação "**influentes**" dão o tom aos grandes chefes e orientam suas decisões. O grande capital e suas ferramentas políticas restritas não têm muito espaço de manobras. É preciso lembrar que as leis imperativas da economia política capitalista impõem-se a eles como a todos. **Mas os poderosos bilionários e os seus funcionários financeiros dispõem do poder de acelerar ou de abrandar a evolução da crise e de a prolongar, mesmo que isso implique aprofundá-la.** Um exemplo, entre outros, o presidente do Fed dos EUA decidiu recentemente reduzir as taxas de juros dos empréstimos, revocando assim a expansão da massa monetária e, conseqüentemente, o endividamento acrescido dos particulares, das empresas e dos governos. Desta forma, apenas atrasa o crash bolsista, mas ao decuplicar a amplitude da catástrofe, sem desviar a corrida louca. Estes são os limites do poder discricionário dos bilionários e dos seus confessados.

Finalmente, há outra categoria de mídia que não incorporamos em nossa taxonomia, a imprensa revolucionária. Em ruptura radical com as categorias políticas do pensamento dominante e os valores de mercado da sociedade burguesa, essa imprensa é obviamente, por sua fraqueza financeira, minoria e muito pouco visível. Porque não obedece às regras dos media, essa imprensa revolucionária é difamada, censurada e boicotada pela grande mídia e pela imprensa paralela de esquerda e direita. Apesar disso, esta imprensa, especialmente a nossa, publicada na WebMagazine www.Les7duQuébec.com, deve perseverar e manter o rumo, apesar das adversidades.

Intelectuais burgueses ao serviço do capital

Em geral, essa postura obsequiosa da mídia revela a total subjugação dos instrumentos ideológicos ao capital. Desde a escola, passando pelo cinema e pela literatura, até as mídias audiovisuais, a internet e as mídias sociais digitais, todos esses dispositivos ideológicos para moldar espíritos foram totalmente escravizados pelo capital para servir como ferramentas para propaganda e manipulação. E os intelectuais, esses cintos de transmissão, não escapam a esse recrutamento ideológico ao serviço dos poderes do dinheiro. Nesta fase histórica, descrita por alguns autores como o fim das ideologias, ou mesmo o fim da História (implicando

que a história alcançou seu horizonte insuperável pela graça do capitalismo), um historiador israelense deu o último prego ao caixão desta casta enterrada no cemitério da inteligência liberal, acompanhando-o com o epitáfio homônimo de seu livro: *"O fim do intelectual francês"*. Título que pode ser modificado: *"O fim do intelectual ocidental"*. Pois a corrupção moral e a degradação intelectual identificadas por *Shlomo Sand* na intelligentsia francesa tornaram-se prerrogativas de todos os intelectuais ocidentais.¹¹

Em seu livro, *Shlomo Sand* mostra que o intelectual francês, intervindo nas esferas pública, política e mediática, tal como o descrevemos, e tal como ele está a degenerar (principalmente através da islamofobia, o decadentismo comercializado por *Houellebecq*, com *Charlie Hebdo*, *Zemmour* e *Finkelkraut* e outros *cirurgiões reacionários*), nasceu com o caso Dreyfus. Este caso revelou a atitude de alguns intelectuais da época contra o anti-semitismo da época - hoje amplamente substituído pela islamofobia. Para lê-lo, dizemos que a revolta dos Coletes amarelos funciona como revelador de uma linha de fratura entre conformistas burgueses e pensadores pequeno-burgueses.

Deste afresco sobre os intelectuais franceses, reteremos algumas passagens relativas aos tempos atuais, marcadas por uma histeria coletiva, ridicularizada e deplorada pelo resto do mundo, em torno de um hijab de raça: "O crepúsculo do intelectual do início do século XX é marcado pelo surgimento da islamofobia".

"O novo intelectual, mediático e consensual, é reconhecido por seu conservadorismo, que celebra a hierarquia social e a cultura política da sala, enquanto confessa a todos que, de fora ou de dentro, a desafiam e ameaça-la. (...) A memória coletiva que se constrói dia após dia, na França, alimenta-se de uma imaginação paranóica, uma espécie de espelho invertido do "futuro brilhante" ao qual se apegavam os círculos progressistas da geração anterior. Mas, diferentemente da imaginação do futuro, o passado imaginário se destina principalmente a criar e reforçar uma identidade que exclui o "outro" e não tem como objetivo entender e se misturar a ele. Os mitos que vieram das fontes iluministas geralmente tendiam a integrar o "outro", enquanto os mitos conservadores rejeitam mais abertamente aquele que parece diferente".¹²

Os intelectuais, cão de guarda da ordem estabelecida

Decididamente, a história gagueja. E as classes populares enfurecem a intelligentsia. Este sempre vomita com tanta repulsa seu ódio contra as classes trabalhadoras, especialmente neste período de revoltas populares. No final, os intelectuais, esses parasitas com a caneta venal, não têm outra utilidade social senão tecer louros a seus senhores e se levantar contra o povo. Com a revolta dos Coletes amarelos, a mídia e os intelectuais revelam seu papel de subordinados por latidos retóricos enfáticos e em um léxico mordendo o povo e lambendo os poderosos. A sua aversão do povo. Sua propensão pavloviana a servir as classes dominantes agora parece escandalosa. Durante os meses do levante, os jornalistas se envolveram em uma superação da propaganda de ódio, competindo com a ingenuidade infame e difamatória para desacreditá-lo.¹²

Última iniciativa do rico *Bernard-Henri Lévy*, que publicou uma tribuna com o título sugestivo, "*A Europa está em perigo*", que traduzimos em termos menos hipócritas por: o capitalismo em risco. Defensor inveterado do capital, este plumitivo está alarmado com o surgimento do populismo, ou seja, dos movimentos sociais em luta contra a Europa dos ricos, desdenhosamente rotulados como racistas, anti-semitas e homofóbicos. Em sua cruzada contra a população, BHL desaprovou cerca de trinta escritores para conduzir sua operação de propaganda. Liderados por esse calamitoso filósofo com o pensamento macabro, estes afetos thuriferous pedem mobilização contra a onda populista que ameaça o resultado das eleições europeias. Mais recentemente, em um programa de televisão "*Não estamos deitados*", BHL criticou o Movimento, descrito como mortífero e seus defensores como "*populistas que aproveitam o desespero, a miséria, para quebrar a República e levar as instituições*". Assim, diante da consciência da França, os porta-vozes da burguesia se reuniram em uma frente unida para negá-la, chamá-la racista, fascista, homofóbica, factosa. Mas também idiota: "*Coletes amarelos: a estupidez vencerá?*", pergunta *Sebastien Le Fol* em *Le Point* (10 de janeiro). Outro intelectual declara na cadeia do poder BFM TV "Os verdadeiros coletes amarelos lutam sem reflectir, sem pensar". Seu colega do *Figaro Vincent Trémolet*, escreve em 4 de dezembro: "Os instintos baixos se impõem desafiando a civilidade mais básica". Aqui estão alguns outras pérolas jornalísticas recolhidas nos seus respectivos periódicos: «*Movimento de belezas pojadistas e fictícias*» (*Jean Quatremer*), *dirigido por uma minoria detestável* (*Denis Olivennes*), *semelhante a uma «onda de raiva e de ódio»* (*Le Monde*) em que *hordas de minus, de saqueadores, «roídas pelos seus ressentimentos como pulgas»* (*Franz-Olivier Giesbert*) e «*libertando os seus impulsos insalubres*» (*Hervé Gattegno*).

Na esteira deste jornalismo odioso, outro intelectual, *Luc Ferry*, irmão de armas de Bernard Henri Levy, professor de filosofia e antigo ministro, na qual proferiu uma alocução em que intimou a polícia a usar as suas armas letais contra os manifestantes. Luc Ferry pediu à polícia para disparar munição real nas manifestações: "*Que eles usem suas armas uma vez, já basta*", disse ele num programa de rádio chamado *Espíritos livres*. Mas também exortando o exército a intervir. Em outras palavras, esmagar no sangue "*Temos o quarto exército do mundo, é capaz de acabar com essa porcária*", exclamou em tom furioso. A denúncia das Coletas amarelas por *Luc Ferry* não é o delírio de um espírito psicopático equivocado, mas o pensamento profundo dessas *mentes burguesas livres*. A burguesia, incapaz de aplicar qualquer outra política para proteger seus privilégios, principalmente através da *redistribuição da riqueza*, está oficialmente considerando recorrer à repressão em massa para impedir a revolta em massa. Para fazer isso, em uma emergência, ela protegeu seu regime repressivo votando leis despóticas. Além disso, o orçamento destinado à repressão estatal aumentou consideravelmente nos últimos anos. De fato, os gastos com equipamentos e materiais da polícia e da gendarmaria "*cresceram do 181% entre 2012 e 2017, de 132,4 milhões de euros para mais de 372 milhões de euros*". O orçamento do exército e da polícia é o único a não conhecer a austeridade, a nunca diminuir.

Obviamente, jornalistas e membros da classe dominante se uniram para bater. Os jornalistas, com projeções de informações insidiosamente anti-movimento, o poder,

com projéteis balísticos letais, os intelectuais, com apelos à mobilização do exército e à incitação da polícia a usar seus armas letais contra as barricadas. Em nossa opinião, essa intelligentsia agitada é preferível à de Maio de 68, onde era muito difícil desmascarar os intelectuais burgueses sob suas pretensões e sua linguagem progressiva embalsamada e perniciosa. Naquela época, os estudantes nas ruas estavam apenas pedindo reformas para obter acesso a empregos do governo, o que eles conseguiram, como vimos. Esta vez, o Movimento foi imediatamente proletário e ameaçou o sistema em suas fundações. Os intelectuais burgueses tinham pouco espaço para se infiltrar e enganar. Esta missão será obra do pequeno-burguês empobrecedor. Esse tom de ódio da elite contra o povo é um lembrete impressionante dos escritores do período da **Commune**, numa época em que quase todos os escritores estavam enfurecidos contra a revolta dos comunardos (veja as citações no apêndice).

CAPÍTULO CINCO: A ilusão Macron

A reboque do estado burguês

Em 1914, a burguesia colonial francesa, para justificar o início da Primeira Guerra Mundial contra os proletários condenados à morte ou transformados em assalariados explorados nas fábricas de exércitos, apresentou o argumento da defesa da civilização contra a barbárie alemã. Durante quatro anos, o povo francês teve que pagar o imposto sobre o sangue e o sacrifício de suas condições de vida para salvar a pátria capitalista em perigo. Para que, no final, esses mesmos líderes capitalistas assinassem o armistício em 11 de novembro de 1918, a fim de unir forças para enfrentar o novo "*perigo contra a humanidade*": a nova República Socialista Soviética, uma nova forma do capitalismo dirigista nascido na Rússia agrária e feudal, tornam-se industrialistas e socialistas.

Incansavelmente, a classe dominante francesa está envolta na bandeira do interesse nacional para legitimar as piores tormentas, suas políticas criminais, suas medidas anti-sociais. O povo sempre pagou um preço alto indo atrás do comboio do estado, comprometendo-se em um sindicato interclasse liderado pelas classes dominantes. Hoje, depois de elogiar o uso do diesel considerado mais econômico e ecológico, o lobby da indústria, para resolver a crise do setor automotivo em mercados altamente saturados, inventa o alibi ecológico para forçar os trabalhadores a renovar a frota de carros adquirindo novos veículos considerados "ecológicos" (sic), caros e altamente subsidiados.

É claro que, na ausência de uma rede de transporte público deliberadamente subdesenvolvida para permitir que os fabricantes de automóveis vendam seus caixões, o carro hoje em dia se tornou um meio de transporte indispensável (todo o espaço urbano foi adaptado ao automóvel). Especialmente em nosso tempo em que o local de trabalho se afastou das casas dos trabalhadores, agora forçados a pagar um preço muito alto para chegar ao local de trabalho.

Pagado o tributo

Claramente, o governo, ao serviço do capital financeiro, uniu forças com essa máfia da indústria automobilística para aprovar medidas de acompanhamento à "*transição energética*" para agredir os trabalhadores pela introdução de novos impostos. A invocação do alibi ecológico não é inocente. O objetivo é fazer com que todos os cidadãos se sintam culpados, a fim de persuadi-los a aceitar os múltiplos impostos decretados pelo governo. Também possibilita justificar a obrigação de renovar a frota de automóveis, em benefício do capital em crise. Na verdade, esse alibi ecológico é uma farsa, porque o capitalismo polui muito mais suas indústrias de guerra, aviões, navios oceânicos e foguetes.

Nos últimos trinta anos, no contexto da propaganda apocalíptica, os climatologistas ao serviço do capital nos alarmaram com seus relatórios catastróficos. Esses propagandistas integraram a ideologia ecologista apocalíptica para desviar a atenção das pessoas da verdadeira catástrofe que se abate sobre elas: a degradação geral de suas condições de vida e de trabalho, seus meios de subsistência e assistência médica. Através de suas fábulas sobre o aquecimento global, o capital inventa todos os dias novos distúrbios estratosféricos para impor novos encargos fiscais. São raquetes

financeiras operadas pelo poder máfioso em nome da suposta salvaguarda do planeta. Como resultado, a classe burguesa usa o álibi ecológico não apenas para induzir as pessoas a lutas estéreis, fazendo-as pagar o imposto ecológico, mas também desaprovando-a de seu projeto de emancipação social (emancipação da humanidade da exploração salarial, cessação das guerras, a cessação da destruição da natureza pelos industriais em busca de lucros). Como se pudesse haver um capitalismo verde e limpo: sem destruição ecológica, sem destruição humana, sem destruição física e psíquica (por exploração, opressão, alienação).

Assim, na França, o novo poder mercenário, sob o pretexto falacioso de salvaguardar o planeta, tomou medidas para aumentar consideravelmente vários impostos, e particularmente o imposto sobre combustível. Esta última decisão provocou um verdadeiro tumulto entre o povo francês. Imediatamente, graças às redes sociais, os proletários decidiram lutar contra essa milésima medida de extorsão tributária. Além das estruturas burguesas da reforma política reformista, sindicatos subsidiados e ONGs subsidiadas, trabalhadores precários e empobrecidos resolveram tomar uma ação bloqueando estradas para paralisar a economia, sangrar lucros e, assim, recuar a economia. governo de empresas. Em contraste com as aglomerações pequeno-burguesas, o proletariado do século XXI imediatamente colocou sua luta no terreno da luta direta contra o poder burguês.

Apesar de suas imperfeições, suas inadequações, seu amadorismo decretado pela esquerda, esse movimento popular, apoiado pela população comum, conseguiu impor-se pela força da sua determinação exemplar. Por sua luta corajosa que bloqueou o fluxo de mercadorias e, portanto, a mais-valia, ele conseguiu forçar o respeito. Hoje, em todo o mundo, como o lema chauvinista burgues da guerra imperialista "*Je suis Charlie*", todos os proletários agora podem gritar «*Je suis Gilet jaune*» "*Eu sou colete amarelo*", a palavra de ordem da luta internacionalista contra o capitalismo.

Esse movimento, nem sindicalmente corporativo nem politicamente prisioneiro, por seu caráter espontâneo, é um dos primeiros eventos de luta de classe do gênero no século XXI. Indocile ao slogan da união nacional partidária ou ao álibi do sacrifício pela pátria, esse movimento se recusa a pagar o imposto da indignidade social, ou seja, a deterioração adicional das condições de existência já bastante deteriorada pelo capital, desde a entrada da economia em crise. Seja como for, apesar da propaganda estatal e midiática, eles foram às ruas. Mais de 300.000 manifestantes ocuparam lugares estratégicos para expressar sua raiva, paralisar a economia, a produção de mais-valia, lucros; mais de 2.000 reuniões e bloqueios de refinarias e suprimentos de supermercados, além de pedágios na entrada das rodovias.

Além da denúncia do aumento dos preços dos combustíveis, esses manifestantes expressaram sua raiva contra o aumento do CSG, o declínio das aposentadorias desindexadas e, geralmente, contra todas as políticas lideradas pelo governo dos ricos desde então. a entronização de Macron no Élysée. É importante notar que a eleição dum outro presidente teria resultado nas mesmas medidas anti-sociais exigidas pelo grande capital em dificuldade. Obviamente, diante dos protestos, o Estado burguês não estava disposto a ceder. O capital prefere sacrificar alguns pequenos banqueiros

e empresários para deixar o proletariado esperar que ele recue. De qualquer forma, a queda nos lucros e a dificuldade de valorização do capital na economia mundial anêmica não permitem que os empregadores concedam algo substancial. De qualquer forma, todas as migalhas dadas aos trabalhadores revoltados terão que ser recuperadas nos próximos anos.

Essa postura é uma admissão de fraqueza do capital

Em um artigo publicado no webmagazine **Les7duQuébec.com** no dia seguinte à eleição de Macron como presidente, escrevemos que o capital francês havia se baleado no pé, apostando neste cavalo, à custa da destruição o cenário político clássico, bipartido, animado e administrado por mais de um século pela direita e pela esquerda. O capital francês fez uma aposta arriscada em um projeto político falho. De fato, corre o risco de paralisar sua política anti-social diante da resistência do povo trabalhador da França. O proletariado francês não está na situação desesperadora do proletariado grego. Os trabalhadores franceses não deixarão o vélo social cortar sem se rebelar. A França tem uma longa tradição de lutas por demandas sociais. De fato, a ilusão Macron é da mesma natureza que as ilusões *Sarkozy e Holland*, porque não existem soluções para a crise sistêmica do capitalismo. Tão grande capital renuncia ao sacrifício de um canhão a cada cinco anos, cada vez que mostra o bobo da corte providencial, tão decepcionante quanto os anteriores.

Terrorismo estatal

A mídia, para criar um sentimento de insegurança, incita regularmente o medo do terrorismo, trabalho de delinquentes ociosos que são alvejados no islamismo suburbano ou na prisão, quando não é cocaína, esses conhecidos lobos solitários coletivamente manipulados pelas farmácias do estado oculto. De fato, o terrorismo real é perpetrado diariamente pelo Estado francês, por sua política de insegurança social imposta a todo o proletariado reduzido a viver com medo da degradação de suas condições de vida, cada vez mais precária e atacado incansavelmente pelo capital.

De fato, o terrorismo social é galopante em todos os países do capital. Esse terrorismo social é mais perigoso do que o terrorismo residual que foi detido pelas potências estabelecidas, para justificar a supervisão policial e a inquisição judicial das classes populares, o modo oficial de criminalização das lutas sociais. Hoje em dia, todo proletário provavelmente verá sua vida prejudicada, dinamizada pelas políticas terroristas anti-sociais impostas pelos governos, esses órgãos políticos trabalhando ao serviço do capital global. *Daesh e seus poucos milhares de mortos* são irrisórios em comparação com o capital financeiro, que está determinado a destruir as condições de vida de bilhões de seres humanos, a aterrorizá-los com suas políticas anti-sociais genocidas e a romper com seus direitos básicos de resistência pela repressão policial, até militar.

Insubordinação social, o fim da subordinação política

Certamente, o Movimento dos Coletes Amarelos é desorganizado, mas é isso que o torna tão poderoso, você poderia dizer. Nenhum cacique sindical, nenhuma ONG

estipulada, nem nenhum partido político da esquerda pode traí-lo por alguns dólares. Ao contrário da propaganda mediática, ela não é apolítica, mas burguesa antipolítica e anticapitalista. A diferença é grande. É fundamentalmente contrário a todos os partidos políticos tradicionais subordinados ao poder, aliados do capital. O mesmo se aplica às organizações políticas de extrema esquerda e extrema direita que a desprezam. E isso é saudável. Na realidade, o Movimento dos Coletes Amarelos rejeita todas as categorias políticas do modo de pensamento burguês, respeitoso da ordem estabelecida. Até a repressão feroz nos Champs-Élysées e as campanhas de difamação mediática falharam em romper sua unidade: a primeira nos anais dos movimentos sociais na França. O Movimento se posiciona desde o início para além das preocupações políticas e eleitorais burguesas clássicas e coloca sua luta na arena dos combates de rua ofensivos, e não na perspectiva do palaver na fútil câmara parlamentar. Além disso, ainda não existem líderes que se destacam, e este é um sinal encorajador. Sua coesão e sua força, mantém-os longe da clareza de suas demandas essenciais (esqueça as vadias promovidas pela pequena burguesia ansiosa de promoção social). O desafio é a frente econômica da luta de classes pela defesa das condições de vida e de trabalho - as únicas reivindicações que podem ser acordadas. Essa coesão nas principais reivindicações garantiu a consistência na ação e rejeição de qualquer representação formal, propícia à concentração de poder longe das massas firmemente apegadas à política de colegialidade.

De qualquer forma, a capacidade de coordenar em nível nacional, com base na designação de porta-vozes, sem poder de decisão, elegível e revogável a qualquer momento, dependia de seu sucesso. Sua resolução de estender sua luta, abrindo uma assembléia geral de assembleias regionais, permitindo que todos os militantes debatam democraticamente os projetos de emancipação, resultaram de seu sucesso organizacional. O Movimento dos Coletes Amarelos compreendeu a necessidade de lutar e a utilidade do debate. Ele não conseguiu evitar discussões abstratas sobre medidas ecológicas, referendos, duração do mandato presidencial e outras bolas de feijão político. A lenta agonia do Movimento não encontra sua fonte na escolha de suas demandas fundamentais, nem no seu modo de organização descentralizada, mas no despreparo da classe proletária, na sua incapacidade de impor sua direção de classe. Daí a proliferação de reivindicações de reformas políticas infantis, daí também a escolha errada de táticas de luta e a incapacidade de se espalhar fora do hexágono.

Além disso, durante as numerosas manifestações organizadas aos sábados nos Campos Elísios, os manifestantes sofreram uma série de calúnias do governo e da mídia. O governo tentou desacreditá-los por acusações de manipulação supostamente realizadas pela ultra-direita; os jornalistas desavergonhadamente derramaram seu ódio sobre manifestantes acusados de distúrbios. Assim, aos olhos desses repórteres de pragas, quebrar uma janela de um restaurante é mais sério do que quebrar a vida de milhões de pessoas reduzidas a frequentar os *Restos du Coeur*.(refeitórios).

A insubordinação social acabou com a corrupção política, sindical e cidadã.¹³ A revolta espontânea dos Coletes amarelos completa o processo de desqualificação permanente dos órgãos políticos, sindicais e cidadãos republicanos. Essas instituições burguesas do enquadramento do proletariado são seriamente

desacreditadas. Hoje podemos argumentar que, diante da erupção social espontânea, o governo francês está tremendo. Armada com os braços nus, enfrentando um exército de armas quebradas de policiais pagas pelos impostos para romper com o proletário, essa massa de pessoas ardia de raiva por defender suas condições de vida e de trabalho, mas principalmente por superar esse inimigo de classe pertencente ao corpo financeiro aos pés de barro.

Os fins de mes difíceis

Certamente, graças ao retorno da luta de classes nas ruas, a era da resignação acabou, mas não o tempo dos fins dos meses difíceis. Mas deve ser visto como um experimento, um ensaio, um tiro de aviso, que a classe levou para desenvolver sua consciência de classe e seu conhecimento do inimigo e suas táticas de combate. Sejam claros: o fim final da recessão econômica e da austeridade estatal que a acompanha virão apenas com a derrubada do estado e o modo de produção capitalista. A época não está mais nas lutas por algumas concessões, o capital está envolvido em uma guerra que termina entre facções imperialistas mundiais. Mas antes disso, ele deve subjugar o proletariado para aceitar seu destino e calçar as botas para o desfile de guerra. Todos os partidos políticos se uniram para desnaturar, desqualificar e desacreditar sua luta. Alguns, especialmente a extrema esquerda, atacaram o Movimento, desdenhosamente descrito como um comício interclassista, um inimigo da classe trabalhadora. Para respondê-las, convocemos para o tribuno da história o grande advogado da causa socialista, o denominado *Lenin*, autor em 1916 de uma proclamação ainda relevante:

*«Quem espera uma revolução social «pura» nunca viverá tempo suficiente para a ver. Ele é apenas um revolucionário em palavras que não entende nada do que é uma verdadeira revolução. (...) A revolução socialista (na Europa) não pode ser outra coisa senão a explosão da luta em massa dos oprimidos e dos descontentes de todas as espécies. Elementos da pequena burguesia e dos trabalhadores atrasados participarão inevitavelmente: sem esta participação, a luta em massa não é possível, nenhuma revolução é possível. E, também inevitavelmente, levarão ao movimento os seus preconceitos, as suas fantasias reaccionárias, as suas fraquezas e os seus erros. Mas objetivamente, eles vão atacar o capital, e a vanguarda consciente da revolução, o proletariado avançado, que exprimirá esta verdade objectiva de uma luta em massa díspar, discordante, matizada, à primeira vista sem unidade, poderá uni-la e orientá-la, conquistar o poder, apoderar-se dos bancos, expropriar os trusts odiados de todos (embora por razões diferentes!) e realizar outras medidas ditatoriais cujo conjunto terá como resultado o derrube da burguesia e a vitória do socialismo».*¹⁴

Macron, o reacionário

Ironicamente, *Macron* esteve na origem da revolta. Esta revolução que ele tanto vangloriou na sua obra homônima, que se espalhou maciçamente pelas livrarias, a

sua «Revolução» tão magnificada resumia-se na destruição do «modelo do Estado-providência» social-democrata obtido à custa de lutas operárias seculares. A sua «Revolução» é a primeira do género a ser iniciada pelo Estado, o que a torna suspeita. A sua «Revolução» tem o sabor amargo da reacção. Paradoxalmente, esconde-se numa fraseologia há muito utilizada pelas organizações sindicais adeptas do reformismo. Este conceito político inimigo da revolução e visando combater a revolução. Esta arma ideológica desprovida de balas revolucionárias reais. Não se trata, de modo algum, de atentar contra a vida do capital, mas apenas de o apontar com armas fictícias (a democracia parlamentar, o cretinismo eleitoral, a opinião pública cidadã) para lhe tirar algumas migalhas efémeras. A realidade mostra-nos que estas reformas concedidas pelo Estado no âmbito do capitalismo nunca tiveram um carácter perene.

Hoje, este falsário político conseguiu a façanha de falsificar estes dois conceitos fundamentais: revolução económica e política e reforma social. Estes dois termos revestiam concepções fundamentalmente progressistas, conotações políticas positivas. Sob a sua pena e a sua governação, estes dois ideais proletários transformam-se no seu oposto: reacção política e destruição social.

Aqui está o que o poder chama reforma: o aumento dos impostos indiretos e a abolição da ISF, a transferência acelerada de dinheiro público para o setor privado por meio da política de ajuda a fundos fiduciários e bancos, austeridade e acentuação de medidas anti-sociais, redução de salários e rendas, eliminação de benefícios sociais, drenagem de aposentadorias, desmantelamento de serviços de saúde, demolição de transporte público e escrituração escolar público. Todas essas reformas pretendem salvar o planeta. Seria para salvar o planeta ou para salvar o capital?

Sejamos claros, no entanto, que Macron e seu governo não são donos de seu destino. O mago mandarim é grato aos seus patrocinadores que lhe concederam essa posição honorária, acompanhados de especificações muito rigorosas, das quais o espadachim não pode escapar. Esse patife governa uma oligarquia de bilionários prontos para sacrificá-lo sem hesitação, como fizeram Holland e Sarkozy antes dele.

Referendo de Iniciativa Cidadania (RIC)

"Sem RIC, o único referendo que aceitamos é o que realizaremos e que decidirá remover o estado dos bilionários. Qualquer outra votação seria uma paródia do poder populista!" Comentário de um ativista.

Durante a sua viagem, o Movimento reservou muitas surpresas. Passamos da extorsão reformista a política consensual. Da confusão populista na luta pela fusão dos cidadãos no seio do capitalismo. Da desconfiança das instituições estatais à confiança extática das instituições governamentais. Do combate a todos os vícios das ideologias políticas tradicionais ao tradicional debate sobre as virtudes da ideologia dos cidadãos fora da luta de classes. Da expressão da palavra colectiva liberada à votação do cidadão atomizado, desalidarizado. Do ódio da classe política oficial à tentação de integrar a sujidade política.

CAPÍTULO SEIS: O Grande Debate, saída institucional da revolta

Marginalizar os rebeldes

Para combater a mobilização, o governo tentou vários enganos. Inicialmente, o Estado apostou na estratégia de intimidação, aterrorizando a violência, materializada pelo uso desproporcional da força policial, em particular por meio de armas letais. Além disso, a repressão foi apoiada por uma emboscada militar. Em um segundo passo, o executivo apostou na divisão entre militantes moderados e radicais, ajudados pela propaganda mediática contra os "*destruidores*", para melhor cunhar os *pacifistas*. Em terceiro lugar, enquanto continuava sua política de repressão

sangrenta, o regime tomou a decisão de organizar um grande debate sobre o desvio. Anunciado em dezembro, um dia após as primeiras manifestações emblemáticas, batizadas **Ato**, aos sábados de 1 a 8 de dezembro de 2018, o Grande Debate Nacional foi organizado em pânico e precipitação por um governo paralisado, ansioso de canalizar o Movimento para trilhas de desvio inofensivo. No entanto, essa tentativa de supervisionar e reprimir a revolta popular, realizada pelos órgãos intermediários, não teve o efeito esperado. Pelo contrário, instantaneamente despertou desconfiança e até rejeição. Rejeição acentuada pela opacidade do Grande Debate ilusório com conteúdo politicamente restritivo, restrito e tendencioso pela nomeação de prefeitos ou porta-vozes subservientes ao poder. Além disso, um debate organizado sem a participação das primeiras partes interessadas, a maioria das quais se recusou a credenciar essa mascarada. Além disso, a fraude foi desmascarada e denunciada pela grande maioria, de modo que este defendia o boicote ao Grande Debate, uma novidade nos anais franceses da disputa.

Obviamente, ao instituir esse Grande Debate, o governo esperava marginalizar os rebeldes, graças à participação populista dos cidadãos em busca de reformas políticas, tornando ilegítimos os modos de ação e, especialmente, as demandas expressas fora do quadro jurídico e institucional do Estado. No entanto, essa estratégia de prevenção não desmobilizou os rebeldes nem mobilizou os cidadãos, pelo contrário. Para impedir as manobras do governo, os ativistas tomaram a iniciativa de organizar contra-debates por meio de plataformas de mídia social.

Fazer diversão até à dispersão dos rabugentos

De fato, o desafio para o executivo era desviar, opor-se aos Atos rituais do sábado (que se desmobilizavam, porque sem perspectiva), seu próprio entretenimento espetacular, também infantil. Em suma, o desafio para o executivo era economizar tempo até os rebeldes se esgotarem, sem meios de pagar o aluguel ou de comer. Uma estratégia assumida por um ministro nas páginas de *Figaro* "*A partir de agora, todo fim de semana, a atenção da mídia não se concentrará mais apenas nos coletes amarelos, mas na questão de quem participará do grande debate. Move a atenção*". Em resumo, esse Grande debate posto em órbita pela Estrela Jupiteriana ocorreu anos-luz a partir das preocupações dos coletes amarelos. Além disso, um debate marcado com o selo da condescendência, aquele toque macroniano, pontuado por pequenas frases pingando de desprezo.

Antes do lançamento, em sua *Carta aos Franceses*, Macron havia aberto a bola da tagarelice nacional em uma conhecida sinfonia burguesa, o eterno refrão desempenhado pelas classes dominantes para colocar os cidadãos para dormir e entorpecer sua luta. Mas, precisamente, se os Coletes Amarelos tiveram tanto sucesso, apoio, é porque expressaram por sua roupa militante as demandas dos funcionários. Reivindicações registradas em um manifesto desde o início dos bloqueios nas estradas (consulte as 42 reivindicações no apêndice).

Generosidade para os ricos, austeridade para os pobres

Além disso, em sua missiva, ditada pelo grande capital, sobre os quatro temas cuidadosamente pré-selecionados, destinados a circunscrever o debate nacional, o gasto público ocupou o lugar principal, que não aparece no título de apoio público às empresas do capital, mas naquilo da seção de suporte social a ser laminada. Ao focalizar esse tema, o governo secretamente direcionou o debate para a eterna obsessão da burguesia, a redução dos gastos sociais para promover o aumento dos gastos públicos dedicados ao apoio ao capital, a única questão pela qual o executivo tentou mobilizar a opinião pública. No entanto, os coletes amarelos, como todos os trabalhadores, se opunham à redução dos gastos sociais, ou seja, à destruição dos serviços destinados à população. Ao qual foi respondido: "*Não podemos continuar os cortes de impostos sem diminuir o nível geral de nossos gastos públicos*".

Em outras palavras, resolvido a manter o rumo, o governo foi forçado pelo capital a continuar sua política antissocial de pagar a dívida aos banqueiros, que nunca serão reembolsados, diga o que disser, por reformas previdenciárias que terminarão sendo drenado, diga o que disser, do aumento do desemprego, apesar das manipulações estatísticas, diga o que disser, da redução da assistência social e, mais geralmente, dos serviços públicos destinados à população, com redução da mão-de-obra, embora eles dizem, e insegurança no trabalho e condições flexíveis de trabalho, como eles dizem.

Assim, *não havia perguntas proibidas*, exceto que os temas da diretiva abordados foram cuidadosamente selecionados e impostos pelo governo para coibir o debate. Além disso, o Grande Debate Nacional ficou, portanto, limitado aos seguintes temas:

tributação e gastos públicos;
a organização do estado e serviços públicos;
transição ecológica;
democracia e cidadania.

O cidadão comum foi convidado a conversar sobre esses assuntos, descartando o verdadeiro motivo da exasperação social, a erosão do poder de compra. Em outras palavras, a constante diminuição do preço de venda da força de trabalho dos empregados, a fim de incentivar o aumento constante dos dividendos pagos aos acionistas. O objetivo do golpe é induzir a população trabalhadora a se resignar e a aceitar as leis inevitáveis do capital.

O grande solilóquio

De qualquer forma, em 15 de janeiro de 2019, o primeiro Grande Debate ocorreu sob cerco, em uma atmosfera real de ocultar a guerra civil. Inaugurado na cidade de *Grand-Bourgtheroulde*, num clima de segurança aterrorizante: centro fechado, mercado anulado, manifestações proibidas de 8 horas a 23 horas, proibição de uso do colete amarelo, sob pena de multa de 135 euros. Maneira real de manter os primeiros interessados, os plebeus, afastados da farsa democrática do palavreado. É evidente que, devido à dimensão institucional dos locais onde apenas eram

convidadas as notabilidades municipais, bem como à escolha restritiva dos temas tratados, assemelhava-se a uma recepção social proibida à população mantida militarmente à distância. Aliás, na madrugada deste debate inaugural, a polícia tinha procedido à interpelação de dois jovens por terem brandido uma faixa com uma inscrição altamente simbólica: *”Manu pára com as tuas macronomias, não vais conseguir adormecer-nos com o teu grande debate»*.

Alguns dias mais tarde, em Besançon, realizou-se o Grande Debate, organizado por *Stanislas Guérini* o delegado-geral do LREM (o partido político governamental). Também desta vez os coletes amarelos foram proibidos de participar no debate. Em reacção, cerca de 50 militantes amarelos forçaram a entrada da sala para interpelar o patrão do LREM. Um indivíduo denunciou a farsa desta discussão: «Há uma ira e vós nem sequer abriis a porta à classe trabalhadora, às pessoas que lutam e trabalham todos os dias!». Seja como for, apesar da ocupação permanente do espaço mediático pela valeta política, intelectual e jornalística para denegrir e desacreditar o Movimento, a sua popularidade não diminuiu, bem pelo contrário. Durante muito tempo beneficiou de um apoio maciço na opinião pública. Segundo as sondagens, a aprovação culminou em 67%. Este apoio maciço forçou os apparatchiks sindicais, nomeadamente os da CGT, a rever a sua atitude. Por cálculo mais do que por convicção, face a um movimento que não controlavam e não podiam portanto manipular nem comercializar a asfixia, as burocracias sindicais apelaram *a manifestar ao lado dos Coletes amarelos*. Assim, num comunicado difundido em 18 de janeiro de 2019, a união departamental Seine-Maritime CGT apelou a manifestar ao lado dos coletes amarelos para o Ato 10. Além disso, esta seção local CGT disse que *não vai participar no grande debate, seja qual for o nível*, revelando tensões no seio dos aparelhos sindicais entre a base e a alta direcção.

O talkhow

No plano da comunicação, a operação mediática revelou-se desastrosa. Com efeito, no momento do lançamento em 15 de janeiro de 2019, coberto pelos diversos canais de informação em contínuo, menos de um milhão de telespectadores seguiram a mundana prestação animada pela estrela do talkshow político, o senhor com a voz inesgotável e com a via política esgotada. A BFM e a LCI partilharam a audiência e, por consequência, as receitas de publicidade geradas pela difusão deste primeiro Grande Debate da Quinta República. O segundo debate, transmitido em directo em 18 de janeiro de 2019, foi também seguido por cerca de um milhão de telespectadores. Mas, os debates seguintes foram marcados por uma queda da audiência. Menos de três semanas após o lançamento, em 4 de fevereiro, a audiência nos dois canais de televisão desmoronou-se, caindo para 270 mil telespectadores na BFM e 140 mil na LCI. Última reviravolta *«people»* no capítulo da comunicação a deserção estrondosa de *Chantal Jouanno*, Presidente da Comissão Nacional do Debate Público. Esta antiga ministra de Sarkozy, apenas nomeada para liderar a organização, teve de abandonar o navio governamental naufragado, na sequência da polémica sobre o seu salário gigantesco. No momento em que se exprimia, entre as múltiplas reivindicações pequeno-burguesas, a exigência de baixar as remunerações dos responsáveis políticos ao nível do salário médio, a imprensa revelou o selo

mirabolante de *Chantal Jouanno*. No entanto, no dia seguinte à sua demissão, num canal de informação, a demissão acusou o presidente de se ter oferecido para uma *operação de comunicação*, organizando um debate complicado. Um debate bloqueado por perguntas e respostas directamente ditadas pelo governo.

Além disso, para completar o seu arsenal de propaganda mobilizado com vista a asfixiar o Movimento Amarelo, para além da organização do debate e da aplicação de supostos *Cadernos de Queixas*, o Estado burguês abriu um site governamental dedicado. Neste sítio, o Governo publicou uma série de *fichas pedagógicas* de propaganda relativas às temáticas acima referidas. Estas fichas visavam, antes de mais, apoiar as escolhas orçamentais do executivo, ou seja, a política de austeridade social do governo. Com efeito, todas as questões abordadas neste website orientavam a discussão para as políticas governamentais. Assim, o objectivo do governo era, antes de mais, travar o debate no quadro do modelo neoliberal de austeridade. O outro objectivo é ridicularizar o ideal que floresce em círculos e nas ruas como sendo utopismo reformista.

Visão proletária desta encenação pretoriana

Pensamos que era de bom tom para o governo se dissociar das reivindicações reformistas, rejeitando as esperanças e cortando as amarras com a pequena burguesia revendedora que afogava tanto a direcção. Este comportamento do executivo burguês forçou os líderes presos quer a desmascarar-se— exigindo ser escutado pelo governo —, ou a radicalizar — multiplicando os assaltos urbanos em manifestações desesperadas. Esta evolução do debate público real — na rua e nas rotundas — entre o governo e a rua só poderia ser resolvido em uma das duas direcções opostas: ou o Movimento, sob a hegemonia do pequenoburguesia azeda, afundava-se no pântano da colaboração de classe e extinguia-se após uma lenta agonia; ou os elementos mais conscientes da classe proletária tomavam a direcção do Movimento para fazer dele o fundamento da greve geral insurgente. É evidente que o proletariado francês considerou que as condições objectivas e subjectivas não eram propícias a uma tal insurreição.

CAPÍTULO SETE: Pesado balanço da repressão governamental

Balanço estatístico

Inicialmente, o Movimento não estava preparado para se retirar da rua antes de abalar o regime financeiro do qual Macron é apenas um peão. O poder, tomado de pânico desde o início da ação impulsionada pela crise econômica e política, aterrorizado pelo enfraquecimento da ideologia sindical, política pequeno-burguesa e mediática capitalista, preferiu estabelecer um clima de terror pela imposição da violência policial na esperança de limitar a revolta social. Em toda a França, a militarização da repressão espalhou, em particular pelo uso de veículos blindados, o controle de populações sujeitas a um estado permanente de cerco.

Como indicação, elaboramos um relato não exaustivo dos ferimentos graves causados desde 17 de novembro de 2018 durante as manifestações. Em apenas três semanas, o número de mortos é aterrorizante: centenas de feridos, alguns gravemente aleijados, pelo menos 3.000 pessoas presas, centenas de ativistas condenados, alguns deles a penas de prisão.¹⁵ Outros números foram fornecidos pelo Ministério do Interior, muitas vezes tentados a rebaixar os dados, principalmente no censo do número de manifestantes, feridos e acusados. Em 7 de fevereiro de 2019, o Ministério do Interior informou os seguintes números ao *Check News*: 2.000 pessoas ficaram feridas desde o início da ação. Esses números incluem os ferimentos causados por confrontos entre a polícia e certos manifestantes, os sofridos nos pontos de bloqueio e os causados pelas próprias manifestações, espancamentos na procissão. De acordo com o censo realizado pela [Mediapart](#), 208 manifestantes foram feridos na cabeça, 22 ficaram presos e 5 tiveram uma mão rasgada entre 17 de novembro de 2018 e 12 de fevereiro de 2019.

Aos 2.000 feridos, onze mortos devem ser adicionados. De fato, no total, durante os primeiros três meses de manifestações, onze pessoas morreram. Oito mortes foram

causadas por acidentes de trânsito fora dos bloqueios de estradas. Durante uma manifestação em Marselha, uma octogenária que fechou as persianas recebeu uma granada no rosto e morreu no dia seguinte na mesa de operações. Duas outras mortes foram causadas por mal-estar e parada cardíaca. O número de prisões, condenações e encarceramentos é um recorde. Os números fornecidos pelo Ministério do Interior, publicados pelo jornal Le Monde em 14 de fevereiro de 2019, são os seguintes: desde o início, no espaço de três meses, entre 17 de novembro de 2018 e 14 de fevereiro de 2019, houve 8.400 prisões em todo o país; 7.500 dos presos foram colocados sob custódia policial; 1.800 condenações e 1.500 casos ainda aguardam julgamento; mais de 1.300 aparições imediatas foram realizadas e 316 pessoas foram colocadas em prisão domiciliar, outras foram sentenciadas a serviços comunitários, prisão suspensa ou usando pulseira eletrônica, ou mesmo para serem proibido ir a essa ou aquela cidade para demonstrar. E o governo permaneceu contrário a qualquer anistia.

Rusga dos alunos do ensino médio de Mantes-la-Jolie

Esse desprezo em *Mantes-la-Jolie* tem um nome, é chamado "*confronto policial e político*", o estágio repressivo onde o poder dos ricos vacila e onde a polícia do Estado de direito burguês provoca os militantes resistentes. Resta apenas denunciar essa infâmia sem nome contra adolescentes. Estávamos chegando ao ponto de virada em que o poder burguês, enredado em suas contradições insolúveis, poderia ter caído em uma repressão selvagem contra-insurgência. A esquerda, em vez de brincar com o poder e se concentrar em grupos fascistas insignificantes - teria feito melhor em entender que serão a polícia e as milícias paramilitares do estado dos ricos que estabelecerão o fascismo, cujas seitas políticas não são essa picada. Todos os esforços dos proletários revolucionários deveriam ter se concentrado na denúncia radical do estado terrorista até sua erradicação. Tudo isso fez com que um camarada dissesse que havia chegado o momento depois de tantos ataques reacionários, detenções arbitrárias e prisões políticas, para exigir a libertação de presos políticos: "*Nenhuma reunião ou discussão com o governo enquanto nossos camaradas estão na prisão!*"¹⁶

Compreende-se porque os meios de comunicação social mainstream concentram a sua atenção na violência nas manifestações, na entanto obra de uma ínfima minoria de agressores, em vez de se concentrarem nas reivindicações. Esta manobra permite ao governo deslocar o debate sobre o aspecto da segurança, e colocar as reivindicações nas gavetas ministeriais dos casos encerrados sem seguimento. Daí resulta uma inversão total, na qual as vítimas são consideradas culpadas. A ouvir estes media especialistas da destilação de mensagens subliminares: as pessoas não deveriam ter-se revoltado para reivindicar os meios de viver decentemente e não deveriam ter manifestado a sua indignação. Assim, as forças da ordem não teria que reprimi-los.

Podemos entender por que a grande mídia concentra sua atenção na violência nas manifestações, que é o trabalho de uma pequena minoria de bandidos, em vez de se concentrar nas demandas. Essa manobra permite ao governo avançar no debate sobre o aspecto segurança e armazenar as demandas nas gavetas ministeriais dos

casos encerrados. E os partidários reagem à violência do sistema, tornando-se bandidos aleijados, verbalizados, presos e com cadastro.

Os destruidores

O movimento militante teve o direito de se gabar do " *Black bloc*", dos pequeno-burguês bem-nascidos, frustrado por não ser tratado de acordo com suas aspirações. Não se deixe enganar por essa propaganda policial sobre os chamados "destruidores". Os destruidores são trabalhadores esforçados, como evidenciado pela identificação de pessoas presas após ataques policiais. Os destruidores vieram de muitas origens sociais, um dos quais eram proletários exasperados, que tinham o suficiente e que resistiram ao golpe repressivo do estado terrorista. Deixe os bobos amedrontados parem de argumentar que o proletariado francês rejeita os raivosos que resistem ao golpe, porque é falso. Os proletários apóiam aqueles que combatem o estado policial. A violência dos empregadores, o proletariado, vive todos os dias nas fábricas, nas oficinas e nos canteiros de obras.

A lei anti-destruidor

A hipocrisia do governo não tem limites. De fato, ao mesmo tempo em que o Estado burguês organizou seu debate, apresentado como a consulta mais democrática cidadã na história moderna, o governo continuava sua política de repressão policial e judicial, mas, acima de tudo, foi votado pela Assembléia Nacional por sua devoção às leis despóticas. A Assembléia Nacional aprovou a lei anti-destruidor por uma grande maioria. Na realidade, essa lei terrorista, dificultando o direito de demonstrar e circular livremente, legalizou a repressão já em andamento. Neste texto, votado em 5 de fevereiro de 2019, o artigo 2 estipula que "*o representante do Estado no departamento ou, em Paris, o prefeito da polícia pode, por ordem fundamentada, proibir a participação em uma manifestação declarada (...) a qualquer pessoa em relação à qual haja sérias razões para acreditar que seu comportamento constitua uma ameaça particularmente séria à ordem pública*".

Recentemente, toda a mídia transmite imagens de hooligans encapuzados saqueando as lojas. Mas essas mesmas mídias nunca transmitem imagens de vândalos financeiros ocultos, destruindo a vida de milhões de trabalhadores forçados a sobreviver na precariedade, destruindo a infraestrutura social, devastando as ferramentas de produção e fechando centenas de fábricas e empresas. Esses mesmos meios de comunicação transmitem continuamente imagens de ativistas bloqueando as rodovias, mas nunca divulgaram imagens desses vigaristas do Palácio do Eliseu e do Parlamento, destruindo a vida de milhões de trabalhadores por meio de leis que prejudicam os serviços sociais; instituir pelo artigo 49-3 das reformas da destruição em massa de programas sociais, a fim de financiar seus patrocinadores.

O povo desprezado pelos caciques

Apesar da repressão e manipulação mediática, a ação não vacilou. Por outro lado, a polícia e a instituição política municipais viram seu prestígio aumentado com grande capital. Os primeiros obtiveram um aumento substancial em suas taxas. Estes últimos viram seus poderes honorários restaurados pelo perdão presidencial. Após dois meses de protesto, os dois órgãos vencedores são a polícia e autoridades eleitas locais. Mas o que mais poderíamos esperar, ou o poder dos ricos é quebrado ou o poder totalitário dos caciques é sofrido.

CAPÍTULO OITO: Não se mate para salvar o capital!

Além do slogan "*mate-se!*", pronunciada provocativamente por um grupo de coletes amarelos, esta frase sinistra expressa o slogan do Estado burguês francês, destilado subliminarmente à polícia sob seu salário: "*Mate-se no tarefa de preservar os privilégios da classe burguesa*".

Essa ukase é equivalente, em tempos de guerra imperialista, ao slogan dirigido ao proletariado alienado: "*sacrifique-se para defender a pátria capitalista em perigo*". Além disso, se houver evidência, está contida nesta frase: "*policiais, morram pela segurança dos ricos*". Hoje, com o agravamento da crise econômica e a proliferação de revoltas populares, a tranquilidade da burguesia é garantida apenas às custas da morte da polícia e às custas da agonia física e mental dos trabalhadores sobrecarregados de trabalho. Além disso, a polícia não cumpre mais sua missão de combater a delinquência, os pequenos crimes e contra o crime organizado (inerente à sociedade de classes), agora é reduzida a garantir a única missão de salvaguardar os interesses da burguesia exposta ao estilingue social. Ironicamente, a polícia, essa força que deveria garantir a ordem social, nunca terá vivido tanto em um estado de insegurança física e psicológica e, ao mesmo tempo, O terror do Estado sobre os cidadãos nunca foi tão grande.

Este paradoxo é apenas aparente, porque a polícia trabalha dentro e fora do terror. A vida profissional do policial é pontuada por agressões verbais e físicas, às vezes letais. Em nenhum lugar ele se sente seguro, sua função é impor às classes trabalhadoras o sistema dos ricos. O policial não é de forma alguma respeitado, nem mesmo pela classe privilegiada que ele protege. Nem por seu empregador, esse estado terrorista expõe a vida dos trabalhadores através de medidas anti-sociais mortais. Hoje, porém, as cidades atormentadas pela miséria e pela insegurança, devido à crise econômica, são entregues a várias máfias, transformando a vida dos moradores em um pesadelo.

Enquanto os distritos burgueses, que se tornaram guetos abastecidos, são superprotegidos não apenas por uma força policial pública inchada, mas também por agências de segurança privadas.

De maneira geral, a maioria dos policiais é submetida a dupla pressão, uma dupla punição, materializada pelo aumento exponencial do consumo de drogas psicotrópicas. O policial contemporâneo está tão preso a doenças patológicas quanto a população vítima de sua repressão, de sua violência histórica e descontrolada. Uma proporção significativa de policiais sofre de doenças psiquiátricas. A profissão está testemunhando uma verdadeira carnificina. Dentro dela, as licenças médicas de longo prazo estão aumentando, como em toda a sociedade insegura. Famílias estão desmoronando. Figuras de divórcio explodem. As demissões estão aumentando. E, é claro, o número de suicídios está aumentando, causado pela política repressiva instituída pelos governos para reprimir violentamente os movimentos sociais.

Obviamente, a administração da crise pela violência tornou-se o único meio de governança da burguesia decadente. Sua linha política de negociação é resumida no alinhamento das forças policiais destacadas nos centros nervosos, a fim de sufocar violentamente em caso de emergência qualquer protesto social. A polícia se tornou o único roteiro para líderes políticos, sua única agenda política. Hoje, o estado Leviatã revela sua verdadeira natureza repressiva, totalitária e reacionária.

No entanto, especialmente através do discurso dos sindicatos, não há voz para denunciar os responsáveis pela deterioração das condições de trabalho desses policiais transformados em verdadeiras milícias privadas, responsáveis pela proteção das classes privilegiadas. Uma rajada de chumbo caiu sobre as recriminações dos policiais silenciadas. Eles não são forçados a reservar direitos? Esta omertá resumida neste lema sentencioso ditado pelo Estado dos ricos: "*Lutem para reprimir e cale-se!*".

Que isto não aconteça! A última protrusão de um punhado de manifestantes, expressa por um slogan na forma de uma piada, deve ser tomada como um chamado à ordem por essas forças policiais esmagadas por uma máquina de Estado despótica. A polícia deve entender de que lado da barricada seus aliados estão. Mais uma vez, essa piada parece uma música destinada a esses policiais reduzidos a reprimir seus irmãos para salvar um sistema capitalista senil.

Assim, "suicide-se para a burguesia e seu sistema" é o slogan subliminar que o estado burguês afirma à polícia. Como prova, no rescaldo do slogan proferido por um punhado de manifestantes, o Ministro do Interior e todos os sindicatos sob ordens correram para chegar ao local, a fim de registrar uma queixa contra os autores anônimos do slogan incriminado. Mas os suicídios policiais datam muito antes desse slogan. Na verdade, essa reação hipócrita apressada visa exonerar a responsabilidade do Estado burguês e o modo de produção que ele defende, culpado pela explosão do número de suicídios e pela deterioração da saúde dos policiais e outras profissões. Além disso, com o agravamento da crise econômica, as revoltas sociais se multiplicarão e se radicalizarão. No entanto, a burguesia é incapaz de ceder às demandas sociais dos trabalhadores em dificuldades. Isso significa que a política de

repressão se intensificará. Há vários meses, a repressão tem sido a única resposta trazida pelo governo Macron às demandas legítimas do proletariado em revolta. Cnicamente, todos os debates acalorados em todos os canais da mídia de propaganda se concentram na questão de garantir lugares públicos, mas nunca abordam o problema da casualização e do empobrecimento das classes trabalhadoras.

De qualquer forma, para evitar a acentuação do suicídio policial, a maioria dos policiais alistados nessa guerra social só tem desobediência, resignação ou, melhor ainda, sua manifestação em combate. do povo lutando contra o estado burguês e seu sistema capitalista moribundo. Hoje, as pessoas em luta lançam este grito de alerta à polícia: *não cometa suicídio por este estado capitalista falido! Junte-se às nossas fileiras nas barricadas sociais!* Como alguns protestaram durante as manifestações: *"Você é pobre em azul, nós somos pobres em amarelo"*.

CAPÍTULO NOVE: Quimera Democrática

Pânico no governo

A mídia a soldo expôs o sentimento de medo que tomou conta da classe dominante. Um choque de poder exclamou em um diário parisiense: *"No sábado, tivemos a sensação de uma espécie de vaga no poder"*, disse o centrista Hervé Morin ao jornal *Le Parisien*. *O que dirige a região da Normandia exprimia um sentimento amplamente partilhado entre os burgueses, afirmando que: "o presidente deve falar rapidamente aos franceses».* Outro, atordoado, se perguntou: *"Como é que isto aconteceu?" A questão estava na boca de todos depois de um dia de tumultos que deixaram 133 feridos em Paris e levaram a mais de 400 prisões, foi o mal-entendido mais total".*¹⁷

A prefeitura em pânico chegou a posicionar franco-atiradores fortemente armados no Arco do Triunfo, que esses espadartes haviam transformado em torre de vigia em defesa da ordem estabelecida. Que seja dito: o estado francês estava com problemas e pronto para atirar nos manifestantes. Como sempre, diante da autoridade abalada, a oposição propôs soluções para fazer uma diversão: *"Nunca vi em minha vida um movimento apoiado por 84% dos franceses"*, disse o filósofo Luc Ferry. *O ex-ministro acredita que a crise é tal que justifica a dissolução da Assembléia Nacional (...). Marginalizada por esse movimento espontâneo que desafia as estruturas tradicionais, a oposição reagiu em fileiras dispersas.* Os presidentes do *Rassemblement national, Marine Le Pen, e de la France insoumise, Jean-Luc Mélenchon, exigiram eleições legislativas. O presidente dos Républicains, Laurent Wauquiez, propôs a realização de um referendo sobre o plano de transição ecológica e os aumentos de impostos apresentados na semana passada.*¹⁸

Ridículo, de fato, por três semanas o referendo é permanente nas estradas da França e em Paris ocupadas pelo povo, e esse referendo rejeita o empobrecimento dos proletários pelo estado dos ricos. O povo falou e rejeita esta bandeira falsa da transição eco-bobo para apoiar o capitalismo verde.

O Movimento é precisamente a expressão deslumbrante da rejeição da democracia burguesa e do cretinismo parlamentar, quando esses acrobatas políticos propõem uma camada eleitoral. O passado de todos esses esquerdistas - centristas - direitistas é o garante de seu futuro. Mas a tentativa deles de liquidá-lo por meio de eleições, como em 1968 e 2005, está fadada ao fracasso. Porque essa escola de ação, embora perturbada, é suficientemente consciente para entender que todos esses políticos profissionais são os coveiros de sua raiva legítima. Esses colaboradores do grande capital em crise, esquerdistas como direitistas, pelo slogan "*Macron dimite*", estão dispostos a compartilhar a governança do Estado em caso de vacância de poder.

Permanecem na ante-sala do poder, senhores, senhoras, os políticos corruptos, até que ativistas sem ilusões terminem com o funcionário dos banqueiros que administram o estado dos ricos. Os militantes derrotam as intrigas políticas para dividi-las, até recusando-se a abandonar sua responsabilidade em favor de pseudo-representantes sempre prontos para acumular o capital político às custas dos partidários. É normal que um movimento popular tão vasto, que reúne centenas de milhares de ativistas, de origem social e profissional diversa, esteja procurando suas marcas.

Desilusão mediática e ilusão democrática

Assim, os pequeno-burgueses com retórica dominada trouxeram ao Movimento sua frustração de rebaixar o sistema a partir do qual esperavam empregos altamente remunerados. Os pequenos-burgueses se vêem como porta-vozes e estrategistas designados, fortes em temas do movimento populista. Através de seu slogan reformista, *Macron dimite* e sua esperança de uma neutralidade objetiva da imprensa sob ordens, eles trazem ao Movimento suas ilusões sobre a democracia burguesa. Não se surpreenda ao ouvir os pequenos burgueses se ofenderem com a parcialidade da mídia mentirosa: "*Coletes amarelos: Michel Onfray denuncia a desinformação da mídia e o apoio do governo aos destruidores*".¹⁹ Há muito tempo que o proletariado não dá qualquer crédito a estes porta-vozes do grande patronato.

Deveríamos nos preocupar com o apoio da burguesia regional e com a infiltração da pequena burguesia local? Nem um pouco. As crises sociais, conseqüências das crises econômicas, são indicativas das fortes tendências que perturbam a sociedade. Durante as crises econômicas, transformando-se em crises políticas e sociais, a mídia paga - propriedade dos bilionários das comunicações - desmascara-se e, nessa ocasião, expõe-se à ira das massas em revolta. Quem pode acreditar que o Estado burguês e as grandes empresas tolerariam que sua mídia disseminando as idéias dos rebeldes, se elas colocassem em risco a ordem estabelecida?

O que faz um observador na cena política francesa dizer que: "*Se o conflito piora, os Coletes Amarelos verão a verdadeira face da classe dominante, essa face hedionda que ela escondeu durante os períodos "pacíficos". Eles então descobrirão que seu discurso sobre o direito de greve, protesto, liberdade de movimento etc. é apenas hipocrisia e mentiras. O mordomo e o governo não hesitarão em usar a repressão mais feroz para quebrar o Movimento. Eles podem perceber que quanto mais a luta*

dura e se transforma em uma luta política, mais brutal, arrogante e hedionda a classe dominante se torna". (...) E o autor continua: "No momento, o Movimento apenas destaca as demandas econômicas (imposto sobre combustíveis, poder de compra, alto custo de vida). As demandas políticas estão quase ausentes. Se as reivindicações econômicas são justas e legítimas, devemos lutar para alcançá-las, no entanto, o Movimento não deve esquecer que está lutando contra os efeitos e não contra as causas desses efeitos. A luta por demandas imediatas, que permanece essencial, não remove as raízes que geram essa situação desastrosa em que uma parte cada vez maior da população se encontra". 20

Transformar a revolta espontânea em combate organizado

Os pequenos burgueses acreditam que são investidos de uma missão de conscientizar os ativistas que consideram ignorantes: *"Esse movimento de protesto interclassista, iniciado inicialmente por pequenos chefes, não desperta hostilidade por parte da mídia e inevitavelmente atrai as forças da extrema direita; mesmo quando ele mostra uma oposição virulenta à política do governo e às grandes empresas capitalistas, ele só pode ter uma orientação burguesa (sic). Os proletários que participam do movimento o fazem apenas individualmente; não sendo organizados de forma independente, eles não podem defender seus interesses específicos explorados - ou seja, contra a exploração capitalista: eles se afogam em uma luta comum com pequenos chefes, comerciantes, artesãos, liberais etc., que, é claro, defendem firmemente o capitalismo!"*²¹

E esses esquerdistas recitam o catecismo comunista: *"Uma luta entre classes, onde os proletários estão inevitavelmente sujeitos aos interesses de outras classes, pode muito bem ser bem-sucedida; pode muito bem ter sucesso em milhares de bloqueios pontuais, nunca conseguirá bloquear o capitalismo. Somente a luta de classes independente, a luta pelos interesses de classe dos proletários, pode conseguir isso. De fato, são os proletários que, sozinhos, têm a força potencial para derrotar o capitalismo, porque ele vive apenas de sua exploração. Lutar contra essa exploração é lutar contra o capitalismo, acabar com isso, é acabar com o capitalismo!"*²² Que seja dito, esses esquerdistas estão certos. Eles estão enganados quando afirmam que a consciência de classe será trazida de fora, como um presente de comunistas, trotskistas, marxistas-leninistas, maoístas, esquerdistas às ativistas inconscientes. Essa consciência revolucionária de classe proletária só pode surgir da experiência da luta de classes prática para a qual a esquerda é convidada.

Assim, um ativista de esquerda afirma que: *"Os Coletes amarelos devem lutar contra o poder político, fonte de seus infortúnios. Eles não devem se limitar a reivindicações econômicas que, mesmo satisfeitas, não removem de maneira alguma as condições nas quais as injustiças de classe se reproduzem"*. Apesar de sua boa vontade, esse ativista está completamente perdido. O proletariado não deve tentar reformar o poder político burguês e não deve esperar reduzir as injustiças do sistema. Esse conceito de *"injustiça"* na distribuição dos frutos da produção é uma moda passageira da pequena burguesia moralista que aspira a um mundo justo em meio à iniquidade social desenfreada. A injustiça distributiva não é uma distorção do sistema que poderia ser reformado, é sua base. A contradição do capitalismo é

revelada quando o sistema não permite mais que o trabalho ou o capital sejam remunerados, ou seja, se reproduzem. **Os rebeldes devem lutar primeiro contra o poder econômico do capital, o que os levará a combater o poder político, com o objetivo de não aliviar as injustiças do sistema, nem de reformar, mas com o objetivo de derruba-lo.** A classe proletária não deseja conquistar o poder estatal burguês, deseja destruí-lo, assim como a propriedade privada e as relações capitalistas de produção, não para refrear as *injustiças sociais*, não para estabelecer uma *democracia populista direta* ou para restaurar a "*liberdade de expressão sob exploração*", mas para sobreviver como espécie. É toda a raça humana que está em perigo de extinção se continuarmos no caminho da globalização financeira. Após essa destruição do antigo modo de produção, a construção do novo modo de produção comunista proletário garantirá as bases econômicas, políticas, sociológicas e ideológicas da extinção das classes sociais, do fim da exploração que as acompanha, erradicar os fundamentos da injustiça e estabelecer a verdadeira liberdade com equidade e dignidade. É inútil criticar a classe proletária por não colocar esse objetivo estratégico desde o início da revolta populista, quando é expressamente o papel da insurreição popular provocar a consciência de classe que será expressa através da evolução do movimento revolucionário proletário.

CAPÍTULO DEZ: Apoio popular e máscaradas eleitorais

Apoio popular

Em 8 de fevereiro de 2019, na França, o apoio popular aos coletes amarelos foi de 65%, de acordo com uma pesquisa do IFOP, e até 75% para as reivindicações mais importantes, como o SMIC e o RIC.

O apoio a 4 de março de 2019: quase dois em cada três franceses (64%) continuam apoiando o Movimento, mais dois pontos em um mês e 77% (+3) consideram sua mobilização justificada, segundo uma pesquisa *YouGov*. Os entrevistados são 32% (-2) para não apoiá-lo. Para 52% (+4) dos entrevistados, os manifestantes não devem interromper sua mobilização durante o grande debate, contra 36% (2) que têm uma opinião contrária, de acordo com esta pesquisa para o *HuffPost* e *CNews*.²³

Ironicamente, apenas as ruas conseguiram mudar o clima político em uma perspectiva de transição econômica reformista, purificar o debate político há muito poluído pela demagogia elitista, revitalizar ideologicamente a atmosfera política paralisada, ansiosamente parasitada pelo um discurso ecológico apocalíptico, eleitoralista e mercantil, ridicularizando os órgãos oficiais tradicionais do serralho político e financeiro.

Máscaradas eleitorais

Graças ao enfraquecimento do Movimento, exausto e desencorajado por várias semanas de luta malsucedida, uma luta abandonada por muitos ativistas trabalhistas, alguns membros dos coletes amarelos decidiram apresentar uma lista de candidatos para o baile de máscara eleitoral europeu. Ao fazer isso, esse levante original e sem precedentes ameaçou o suicídio político. De fato, construir uma lista de candidatos à representação eleitoral significa criar um partido e estabelecer um programa. É formular candidatas e candidatos em antecipação ao circo parlamentar, coletar pilhas de dinheiro, a medida pela qual o sucesso é medido e ganhar esse carnaval eleitoral animado pelos ricos e seus meios de comunicação. Se houver funcionários eleitos, eles terão que se integrar rapidamente ao aparato burguês de representação pelos poderes conferidos pelo sistema parlamentar burguês, eles serão absorvidos pelo

aparato estatal capitalista, como aconteceu com a social-democracia, os socialistas, os comunistas, trotskistas e outros esquerdistas. O que militantes em coletes amarelos estão constantemente condenando desde o início da revolta.

Dada a oportunidade que esta lista amarela representa para o governo, o problema da captação de recursos não será um problema. Sem dúvida, será fácil encontrar doadores generosos, especialmente porque esta lista amarela poderá arrancar eleitores do *Rassemblement national*, o espantalho brandido pela esquerda burguesa e o partido de *La France insoumise*, outro espectro agitado pela direita burguesa. O dano moral e ideológico será o mesmo se esta lista amarela for apenas uma pontuação medíocre e o poder burguês puder dizer: "*Você vê que os coletes amarelos não representam ninguém*". De fato, nesta mascarada eleitoral de e para os ricos, a vitória do proletariado já é conquistada com 60% de abstenção, muitas vezes alta entre os trabalhadores que viram membros pagos militantes.

E se tivesse sido eleito um amarelo?

Assim, podemos entender que, como tantas outras antes dela, Madame Levavasseur, uma ex-musa, sucumbe ao "*canto das sirenes de Bruxelas*", contando com a sua aura mediática. Ela disse que, em vários meios de comunicação, se arrepende de ter votado por LREM. Então, por que ela quer ajudá-los? Especialmente porque a Europa não é absolutamente um assunto de demanda. Um movimento que se declara apolítico perde toda a credibilidade se embarca no que a marigota política considera mais glaucosa, as instituições européias. E ainda mais, se ele conta em suas fileiras um capanga do poder infiltrado e se ele toma como diretor de campanha um ex-militante das joalherias socialistas das Jeunesses. Esse grupo político oportunista dará a impressão de "*ir à sopa*", como os outros caras do outro lado. Assim, o movimento se aniquilaria. Isso pode deixar muitos desapontados, insatisfeitos e violentos. Mas, acima de tudo, fraturar o movimento. Aqui está um exemplo em que a pequena burguesia desprivilegiada deve ser enquadrada ou expulsa em nome da unidade. Não se preocupe, porém, que a base não come essa sopa e não participará nesta farsa eleitoral reacionária.

CAPÍTULO ONZE: A organização não é a aposta, mas o meio de ganhar a aposta

Organização e inorganização dos Coletes amarelos?

Os camaradas colocam o problema ao contrário, no sentido em que levantam a questão subsidiária, quando devem apresentar a questão fundamental, a saber, após meses de agitação e atropelamento, para onde está indo a luta e como dar um segundo vento? A organização do Movimento seria o vetor da sua resiliência? Achamos que não, aqui está o porquê.

A questão da organização surgiu desde a assunção de responsabilidades pelas personalidades da pequena burguesia. Essas personalidades, adequadamente vestidas com seus coletes extravagantes, começaram a desfilar na frente das câmeras e a entrar nos aparelhos de TV, felizes demais em promovê-las para manipulá-las, a fim de criar dissensões dentro do Movimento imobilizado na encruzilhada das rotatórias da resistência.

*“Não se deve sobretudo organizar o movimento dos coletes amarelos. Seria fazê-lo perder a sua espontaneidade. Seria escolher chefes munidos de serviços de ordem, forçosamente compostos de polícias selfmade, que o conduziriam directamente às grades e, portanto, ao fracasso. Sobretudo, se a estruturação é feita pelos sindicatos, isto é, pelas burocracias sindicais. Lembrem-se daquele sábado em que os Coletes Amarelos, recusando a armadilha dos covos, atacaram a armadilha do lado de fora! Isto seria impossível se o movimento se estruturasse».*²⁴

Primeira intersecção dos caminhos para a resistência

Houve dois cruzamentos de caminhos. A primeira cruzada surgiu quando o Estado terrorista atacou as barricadas erguidas sobre cerca de 150 rotundas rodoviárias. Durante este ataque do Estado dos ricos contra o coração militante da ação de paralisia da economia (onde isso magoa o capital), muitos ativistas se deixaram enganar por suas festas defendendo a organização semanal de manifestações-caminhadas, fortemente mediatizadas, em Paris e em algumas cidades de província, manifestações imediatamente dominadas pela omnipresença devastadora do «*Black bloc*». O Estado burguês não pedia melhor. Adeus às barricadas emancipadoras e bem-vindas aos estéreis *destruidores* nos Champs-Élysées, onde os meios de comunicação burgueses se reuniam todos os sábados para exibir a degradação de algumas vitrines e sobretudo as violentas repressões policiais contra os manifestantes.

O Padre Chicoteador do Estado gosta de expor as tarefas reservadas aos rebeldes. Seja como for, não era certamente nos Campos Elísios que a guerra

económica de classe devia ser travada, mas antes das empresas paralisadas, das rotundas rodoviárias, dos guinchos ferroviários, nos aeroportos e nos portos marítimos, onde quer que os bens mais valiosos estejam a circular, a fim de cortar a circulação do capital cada vez menos rentável, até à sangria da besta infame. A exibição nos Campos Elísios não foi mais que um espectáculo de reality show para assustar os pequenos burgueses tetanizados.

Segunda intersecção dos caminhos para a resistência

A segunda encruzilhada surgiu no 5 de Fevereiro de 2019. E correu muito mal. Eis como e porquê. Não nos surpreende que a burocracia sindical tenha tentado recuperar a revolta popular para a sufocar. Os seus empregos estão sujeitos à prestação de serviços de manutenção da ordem social capitalista. A aristocracia sindical venal cumpre assim o contrato pelo qual o capital a remunera. Que a agitação sindical infantil se materializasse na forma da eterna parada carnavalesca, com fundo de música eletrónica, para atrair os meios burgueses e fazer boa figura na televisão, era preciso antecipá-la. A pequena burguesia adora estas mascaradas, sobretudo se houver alguns danos sem grande consequência (o *Fouquet's* ou o mausoléu do Soldado desconhecido).

A questão continuava a ser colocada: a acção iria estiolar-se de Acto-manifestação coalhada em Acto-manifestação coalhada sem fim? A pequena burguesia gosta que os proletários terrorizem o grande patronato e os seus cães de guarda intelectuais, desde que uma vez as janelas partidas, regressem a casa para comer frango com hormonas e ver televisão. A questão crucial que então se colocava era a seguinte: poderiam organizar uma greve geral ilimitada, única via de aprofundamento da sua acção? **Era à porta das fábricas, à entrada dos estaleiros e às rotundas que os operários deviam colocar-se a questão da organização e resolvê-la, não para perpetuar burocraticamente um movimento por natureza evolutivo, mas para ganhar um novo round da bravamente comprometida guerra de classe.**

A questão da organização na luta de classe

Para a classe proletária, materialista e pragmática, é através da resposta prática aos imperativos da luta de resistência de classe que o movimento se organiza e assume uma dimensão insurreccional. Só o proletariado poderá conduzir uma tal greve geral, o que desqualifica a pequena burguesia. No curso do desenvolvimento da greve geral de insurreição (selvagem e espontânea), a questão da organização colocará-se objectivamente e exigirá uma solução prática, não burocrática. Na próxima revolta popular, esta questão encontrará a sua resposta prática para servir o desenvolvimento da acção que, de resistência populista, se transformará numa insurreição popular. Fora deste esquema prático de luta de resistência concreta, debater sobre a organização é a actividade preferida da pequena-burguesia demente.

CAPÍTULO DOZE: Frente Unida do Racismo e Antiracismo, do Fascismo e Antifascismo

Toupeira infiltrada anti-semita

Às vezes, o racismo se esconde sob as características do anti-racismo e, a partir dessa posição singular, ele ativa o tandem, racismo - anti-racismo. Durante a batalha dos coletes amarelos, uma toupeira cripto-anti-semita infiltrou-se no Movimento pela esquerda reformista, seu vetor preferido de propagação. Com base no terrorismo mediático, orquestrado pelo estado dos ricos, uma campanha de propaganda tentou de paralisar as ativistas nas rotatórias.

O racismo, incluindo o anti-semitismo e seu parceiro anti-racismo, constituem uma teologia promovida por décadas pela burguesia e seu estado de tutela. O atavismo cripto-*anti-semita* francês se enraíza no caso Dreyfus, floresceu durante o período entre guerras, durante as refinarias da **Frente Unida** (Frente patriótica popular da burguesia e do proletariado) promovida pela esquerda socialista e comunista em face do nazismo, fascismo, corporativismo e franquismo, essas variantes totalitárias do capitalismo de estado. A França foi cercada pelas fronteiras pelos países totalitários da direita, enquanto era infiltrada pelos comunistas da fração totalitária stalinista de esquerda e pelas falanges petainistas de direita. Todas essas organizações defendiam os interesses do capital e de forma alguma os interesses do proletariado. O grande capital francês, em declínio, estava em jogo com as grandes alianças do capital internacional (potências do Eixo totalitário contra potências aliadas liberais). Foi por pouco que o grande capital francês se transferiu para o campo do Eixo. Somente a aliança da esquerda comunista, socialista e trotskista e da direita gaullista permitiram que parte do grande capital francês fosse mantida no campo de guerra dos Aliados, ou seja, no campo do grande capital liberal.

Dentro dessas alianças, a ficção "racismo, anti-semita contra *anti-racismo*" tornou-se a linha de demarcação que fixava os termos da separação entre o campo do capital favorável aos petainistas e o clã do capital adquirido nos interesses econômicos dos aliados e gaullistas. A ficção: "*comunismo - campo socialista contra o anticomunismo - campo liberal*" não apareceu até depois da guerra. Depois de 1945, o campo aliado, vitorioso, impôs sua interpretação das causas desse segundo açougue assassino. A partir daquele dia, a **Segunda Guerra Mundial** não foi mais apresentada como uma guerra imperialista pela divisão dos mercados entre potências assassinas sedentas de mais-valia, mas como uma guerra racista - anti-semita - visando o extermínio dos seguidores da religião judaica, seis-milhões de vítimas de acordo com a doxa oficial entre os 55 milhões de mortos e 100 milhões de

feridos sacrificados pelo capital durante esta guerra genocida contra o proletariado internacional. A historiografia burguesa escapa dessa realidade macabra, as principais vítimas desta Segunda Guerra Mundial foram os proletários, com um rifle forçado na mão para morrer pela pátria durante a guerra mais bárbara da história. A Segunda Guerra Mundial não foi obra da loucura hitleriana ou da ideologia nacional-socialista (NAZI), mas foi a consequência direta de um sistema capitalista geneticamente belicoso, colonialista, escravista, imperialista, explorador, opressor e racista.

Ataque do Estado contra intelectuais vacilantes

A luta contra o racismo e o anti-semitismo repousa sobre a possibilidade, até a necessidade de uma Aliança Santa utópica entre o proletariado e os setores democráticos da burguesia, apoiados por seus estados (da esquerda e da direita), para lutar contra um *inimigo universal* que transcende as classes sociais, o racismo e o anti-semitismo. Em outras palavras, haveria um terreno comum - a luta contra o racismo e o anti-semitismo - em que a colaboração de classe seria possível. **A alternativa "capitalismo-revolução proletário" é então substituída pela alternativa "racismo fora de classe - antiracismo fora da classe", escondendo o fato de que o racismo é um produto da burguesia de esquerda e direita.** Essa Aliança Sagrada foi desenvolvida além da *Shoah*, erigida em uma nova religião que encerra os cúmplices no pacto de colaboração de classe, do qual eles não podem se libertar, monitorando um ao outro, a esquerda e a direita entrelaçadas, a fim de garantir que os intelectuais burgueses instáveis sejam mantidos em uma coleira, longe do proletariado.

Desde o início das atividades, o "remake" desse confronto de racismo fora da classe contra o anti-racismo fora da classe começou com uma campanha mediática organizada pelo Estado francês para aterrorizar os intelectuais tentados a apoiar os Coletes amarelos.

O Movimento então aglomerou pequenos burgueses, intelectuais, trabalhadores e proletários, funcionários públicos, aposentados, estudantes, feministas, LGBTQ, ecologista e o resto do Tribunal de Milagres em revolta, um pouco como na estalagem espanhola, onde todo mundo encontra o que ele traz isso. No entanto, a guerra de classes reinou constantemente e orientou a guerra de classes externa entre os assalariados e o capital. O grande capital francês era favorável a essa aliança oportunista, desde que fosse a pequena burguesia que preserva a hegemonia desses estábulos de Augias. Essa chantagem terrorista ao *anti-semitismo* estava na mesma água adulterada que as alegações de inclinações fascistas do proletariado francês. **O proletariado francês não é anti-semita, nem racista, nem fascista, porque essas falhas burguesas vão contra seus interesses de classe.**

Antifascismo em apoio ao fascismo

"Entre todas as formas de luta contra o fascismo, há uma que sempre e necessariamente leva à derrota dos trabalhadores: é o **anti-fascismo**. Porque?"²⁵

O fascismo é a transformação do revolucionarismo pequeno-burguês nas novas condições abertas ao capitalismo pela Primeira Guerra Mundial. Essa é uma tendência comum a todas as organizações políticas da pequena burguesia *revolucionária*, nacionalista e populista. O capitalismo nacional está a caminho, à medida que o capital se funde globalmente e se concentra. Assim, o capital nacional residual (as PME subcontratantes) aglutina-se em torno do estado nacional, seu agente unificador. O fascismo e seu corolário o totalitarismo socialista são meios para consolidar o capitalismo de estado, que hoje se tornou a forma geral de organização política do capital. Portanto, neofascistas e pseudo-socialistas-comunistas-esquerdistas competem pela mesma clientela eleitoral pequeno-burguesa e, em alternativa, fragmentos da classe proletária inconsciente. É por isso que a histeria de esquerda contra o **Front National** é cada vez menos bem-sucedida entre os proletários. Seções do proletariado não entendem por que o fascismo do *Rassemblement national* é mais estigmatizado do que o do Estado no pagamento do grande capital. Essa confusão política onipresente provocando o desinteresse da classe proletária pelo eleitoralismo burguês, atesta o alto nível de consciência política da classe trabalhadora francesa.

Outra conseqüência importante da concentração monopolista do capital é a integração dos sindicatos no aparato estatal burguês, que anda de mãos dadas com a imposição de condições de trabalho homogêneas a todos os trabalhadores em todos os estados nacionais, por meio de superestruturas políticas e administrativas como a União Européia (código do trabalho, salário mínimo, seguro de emprego, tributação e retenção na fonte, programa padronizado de aposentadoria etc.) O fascismo acelerou esse processo de unificação l 'um de seus argumentos a favor da justiça social, isto é, a favor da reconciliação das classes sociais. Não é difícil ver a homogeneidade das demandas da esquerda comunista e socialista e da direita lepenista, o que explica a atração que o *Rassemblement national* apresenta aos trabalhadores cloroformados por cinquenta anos de esquerdismo social e sindical reformista.

Mas a reconciliação de classes em um capitalismo em que a tendência para crises sistêmicas se tornou a norma é cada vez mais difícil. Nesse contexto de capitalismo em declínio, diferentemente do capitalismo ascendente da década de 1950, o capital não pode tolerar que as massas proletárias se organizem e tenham sua própria expressão política independente. Depois de subornar partidos, sindicatos e organizações de esquerda, as grandes empresas estão exigindo que os lacaios motivados politicamente integrem tudo ao estado. O fascismo (nacional-socialismo, soviétismo) expressa abertamente essa tendência totalitária: "**Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado**", que era a profissão de fé de *Mussolini, Franco, Hitler Stalin, Mao*. Slogans adotados pelos chefes e partidos burgueses da direita e da esquerda, começando pela social-democracia, pelo socialismo e comunismo. Para o trabalhador médio, é impossível diferenciar a homilia comunista da pregação fascista, o que explica por que tantos ativistas e eleitores do PCF agora se juntam ao *Rassemblement national*.

Condições para a ascensão do fascismo

Dentro desse quadro histórico geral, testemunhamos a ascensão do fascismo em dois contextos. Numa situação de endurecimento da luta de classes em que a perspectiva revolucionária estava aberta, mas também no contexto em que o movimento revolucionário dos proletários enfraqueceu ou estagnou. Porque? Nas sociedades avançadas, a pequena burguesia abandonou a retaguarda do trem proletário e apresentou o fascismo como seu próprio caminho revolucionário. O grande capital viu nela a possibilidade de converter a pequena burguesia em uma força de choque para se lançar contra a classe trabalhadora, apoiando seu desenvolvimento e emprestando-lhe as chaves do estado burguês, com as conseqüências que sabemos. A tarefa do fascismo (ou nacional-socialismo) era acima de tudo derrotar o proletariado pela força, destruir, subornar ou absorver suas organizações e preparar toda a sociedade para o recrutamento e a guerra, Itália, Alemanha e Japão são os exemplos mais ilustres disso. Nas sociedades capitalistas menos industrializadas, encimadas por fortes oligarquias fundiárias, ligadas aos setores de produção primária e exportação de matérias-primas, sem uma política de classe independente, o fascismo serviu para *modernizar* o capital (meios de produção), a fim de direcionar a mutação para o capitalismo industrial e de mercado, juntamente com o fortalecimento dos sindicatos que moldam o proletariado de acordo com os interesses do capital nacional, durante os anos de guerra - quando as exportações aumentam e financiam a modernização dos meios de produção, melhorando os salários e as condições do trabalho -, subjugando a resistência das velhas classes rurais e afirmando os interesses imperialistas do capital nacional. A Espanha franquista, a União Soviética stalinista e a China maoísta são os exemplos mais ilustres disso.

O que é o anti-fascismo?

O antifascismo repousa na idéia de uma aliança entre o proletariado, os setores democráticos da burguesia e o Estado para combater a *ameaça fascista* (da qual o mesmo Estado é o promotor). Em outras palavras, haveria um campo - a luta contra o fascismo - em que a reconciliação de classes é possível, daí a **Frente Anti-Fascista Unida**. A verdadeira alternativa *Revolução proletária ou capitalismo* é assim evitada pela alternativa *fascismo ou antifascismo*, frequentemente apresentado como "*liberdade democrática ou ditadura*", como se a liberdade fosse uma opção oferecida aos escravos na sociedade capitalista burguesa. Como disse *Amadeo Bordiga*: "*A pior conseqüência do fascismo foi o antifascismo!*"

Para a burguesia, a utilidade e a conveniência do fascismo são ordenadas pela fraqueza e pela timidez da classe proletária. Fraqueza devida ao desenvolvimento objetivo insuficiente da classe que ainda está em formação ou está mudando em muitas regiões do mundo, abrindo-se gradualmente ao moderno desenvolvimento capitalista industrial, robótico, computadorizado, urbanizado, financeiro e globalizado. Na época da expansão imperialista, o antifascismo incentivou a mobilização da pequena burguesia ao serviço do estado fetichista, o mordomo e o guardião do grande capital, na qual a pequena burguesia, de esquerda e de direita, ponham todas as suas esperanças. Na maioria das vezes, o pequeno-burguês é um empregado do estado fetiche. Isto explica a sua sensibilidade face aos cortes nos orçamentos sociais e ambientais e, posteriormente, a sua repulsa pela privatização das empresas estatais e a sua aversão à transferência dos orçamentos estatais a favor

dos industriais, das empresas energéticas, do sector imobiliário e financeiro. O pequeno-burguês fascista ou nacional-socialista ou antifascista não quer derrubar o Estado capitalista, deseja simplesmente continuar a ser assalariado do Estado dos ricos.

Em um período de retirada das lutas da classe proletária, fascismo e antifascismo servem para enquadrar os trabalhadores em revolta e mobilizá-los a favor do Estado, apresentando o estado fetiche como o único horizonte insuperável de desenvolvimento econômico, político e social. De fato, o fascismo e o antifascismo formam um casal reacionário cuja vocação é desviar e paralisar a luta anticapitalista do proletariado. De qualquer forma, o casal fascismo-antifascismo prepara as condições para a evolução belicosa das tensões interimperialistas e para a transposição dessas tensões entre o proletariado, de modo a defender os interesses de uma facção ou de outra do grande capital mundial. É assim que observamos esquerdistas (nacional-socialistas) advogando contra o imperialismo americano ao ingressar na aliança imperialista *China-Rússia*. Outros esquerdistas estão pedindo que a União Europeia se estabeleça como baluarte anti-OTAN e / ou anti-chinês como a terceira aliança imperialista beligerante. Qualquer aspiração à reconciliação de classes abre a oportunidade de recorrer ao fascismo e, em correlação, às expressões socialistas antifascistas.

É função do antifascismo credibilizar a tendência fascista estigmatizando-a como uma opção válida contra a qual o proletariado deveria mobilizar-se a fim de preservar o grande capital das suas inclinações fascistas suicidas. É assim que operam as burguesias francesa e europeia nestes tempos de crise sistémica do capitalismo.

O anti-fascismo libertou o proletariado?

«Em Espanha, o resultado da greve revolucionária de 1934, nomeadamente na Catalunha e em Madrid, abriu uma saída fascista à burguesia espanhola, mostrando claramente a incapacidade do movimento da classe operária em superar a subordinação à defesa do Estado democrático burguês, exercido pelos partidos nacionalistas e pelo PSOE. Os sectores mais reaccionários da burguesia de Estado espanhola podiam então optar pelo golpe de Estado militar, que, no entanto, foi vencido em 19 de Julho de 1936 pela insurreição operária. O Estado burguês republicano desmoronou-se e começou imediatamente a reconstruir-se sob o slogan antifascista da Generalitat até ser suficientemente poderoso para desarmar e derrotar os trabalhadores. Naquela época (1937-1938), quando a guerra revolucionária se tornou uma guerra imperialista, o capital nacional espanhol foi «salvo», o destino dos operários, de ambos os lados da frente, foi selado. Em 1934, a defesa do Estado democrático e a subordinação ao nacionalismo catalão abriram a porta à «solução fascista» de 1936 que, embora derrotada pelos trabalhadores, será imposta depois da reconstrução antifascista do Estado republicano. Depois da vitória de Franco em 1939, as condições para a derrota geral do proletariado nos países ocidentais estavam reunidas. A guerra, a expressão e o resultado sangrentos da contra-revolução podiam começar. A Rússia estalinista substituiu o anti-fascismo pela colaboração com Hitler que partilha a Polónia e obtém um desconto para invadir a Finlândia

e os Estados Bálticos. Mas dois anos depois, em 22 de junho de 1941, Hitler decidiu atacar a Rússia. As antigas glórias da «Frente Popular» e do anti-fascismo saíram do armário para criar uma bandeira comum com os aliados «democráticos» que serviu de engodo ideológico para o recrutamento em massa de trabalhadores e de vacina contra a resistência à guerra imperialista total. No entanto, o movimento de classe reapareceu depois de 1943 com greves maciças na Itália, Grécia e Espanha. Permanece na memória das minorias revolucionárias que a Espanha e a Itália lutaram ao lado dos outros trabalhadores, contra os fascistas e contra os antifascistas, e contra todo um folclore proletário sobre a repressão democrática dos antifascistas e dos socialistas das forças que de facto tinham apoiado a reação».26

Quando a burguesia arrogante celebra orgulhosamente o seu «trunfo sobre o fascismo e o nacional-socialismo», enobrece a Segunda Guerra Imperialista Mundial, a maior carnificina da história da humanidade. Por outras palavras, ela cobre com uma mortalha a nossa sangrenta derrota de classe.

O fascismo e o anti-fascismo poderiam voltar?

Há meio século e mais, a fraqueza das lutas da classe proletária fora do quadro estatal e sindical, tornou inútil a opção fascista para apoiar o Estado nacional dirigista e o grande capital financiarizado e globalizado. Por outro lado, o **capitalismo de Estado** tornou-se a forma de organização universal do capital nacional e internacional. No entanto, após longos anos de crise, a pequena burguesia rebelou-se, uma vez que o capital já não lhe garante vantagens especiais. Pelo contrário, o grande capital mundial tende a precarizar as condições económicas e sociais. A pequena burguesia, particularmente numerosa nas sociedades capitalistas avançadas que asseguram a cobertura dos serviços sociais, propõe desenvolver o **militarismo**, condição ideal sob a concorrência mundial. A pequena burguesia gesticula a propósito da Revolução tecnológica, que apenas gera estagnação económica, sobreprodução e marasmo do aparelho de produção. Vemos isso com o *Brexit* e o *trunfo de Trump*, com os movimentos separatistas catalão, escocês, flamengo, através das greves de caminhoneiros no Brasil, com os Coletes amarelos e com o liberalismo chauvinista na Itália, que contrariam as ambições hegemónicas do eixo franco-alemão. A burguesia encontrou nos protestos de ira da pequena burguesia revoltada um obstáculo importante à reforma do sistema capitalista. No entanto, o grande capital europeu é obrigado a transformar a organização política do Estado para enfrentar os seus concorrentes e aliados mundiais (Estados Unidos e aliança China-Rússia, sem contar com alguns grandes países emergentes, como a Índia e o Brasil). Hoje, o capital precisa, para relançar a valorização e a acumulação do capital produtivo, de uma nova vaga de crises económicas, bolsistas, comerciais, monetárias, políticas, militares e sociais no centro de um cenário imperialista cada vez mais tenso, que colocará a tónica na necessidade de «restabelecer a situação mundial caótica», e de utilizar os populistas pequenosburgueses como bastões contra as lutas dos proletários pela defesa das suas condições de vida e de trabalho.

É o que uma parte da burguesia francesa quis fazer das amarelas, é o que a burguesia alemã procura consolidar com os *Verdes* e a ecologia, e a burguesia italiana com *Salvini* e o nacional chauvinismo, o que a burguesia britânica tentou fazer com o *Brexit* e o que o grande capital francês prepara com o *Rassemblement national* e a burguesia chinesa com as manifestações de Hong Kong. É neste contexto que os movimentos populistas pretendem oferecer uma alternativa com as suas bandeiras interclasses de tipo Frente Uni-Populista, que vão da xenofobia, ao feminismo, à emergência climática, passando pelo anti-racismo, o anti-fascismo e a luta pelas liberdades democráticas (sic). O grande capital tenta dirigir um rearmamento autoritário do capitalismo de Estado dissimulado por falsas *conquistas sociais a proteger* que precederão o ataque geral contra os sistemas de seguro de trabalho, os regimes de reforma, as condições de trabalho e os salários dos proletários. A pequena burguesia saberá entregar a mercadoria prometida aos seus donos do grande capital?

Nas condições atuais, os movimentos que perpetuam a tradição interclasse, pró-capitalista e autoritária do fascismo desejam cumprir as funções de enquadrar o proletariado enquanto o disciplinam e dotando-o de novos símbolos com atrativos patrióticos e progressivos. Mas o patriotismo e o progressismo pequeno-burguês estão se tornando cada vez menos populares. Não são esses vestígios populares ou suas tendências adjacentes, na extrema direita do espectro político, que interessam ao grande capital. Também não são as *Frentes Unidas Neoliberais*, abertamente repressivas, machistas e neoconservadoras. Pelo contrário, o novo fascismo com fascínios republicanos é hoje agitado contra as *elites e os caciques* representativos dos setores mais obsoletos da burguesia estatal e da pequena burguesia no processo de empobrecimento. Mas, como o velho, ele desejará se envolver em bandeiras populares, porque isso não pareceria *revolucionário* a partir de um grupo interclasse supostamente democrático, igualitário e, é claro, patriótico e progressivo. Ou seja, o atual **fascismo estatal** é o primeiro candidato a vestir a jaqueta e a agarrar a bandeira do **anti-fascismo** contra a reação histórica de sua própria classe burguesa, porque, assim, gera as condições para sua progressão. E Donald Trump para denunciar os supremacistas brancos (sic).

CAPÍTULO 13: O salário mínimo para reduzir os salários ao máximo

Detenhamo-nos numa reivindicação emblemática: o aumento do salário mínimo (SMIC) para 1300 euros líquidos por mês. E vejamos por que razão esta batalha foi unânime entre a esquerda, a direita, os sindicatos, o grande patronato e os políticos burgueses. A sua única dissensão dizia respeito à amplitude e à frequência dos aumentos do SMIC. Este é um exemplo dos chamados *direitos adquiridos*, defendidos com tenacidade pela esquerda caritativa.

Aumentar o salário mínimo para estabilizar o salário médio

Na fase em que se encontra a crise económica do capitalismo, poder-se-ia encarar a agonia do «livre» mercado. Não existe nenhuma novidade prometedora susceptível de permitir esperar um relançamento da economia mundializada. O último véu a cair é a esmola do salário mínimo, o *SMIC*, diz-se em França, como panaceia para encorajar a automatização das empresas, a inovação tecnológica e os aumentos de produtividade. Recordemos a história recente. Desde 2016, a desafecção dos militantes operários diante dos discursos da esquerda reformista é evidente. É o ano em que *Donald Trump* e a *Brexit* começaram a influenciar os sectores mais vulneráveis da pequena burguesia empobrecida e do proletariado precarizados, o ano em que as sondagens dos grandes meios de comunicação sugeriram que a juventude americana se tinha tornado *socialista* (sic), enquanto o Partido Democrata nos Estados Unidos recuperou *Bernie Sanders*, o *socialista*. Nas últimas eleições norte-americanas, o salário mínimo foi um tema privilegiado das Primárias do Partido Democrata. E os economistas começaram a produzir toda uma literatura apresentando o aumento do salário mínimo como uma alternativa ao neoproteccionismo e às políticas de austeridade preconizadas por Donald Trump e outros.

Os pequenos burgueses recuperaram este cavalo de Tróia das mãos da intelligentsia ocidental e os coletes amarelos reclamaram um SMIC a 1300 euros líquido por mês. Recorde-se que 12 % dos assalariados franceses são remunerados a esta tarifa mínima, o que constitui a mediana salarial em França. Assim, em 2018 o SMIC líquido era de cerca de 1 200 €, o SMIC bruto em torno de 1 500 €, e o custo salarial, incluindo os encargos sociais, ascendia a cerca de 1600 euros mensais. Note-se que o SMIC aumentou apenas 1,5 % em 1 de janeiro de 2019, ou seja, um pouco menos do que a inflação, compensada pelo aumento do prémio de atividade, a cargo dos contribuintes assalariados. Por outras palavras, foi o proletário contribuinte que resgatou o proletário remunerado pelo salário mínimo.

A fim de evitar o aumento do salário médio alargado a novos sectores de emprego, nomeadamente os empregos de baixo valor acrescentado (com forte coeficiente de mão-de-obra), os grandes grupos industriais confiam determinadas actividades a PMEAs empresas que recorrem aos trabalhadores destacados, aos trabalhadores precários, ou mesmo aos trabalhadores não declarados (migrantes ilegais). Isso

também é verdade no setor parapúblico, como os limpadores do metrô. Desta constatação resulta que o salário mediano está muito próximo do SMIC, que agrupa em cada um dos seus aumentos estatutários (sem greves nem conflitos sociais), os trabalhadores cujos rendimentos são mesmo acima do salário mínimo, que deixa de ser um mínimo, mas acaba por ser um máximo salarial para os trabalhadores pobres, que em breve serão majoritários entre os efectivos de numerosos países.

Dois factores levam a reduzir a diferença entre o salário médio e o salário mínimo, por um lado, devido à existência de numerosos trabalhadores com rendimentos efectivos inferiores ao SMIC (a tempo parcial, precário, pequenos agricultores, pessoas sem trabalho, trabalhadores imigrantes ilegais, trabalhadores pobres); por outro lado, devido a uma certa queda nos salários, consequência da competição entre os funcionários. Além disso, há décadas o SMIC, parte do qual é pago pelo estado (e, portanto, pelos funcionários), é reavaliado mais do que o salário médio. Daí a proporção muito alta de funcionários que nunca decolam do SMIC, que é precisamente o efeito procurado pela política estadual fortemente apoiada pela esquerda caritativa. Agora, todos entenderão por que todos os apoiadores do capital, de todas as alianças (partidos de esquerda e direita, sindicatos, empregadores, ONGs) favorecem a extensão do SMIC.

E os trabalhadores pobres - mal pagos - para discutir sobre o molho que comerão. Aumento do SMIC em porcentagem ou aumento de acordo com um valor fixo? De fato, é isso que defende a esquerda caritativa que não procura destruir o modo de produção capitalista, mas torná-la mais justa e equitativa na exploração dos escravos assalariados. O que devemos lembrar é que uma política do SMIC beneficia apenas muito poucos funcionários e, acima de tudo, ajuda a manter todos os salários o mais baixo possível. Em dezembro de 2018, em plena insurreição amarela, o governo derrubou um osso de 100 € por mês aos pobres funcionários famintos para quebrar a unidade dos rebeldes. É aqui que a busca pela justiça social, a equidade cidadã, a fraternidade sindical e outras expressões pequeno-burguesas leva à obtenção de migalhas concedidas a uma minoria que serve para confundir toda a comunidade de trabalhadores. É por isso que o proletariado está pedindo um aumento geral e substancial de todos os salários que favorecem todos os trabalhadores.

A batalha do SMIC está lutando na frente econômica (salarial), quais são as lutas políticas reformistas pela nacionalização das empresas e contra a privatização dos serviços públicos.²⁷ Um vetor econômico pelo qual o estado capitalista regula o equilíbrio de poder entre os dois pólos antagônicos da atividade econômica capitalista: **salários contra mais-valia**. Assim, o Estado capitalista concorda em apoiar as reivindicações pequeno-burguesas de impostos e equidade salarial, porque essas demandas reformistas ajudam a desviar a atenção dos proletários das questões fundamentais de sua exploração sistêmica. Correlativamente, essas reivindicações chamam a atenção para a equidade e distribuição da riqueza (uma consequência da exploração) e não para a produção e expropriação dessas riquezas sociais. Com essa polarização do debate sobre a suposta equidade tributária e salarial, oculta-se o antagonismo entre os salários concedidos aos trabalhadores e a mais-valia monopolizada pelo capital. A verdadeira equidade seria que todos os frutos do trabalho e do excesso de trabalho (cada um de acordo com suas habilidades) voltem

para a sociedade como um todo, a fim de satisfazer as necessidades humanas básicas de cada um (cada um de acordo com suas necessidades). No contexto do modo de produção capitalista, o proletariado exige aumentos salariais em porcentagem para que o retorno sobre o gasto de energia e tempo de trabalho (reorganização da força de trabalho) seja equivalente a todos, trabalhadores com alta produtividade e trabalhadores de baixa produtividade. Trata-se da equidade proletária no capitalismo moderno, enquanto espera o proletariado impor equidade e igualdade comunista.

Utopia socialista do salário mínimo

A utopia *socialista* do SMIC é a seguinte: um aumento do salário mínimo reduziria supostamente a expansão dos salários e o endividamento dos funcionários. É que um salário mínimo mais alto mudaria a distribuição do capital direcionando os investimentos tecnológicos para setores com salários mais altos (para mecanizar e reduzir o número de assalariados caros). Pesquisa, inovação, mecanização e robotização aumentariam a produtividade social geral. A evidência empírica refuta essa teoria. Por que o aumento do salário mínimo inflaciona o número de beneficiários (o SMIC se torna em salário médio) sem aumentar o salário médio real ou a produtividade social global?

É que, com uma classe trabalhadora fraca e deslocada, em uma situação de crise econômica sistêmica e salários reais em baixa, uma empresa prefere contratar novos trabalhadores precários com o salário mínimo, em vez de investir em novas máquinas e novas tecnologias para reduzir os custos unitários de produção. Esse raciocínio do senso econômico capitalista se aplica não apenas às grandes corporações, mas a todos os investidores, PME e pequenos empresários.

«Por que uma cadeia de restaurantes compraria uma van de entrega se eles poderiam contratar trabalhadores que usam suas próprias bicicletas e estão dispostos a cobrar quase nada e apenas pelo que é realmente entregue? Pode-se ver que a espiral de precariedade e empobrecimento é interminável. Para resolver esse problema legalmente, dizia a esquerda, seria interessante investir socialmente».28

A crítica marxista a esse misticismo socialista-capitalista é bem conhecida. Em face da crise, o capital se esforça para aumentar a exploração da força de trabalho em valor absoluto, ou seja, para aumentar a **mais-valia absoluta** (prolongamento do dia ou da semana de trabalho, aceleração das cadências, redução do salário por unidade, etc.), **o que significa, em média, menos horas trabalhadas para a mesma quantidade de mercadorias produzidas.** Ao aumentar a produtividade da força de trabalho - o número de horas trabalhadas permanecendo iguais - a mais-valia diminui e a taxa de lucro tende a cair, porque o mesmo valor em força de trabalho é extraído graças a uma maior quantidade de capital fixo (máquinas, matérias-primas e energia). A maneira de compensar esse declínio na lucratividade relativa é aumentar a massa de mercadorias produzidas, ou seja, produzir, transportar e vender em grandes quantidades - a um preço mais baixo - para aumentar o lucro total em termos de absoluto, mas não em termos relativos.

E os países emergentes?

Isto seria o segredo do desenvolvimento capitalista na China que reinvestiria seus lucros na produção e na melhoria de sua produtividade, levando a um aumento nos salários, reforçando a demanda doméstica. Deve-se entender que a China é um dos poucos países altamente desenvolvidos que ainda possui um interior subdesenvolvido que serve como uma colônia interior, o que lhe permite realizar parte de seu valor excedente às custas das sobras do seu campesinato no processo de proletarianização. Com China, Índia e África, os últimos continentes ainda apresentam esse tipo de características econômicas.

É claro que é fácil perceber que, no geral, essa corrida desenfreada pela produtividade está alimentando a busca de novos mercados por todos os grandes conglomerados capitalizados forçados a vender montes de mercadorias, daí as guerras comerciais que podemos observar e não seja o resultado da raiva de *Donald Trump*, *Xi Jinping*, *Putin* ou *Emmanuel Macron*, mas a consequência das leis inevitáveis do modo de produção capitalista.

A esquerda caritativa e os economistas burgueses omitem esse fato fundamental inerente ao modo de produção capitalista: não basta produzir mais, ainda é necessário vender mais para obter mais-valia. A mais-valia deve ser realizada, disse Marx, e a própria existência de lucro sobre a mercadoria implica uma demanda externa aos trabalhadores. Como esses trabalhadores não têm o poder de compra para absorver essa produção adicional, caso contrário, onde seria a mais-valia resultante do excesso de mão-de-obra expropriada? Em outras palavras, sem novos mercados a serem conquistados para absorver o aumento da produção, a melhoria da produtividade gera a superprodução. Superprodução gerando novos problemas para o capital incapaz de se valorizar, porque impotente para ser realizado. Por isso, todas as coisas são iguais, mecanização, robotização e digitalização da produção são geralmente implementadas no início do ciclo de desenvolvimento de um novo setor industrial, quando a conjunção de crédito fácil e o acesso a novos mercados permite aumentar a produção. Após essa fase, os investimentos tecnológicos dizem respeito principalmente a produtos sofisticados (aeronaves, aeroespacial, armamentos, computadores, inteligência artificial). É por isso que podemos dizer que o capitalismo é uma guerra permanente, comercial primeiro e depois militar.

Imperialismo estágio econômico final do capitalismo

O imperialismo pode ser definido como a impossibilidade para o capital nacional de realizar toda a mais-valia produzida em seu mercado interno, onde os trabalhadores constituem a grande maioria dos consumidores e são financeiramente incapazes de comprar todos os bens que eles produzem. O grande capital então reage embarcando na conquista de novos mercados (guerra comercial). E, no final, um poder econômico, político e militar imperial é levado a destruir as capacidades produtivas (meios de produção e força de trabalho) em uma guerra militar mortal destinada a conquistar mercados e destruir seus concorrentes dentro alianças comerciais beligerantes.

Vamos especificar que a classe capitalista não deseja uma tão guerra nuclear total, é impulsionada pelas leis da expansão forçada dos mercados.

Assim, Lenin abordou a compreensão da noção de imperialismo moderno quando sugeriu que a conquista territorial direta não é a característica dominante do imperialismo moderno. Essa tática de conquista territorial prevaleceu no modo de produção feudal, porque a terra constituía o meio fundamental de produção. É a dominação financeira (daí a importância do dinheiro, das bolsas de valores e dos bancos) que é a característica dominante do imperialismo moderno. A intervenção militar apenas ajuda e complementa a dominação econômica e financeira imperialista. Não é a natureza militar, a intervenção estrangeira mais ou menos violenta, nem a ocupação de um território que caracteriza o imperialismo no capitalismo; esses eventos diplomáticos, legais ou militares ocorrem, se necessário, com a finalidade de fornecer o essencial, isto é, o fluxo de capital, que pode assumir a forma de dinheiro, ações e dividendos, bens, incluindo trabalho. O capital pode assumir a forma de matérias-primas e energia, máquinas-ferramentas, etc. Finalmente, a balança comercial de um estado e sua balança financeira são indicadores da extensão do controle de uma aliança sobre os fluxos globais de capital no ciclo de circulação, visando a obter mais-valia. **E assim entendemos melhor que o imperialismo não é uma política de conquista, de controle, de invasão ou agressão militar, que são manifestações políticas empíricas do imperialismo econômico, que é basicamente o estágio último (final) do desenvolvimento econômico do modo de produção capitalista,** um estágio caracterizado pela imbricação total e global do capital em uma única massa financeira internacional. As vantagens que uma aliança imperialista obtém, necessariamente a retirada de seus concorrentes, é o que alimenta a guerra imperialista permanente. Lenin estava certo, o imperialismo é a guerra comercial e depois militar. Somente a derrubada do modo de produção capitalista tirará a humanidade desse tormento permanente.

Rosa Luxemburgo definiu o imperialismo na seguinte forma: "*Não nos importamos com quem atacou primeiro, quem é o agressor ou as razões de cada capital nacional envolvido. Como a questão subjacente é que o imperialismo não é a política de um determinado estado ou grupo de estados, é uma fase do desenvolvimento capitalista mundial, uma etapa do desenvolvimento do capitalismo no seu conjunto. E o todo determina os partidos: **não existe Estado ou burguesia que não seja imperialista, porque nenhum deles pode ignorar as condições gerais. Nenhum capital nacional pode se desenvolver livremente dentro das fronteiras de seus estados. Ele deve "sair" - e, portanto, brincar e colidir no jogo imperialista mundial - para garantir as condições para sua própria reprodução e acumulação***".²⁹

Mais-valia absoluta e mais-valia relativa

Tomemos o exemplo da *Coréia* e *Taiwan*, países emergentes que se desenvolveram muito nos últimos sessenta anos. Por razões de guerra fria contra o bloco capitalista soviético, os Estados Unidos concederam a eles acesso livre ao seu mercado interno. O mesmo se aplica à China (1,3 bilhão de pessoas), que se beneficiou da redução

global das barreiras alfandegárias, permitindo que as empresas ocidentais realocassem suas fábricas na China, de onde essas empresas abastecem seus mercados nacionais. É isso que os economistas burgueses chamam a "*deslocalização gerada pela globalização*" que permitiu que essas práticas de produção e comércio se espalhassem por todo o planeta. Agora que está sob pressão do protecionismo dos EUA, a máquina produtiva da China acha difícil manter taxas de crescimento de dois dígitos. A China decidiu conquistar os mercados mundiais com o projeto "**Novas Rota da Seda**", um ambicioso projeto de investimento de US \$ 1 bilhão em infraestrutura de transporte e marketing, um plano 100 vezes mais ambicioso que o *Plano Marshal* de 1948.

A avaliação do capital através da produção de **mais-valia relativa**, que é a fonte do **produtivismo**, só funciona quando há novos mercados para a venda de mercadorias. É por isso que a ameaça protecionista americana e européia está dificultando o crescimento chinês, forçando a China a investir na Europa para fortalecer a demanda no país.

No final, o modo de produção industrial-urbanizado e financeirizado capitalista completou sua fase ascendente, caracterizada pelo constante crescimento das forças produtivas. Essa decadência é acentuada pelo desenvolvimento insuficiente dos mercados dos países emergentes. Como podemos ver, a questão da distribuição de renda entre os diferentes estratos sociais é central para manter a dinâmica econômica de um país. Mas esperar de aumentar o investimento concentrando dinheiro nas mãos dos ricos é ignorar essa velha verdade como a economia capitalista: só há investimento lucrativo se as empresas anteciparem um aumento no consumo, ou os países ricos atingiram o teto do consumo de massa, enquanto as leis do desenvolvimento capitalista envolvem a concentração do capital e não a sua percolação. Quanto ao ogro do governo, esse super consumidor super-endividado, ele puxa no final da coleira que o estrangula e não pode considerar aumentar seu consumo quando já representa mais da metade do PIB nacional.³⁰

O capitalismo contemporâneo não pode ser escapado por muito tempo, e é de se esperar que este mundo desesperado se envolva naturalmente em uma destruição maciça, a fim de erradicar o excesso de mercadorias. Entenda que esta guerra mundial em preparação não será o resultado de uma conspiração eclodida por banqueiros falidos, mas o fruto das leis inevitáveis do modo de produção capitalista. Não faz sentido tentar mudar o engate do governo no meio do vau. É todo o sistema que precisa ser erradicado.

Condições da autodestruição

"Os liberais de hoje não são mais os defensores do livre comércio e do capital crescente que eram no século XIX. Eles se tornaram representantes da retórica do século XIX e dos interesses monopolistas mais reacionários do capitalismo de estado dominante. Sua missão segue sempre e sem ambiguidade na direção do ataque direto contra as condições de vida e trabalho da classe trabalhadora». "O que os liberais (de esquerda e de direita) dizem sobre tudo isso? Eles fazem seus cálculos e concluem que estabelecer um salário mínimo (SMIC) próximo à linha da pobreza pode criar apenas mais pobreza e desemprego. Além disso, confirmando

que, como havíamos previsto, o aumento do salário mínimo aumentará o número de trabalhadores com salários mais baixos, o Banco da Espanha estima que o aumento de 22% no SMIC aumentará o salário médio em 0, 8%". 31

Como esse trecho demonstra, a mecânica capitalista com fins lucrativos é tão quebrada, tão disfuncional e sem empática para a humanidade que o famoso equilíbrio que permitiu a reprodução do fluxo de capital não pode mais valorizar suficientemente o capital para compensar os gastos. Adicionais em força de trabalho. Ao pagar menos do que custa para garantir a reprodução da força de trabalho, o capital coloca sua galinha com ovos de ouro em risco e coloca sua própria sobrevivência em perigo. Em outras palavras, a sobrevivência da economia mundial envolve necessariamente o empobrecimento do proletariado e a redução do poder de compra social, e isso não mudará com a esquerda caritativa "*caridosa e equitativa*". O salário mínimo (SMIC) é o farol em torno do qual o Estado Maior do capital sugere de aglutinar o maior número de funcionários. O salário mínimo estabelece o mínimo abaixo do qual a sobrevivência da classe trabalhadora está ameaçada e o capitalismo está ameaçado. Lutar por um aumento razoável do salário mínimo é lutar pela sobrevivência do modo de produção capitalista.

Coletes amarelos e a batalha dos salários

O que concluir de tudo isso? Não há capital para o capital de "reiniciar" a valorização do capital sem passar pela guerra imperialista. Chegou a hora do proletariado de se levantar e impor suas necessidades coletivas sem se preocupar com a sobrevivência do capital. Não devemos lutar para que o capital *seja lucrativo*, como dizem os sindicatos. Devemos lutar pela redução do tempo de trabalho e por aumentos salariais para todos, inclusive para os mais bem pagos que impulsionarão todos os salários. Da mesma forma, devemos lutar pela contratação de todos os desempregados, contra todos os fechamentos de fábricas e pela melhoria das aposentadorias. Se o capital não pode atender a essas demandas razoáveis, significa que o capitalismo se tornou inadequado para a sociedade humana e que irão elevar todos os salários.

CAPÍTULO QUATORZE: Conjuntura de crise econômica sistêmica

A crise social e política tem sua fonte na crise econômica. Não foi diferente para a crise social e política na França. Qual era o estado da economia nacional francesa, europeia e mundial em 17 de novembro de 2018, no início das hostilidades?

A economia global está afundando diretamente na parede e está desacelerando, apesar das políticas monetárias frouxas dos bancos centrais, do endividamento excessivo e do acúmulo titânico de déficits fiscais, sem mencionar os déficits da balança comercial dos principais países industrializados. No final de sua reunião em 7 de março de 2019, o Banco Central Europeu (BCE) manteve suas taxas-chave inalteradas em 0% até o final de 2019. Também se compromete a reinvestir no mercado de títulos todo o resgates de títulos que atingem o vencimento, já no lado do ativo do seu balanço: "*por um período prolongado após a data em que começará a aumentar suas taxas*". O que, em linguagem clara, significa: não antes de 2021. É ainda especificado: "*pele tempo necessário para manter uma liquidez favorável e um alto grau de apoio monetário*".

Na realidade, a crise econômica de 2008 registrou um recrudescimento aumento em 2015, data da última desaceleração na China. Devido ao superendividamento global, o cisne negro que desencadeia pode aparecer a qualquer momento. A OCDE acaba de observar, por exemplo, que a dívida de títulos corporativos em todo o mundo dobrou em dez anos e prejudica sua capacidade de pagar seus títulos. O índice de endividamento global é de 318% do PIB, 49% a mais do que antes do pico de falências do banco *Lehman Brothers*. Segundo alguns especialistas, as economias globais estão secando.

Segundo *Martin Tarlie*, gestor do fundo americano *GMO LLC* e especialista da bolha especulativa: "*A volatilidade que conhecemos é consistente com a explosão de uma bolha financeira*", mesmo que a correção no último trimestre de 2018 possa ser falsa partida antes da inflação de uma nova bolha, como foi o caso em 1998-2000. A especulação sobre o preço das ações nos últimos três meses de 2018 pode ser comparada, por sua duração e escala, ao que experimentamos durante o crash de 1929.

A França enfrenta problemas estruturais com a dívida pública, que aumentou de 20% a 100% do PIB desde 1980. Os Coletes amarelos têm o objetivo errado de querer receber dinheiro de investidores ricos, através do abominável Estado centralizador que o distribuirá aos ricos, que não conseguirá valorizá-lo devido ao excesso de capital financeiro nas bolsas de valores e à superprodução de bens. Enquanto os alter-globalistas, os ambientalistas e os verdes param de gesticular sobre o desperdício, a frugalidade se torna o cotidiano de todas as classes populares, tanto mais que a depressão econômica ameaça o estado com cada um de seus déficits astronômicos. Segundo os economistas liberais, o que importa, acima de tudo, para melhorar o lote do cidadão-contribuinte, é reformar e desengordurar o mamute, ou seja, o estado capitalista, que é apenas pura ilusão.

O produto da fiscalidade energética aumentará de 50 mil milhões de euros em 2018 para 67 mil milhões em 2022, o que representa um aumento fenomenal de 17 mil milhões de euros. A França é, doravante, o país mais tributado da Europa, com imposições obrigatórias de 45,6% do PIB, contra 40% em média na zona euro. A despesa pública de 55% do PIB é também 5% mais elevada do que a média europeia.

O Estado francês obeso e espoliador empregava 5.666.000 funcionários em 31 de dezembro de 2017, o que representa um aumento de 47 % desde 1980, enquanto o crescimento da população foi de apenas 24%. As despesas públicas atingem o nível insano de 57% do PIB. A França representa 1% da população mundial e 3% da produção mundial, mas 15% das ajudas sociais mundiais. É o Estado-providência que o grande capital consentiu no tempo da prosperidade e que já não pode tolerar nestes tempos de crise económica sistémica.³²

Quanto aos Estados Unidos, é uma **aldeia Potemkine** da prosperidade económica hiper endividada e esterilizada (improdutiva e parasitária). O mercado de trabalho é oficialmente muito tenso, mas é preciso ter em conta que o Departamento do Trabalho contabiliza dois empregos a tempo parcial ocupados por uma mesma pessoa como dois empregos distintos. As estatísticas americanas são tão fiáveis como as estatísticas chinesas. A dívida global dos estudantes acaba de ultrapassar 1500 mil milhões de dólares, com uma dívida média por estudante de 26.600 dólares americanos. O resultado é a paralisia da economia e da situação financeira de milhões de mutuários.³³

Os Estados Unidos, apesar do aumento dos direitos aduaneiros, registam em 2018 um desequilíbrio comercial de 621 mil milhões de dólares, enquanto o seu défice comercial com a China se agravou, atingindo 419,2 mil milhões de dólares. O crescimento chinês, que era de 14,2% em 1992, será de 6,2% em 2019 (quatro vezes o crescimento americano). O montante dos empréstimos internos chineses ultrapassa os 230 % do PIB, consequência da implantação das «**Novas Rotas da Seda**». O Estado capitalista chinês utiliza os mesmos estratégias financeiros que os seus concorrentes imperialistas. Com efeito, os economistas esquecem demasiadas vezes que a ajuda ao desenvolvimento internacional é, antes de mais, investimentos domésticos. A economia dos Estados Unidos abranda, enquanto o Império do Meio se esgota e empilha as dívidas, com 50 milhões de apartamentos desocupados, ou seja, 22 % do parque imobiliário nacional chinês. As exportações japonesas de componentes e robots para a China diminuíram 17,4%.

A americana Reserva Federal está capitulando e se afastando do risco iminente de um crack, do qual os cocoricos triunfantes da mídia ao recente vôo de *Wall Street*, que na verdade é baseado em areia. A Fed põe fim à política anunciada de aumentar as taxas de juros atualmente para 2,25% -2,50% e até considerando, no próximo ano, o declínio nas taxas de juros que fará com que o capital escape. A Fed comprou centenas de bilhões de títulos entre 2008 e 2015, a ponto de ter cinco vezes o seu balanço, para US \$ 4.500 bilhões. Diante dos possíveis contra-argumentos evocados por *Jerome Powell*, o Fed, como o Japão, não hesitará em enfraquecer a moeda de

reserva global (USD) e reduzir as taxas de juros para prolongar a vida útil do sistema e evitar uma quebra do mercado de ações.

O Japão continua, lentamente mas seguramente, a ir direto para a depressão, sem esperança de sair do círculo vicioso em que está entrincheirado. A política de flexibilização quantitativa (QE) continua ainda mais bonita, com impossibilidade absoluta de reverter. A inflação muito baixa impede a depreciação da dívida pública e o arquipélago japonês, em relação ao mundo protecionista, registrou pela primeira vez um déficit comercial em 2018. O Japão se instala pouco a pouco no careca do imperialismo ianque. No Japão, o *GPIF*, o maior fundo de pensão do mundo (o de autoridades japonesas, cuja capitalização de mercado é superior a US \$ 10.000 bilhões), perdeu, no final de 2018, a modesta soma de US \$ 136 bilhões, mais investimentos em ações na Bolsa de Tóquio. Pode-se imaginar o que aconteceria no mundo em caso de colapso do mercado de ações japonês.³⁴

Na Europa, *Mario Draghi* continua a política do salto adiante, prometendo de não aumentar o custo do crédito em 2019, de reinvestir no vencimento os 2.600 bilhões de euros já acumulados pelo BCE durante a compra de ativos fictícios. Em 7 de março, Draghi anunciou uma nova onda de refinanciamento de *LTRO* para bancos, que permite aos bancos de obter capital garantido a uma taxa fixa baixa durante quatro anos, independentemente dos caprichos dos mercados.

A política econômica eleitoral e laxista dos populistas italianos apenas piora a recessão, o que enfurece os empregadores italianos de *Confindustria*. O banco *Monte dei Paschi* precisava de 8 bilhões de euros, mas o Estado italiano precisou encontrar outros 400 milhões de euros para salvar o banco *Carige*. Até o final de 2018, a Itália só podia contar com o BCE para comprar seus títulos, daí a necessidade de a Itália emitir títulos denominados em dólares, enquanto os investidores estrangeiros já venderam Maio de 2018, por 70 bilhões líquidos de títulos italianos. É isso que deve inspirar modéstia e restrição ao exuberante *Salvini*. Alguns investidores prevêm que o ouro em breve chegue a US \$ 1.500 a onça e substitua o dólar como moeda de reserva. É significativo que as contas para investir ouro e prata 10% dos fundos públicos tenham sido depositadas nos estados do Arizona e Wyoming.³⁵

Os bancos centrais, por sua política monetária frouxa, só sabem prolongar a vida de estados doentes cuja dívida se torna cada vez mais incurável. Em 1958, a dívida dos EUA era de US \$ 280 bilhões. Desde então, ele foi multiplicado por 75 (por 31 desde 1981), enquanto a receita tributária só foi multiplicada por 6, atingindo hoje 22.000 bilhões de dólares. A dívida é, na realidade, uma doença global, incluindo a bomba virtual de derivativos. Na China, a dívida total aumentou de US \$ 2 trilhões em 2000 para US \$ 40 trilhões como resultado de seu extenso programa de investimentos globais. Em todo o mundo, o sistema bancário, com uma alavancagem do patrimônio de 10 a 50, será incapaz de pagar os depositantes no caso de uma quebra do mercado de ações. Quanto ao estado francês, você deve saber que sua dívida de 2.000 bilhões de euros representa mais que o dobro do valor de seus ativos e ativos públicos.

Desde 2008, totalizando US \$ 250 trilhões, a dívida global dobrou e o risco de uma quebra do mercado de ações é muito alto. Aumentou exponencialmente por moedas

frouxas sem valor real, e Bruxelas prevê uma desaceleração no crescimento na zona do euro, de 1,9% em 2018 para 1,3% em 2019. Na França, o déficit público anunciado de 2,04% será impossível de manter. É provável a abertura de um procedimento por défice excessivo pela Comissão de Bruxelas. Bruxelas pressiona Roma a elevar a fasquia "*com perspectivas económicas que escurecem*" e "*uma dívida pública que não deve declinar nos próximos anos*", enquanto o projeto de **Rendimento Cidadão Universal** do Movimento 5 estrelas é lançado. A medida deve beneficiar 1,3 milhão de pessoas, com uma renda mensal de 421 euros. O risco é desviar o trabalho de muitos beneficiários, alimentar o luar e enriquecer a máfia, que está muito envolvida em atividades trabalhistas superexploradas.

A Alemanha surpreendeu com uma queda no crescimento de 1,8% para 1,1% devido à fraqueza das exportações, à queda no consumo (apesar da recepção de mais de um milhão de imigrantes no ano passado), bem como a desaceleração na produção de automóveis. A Alemanha é muito sensível ao ciclo industrial, à desaceleração global, aos novos padrões ambientais, ao aumento dos salários e ao aumento da economia doméstica por precaução. O mundo inteiro caiu na armadilha de taxas baixas e dinheiro grátis. Quando o dinheiro não está mais precificado, todos se endividam! O crescimento depende apenas da dívida e da emissão de dinheiro para injetar liquidez. Sem os bancos centrais, a poupança não seria suficiente para financiar déficits do governo e as necessidades de investimento das empresas.³⁶

CAPÍTULO QUINZE: Declínio do Movimento dos Coletes Amarelos

Surgindo espontaneamente em um terreno social fragmentado, em uma França letárgica, o Movimento sem dúvida mudou o cenário político francês. De fato, se, com a última eleição, o panorama político tradicional foi deslocado com o objetivo de entronizar uma suposta Revolução no Palácio do Eliseu (sic), a erupção, por sua vez, acentuou o fenômeno de putrefação política por desqualificação de todos os partidos, incluindo o novo partido (En Marche), que deveria se estabelecer permanentemente no firmamento político francês. Por outro lado, se, no início, ele fez tremer o governo com seu radicalismo assertivo e seu espírito de luta subversivo, rapidamente começou a ficar sem fôlego como resultado de sua má orientação em caminhos estreitos de demandas pequeno-burguesas, cidadãs, reformistas, populistas, eleitorais e referendárias.

A principal falha do Movimento era sua cruel ausência de um objetivo estratégico proletário e, conseqüentemente, de táticas de lutas proletárias. Isso explica o desligamento progressivo do proletariado. Seu roteiro é pontuado por demandas improvisadas e desarticuladas, elaboradas no calor da batalha por mulheres e homens sem treinamento político proletário e de experiência de trabalho militante, além disso influenciados por uma burguesia insignificante e ansiosa por reconhecimento social, desempenhando o papel de empreiteiro principal caótico. Essas alegações não poderiam galvanizar as massas. Na verdade, o Movimento originalmente não desejava seguir o caminho da revolta social, muito menos o da revolução. De qualquer forma, as orientações emancipatórias nunca são o motor inicial de uma revolta populista de resistência e defesa das condições de vida e de trabalho. Essas direções se tornam mais claras à medida que a luta se desenvolve, de acordo com o equilíbrio de poder entre as diferentes classes envolvidas no combate, de acordo com a repressão desencadeada pela reação de esmagá-la e de acordo com a maturação do contra-poder popular. Ainda assim, as condições objetivas e subjetivas da revolução proletária tinham que ser maduras. Obviamente, este não foi o caso.

Seja qual for o caso, conduzido por uma pequena burguesia raivosa, precária e empobrecida, ligada ao mito do estado de bem-estar fetichista, esse segmento de classe reivindicou em vão a ressurreição do capitalismo social que lhe assegurara uma existência privilegiada em tempos de prosperidade. De fato, ele aspirava ao estabelecimento de um poder populista erguido sobre um capitalismo utópico renovado, garantindo uma redistribuição justa da riqueza, garantindo a suavização das divisões sociais e a erradicação das crises econômicas. Um capitalismo moralizado, humanizado e ecológico, liderado por políticos e chefes com integridade e altruísmo. Em uma palavra, um capitalismo quimérico, utópico e impossível, porque esse modo de produção não foi concebido com esse design. Obviamente, o encantamento causado, especialmente entre muitos militantes revolucionários, se deve ao seu radicalismo subversivo, objetivado por seus ataques frontais contra o estado dos ricos, por sua combatividade, operada fora da supervisão de organizações políticas e sindicatos à esquerda e à direita. Mas a ilusão durou pouco, pois esse radicalismo de combate certamente destruiu alguns símbolos dos ricos, mas não tinha a intenção de acabar com o capitalismo.

Hoje, seu declínio é óbvio, mas de maneira alguma assustadora. Alguns, por nostalgia, se esforçam para perpetuá-lo, e por boas razões. Alguns, incluindo os famosos líderes, lançados à frente pela mídia burguesa, agora acostumados às luzes dos holofotes, temem com medo seu rebaixamento nas sombras, seu retorno ao anonimato. Outros, acostumados aos laços de solidariedade e amizade criados durante a luta, temem a renúncia a essa vida fraterna, a renovação da solidão social. Além disso, para justificar sua sustentabilidade, eles propõem embarcar em ações espetaculares. Foi assim que anunciaram, em sua acta votada na [2a Assembléia de Assembléias realizada em Saint-Nazaire em 6 de abril 2019](#), uma série de ações espalhadas por vários meses.³⁷ Ações baseadas nos mesmos devaneios pequeno-burgueses cidadãos de justiça social, justiça fiscal, capitalismo ecológico verde, governo não econômico e barato, democracia eleitoral parlamentar e referendária. Tínhamos os revolucionários do fim-de-semana, agora teremos os revolucionários calendários, decididos a lutar, mas segundo uma agenda organizada em função de um calendário político que respeite o planeamento familiar e profissional, tendo em conta a disponibilidade de cada um, porque os nossos revolucionários calendários têm imperativos de carreira a respeitar e de lazer a consumir.

Quando se pretende atacar a sociedade do capital, não nos exibimos com a divulgação solene de um calendário de luta onde estão consignadas as acções subversivas a levar a cabo para a conquista desta quimérica opinião pública cidadã. Acções, aliás, ineficazes, pois sem consequências económicas.

Lutavam contra o governo, quando é contra o Estado e contra o capital que a guerra de classe deve ser conduzida. O Movimento alimenta a esperança de eleger outro poder mais democrático, mas no âmbito da manutenção do capitalismo e da defesa dos interesses da nação burguesa francesa, no prolongamento do espírito da Revolução Burguesa de 1789. Com efeito, exprime-se sempre as mesmas reivindicações de ilusório poder do povo alienado, democracia directa através do processo eleitoral bloqueado pela burguesia, impossível encerramento das fronteiras nacionais que já não existem, defesa chauvinista da pátria em decadência contra a pretensa invasão e o alegado domínio de estrangeiros operários desarmados, fumantes gesticulações contra a finança cosmopolita e o capitalismo globalizado. A luta não deve visar denunciar, mas sim abater concretamente o conjunto da superestrutura capitalista burguesa moribunda. Esta missão emancipadora não se fará pelos desfiles litúrgicos do fim-de-semana. Só a greve geral espontânea ilimitada poderá asfixiar o capital – privá-lo do sangue da mais-valia –até o aniquilar. Desta vez, o proletariado considerou que não estavam reunidas as condições para esta greve insurreccional. Tomamos nota deste veredicto.

Uma coisa é certa: o Movimento se enfraquece e periclita. Está destinado a desaparecer sem ter sido recuperado pelos partidos de esquerda ou de direita. Nenhum candidato fraudulentamente amarelo sobreviveu à vaga reaccionária das eleições europeias, o que é positivo. E dizer que a esquerda se propõe fazer frente à extrema direita! Que impostura, que infâmia! A extrema-direita dirige já a Assembleia Nacional, o executivo governamental e o aparelho de Estado burguês o que o proletariado compreendeu, mas não a vanguarda ingênua.

EPILOGO

Da revolta fiscal ao esquema salarial

Inicialmente, o Movimento começou a protestar contra os aumentos nos impostos sobre combustíveis, mas muito cedo, sob o impulso do proletariado, o protesto assumiu uma poderosa dimensão social. Os protestos contra a tributação da gasolina, realizados pela pequena e média burguesia rural e periurbana, foram enxertados com múltiplas demandas econômicas, incluindo o aumento do salário mínimo e a defesa do poder de compra, ou seja, a defesa do valor da força de trabalho. Apesar da intervenção combativa do proletariado, o movimento interclasse, do tipo informal frente unida, permaneceu permanentemente sob a liderança ideológica e política da pequena burguesia, que conseguiu, mais uma vez, monetizar sua influência contra algumas concessões ridículas que o poder rapidamente recuperará. Se observamos esse movimento populista através do prisma nacionalista comum à direita e à esquerda oportunistas, é impossível apreender sua singularidade que está alinhada com os mais recentes desenvolvimentos internacionais da luta de classes proletária. De fato, organizações políticas de esquerda e direita, acostumadas a raciocinar com padrões de pensamento pré-fabricados, dogmáticos, sectários e anacrônicos, falharam em detectar a dimensão proletária dessa resistência na frente econômica da luta de classes.

É verdade que, com suas incertezas, inconsistências, espontaneidade desgrenhada, retórica iconoclasta, em desacordo com a fraseologia esquerdista clássica, os coletes amarelos pegaram as organizações reformistas de surpresa. Os intelectuais burgueses, cinturões de transmissão de capital, com um toque mais agudo que os gurus das organizações reformistas, sabiam perceber a ameaça social. Esta é a razão pela qual eles se levantaram tão furiosamente para defender seus senhores, pedindo uma repressão sangrenta contra o proletariado rebelde. É certo que a liderança política não oficial foi dominada pela pequena burguesia, mas a base militante era proletária (trabalhadores assalariados, pensionistas, desempregados, trabalhadores da construção civil, imigrantes), pelo menos durante o período inicial dominado pela ocupação das rotundas. Passando essa fase radical, marcada pelo bloqueio da economia, o Movimento transformou-se em um pequeno grupo pilotando desfiles ambulatórios semanais e gradualmente se afastando de sua base militante. A classe proletária entendeu que havia perdido o trem na estação das rotatórias (barricadas desmontadas) e na estação da greve geral ilimitada e abortada. No entanto, por sua forte presença, o proletariado conseguiu proteger o Movimento de desvios políticos oportunistas, notadamente eleitorais, mas não conseguiu influenciar a ação de resistência à defesa de salários, pensões e condições de vida e trabalho. De fato, os militantes operários não conseguiram impor um caráter de classe proletária, tanto em seu objetivo estratégico quanto em suas táticas de combate.

A seguir, foi necessária uma orientação política reformista, cujos determinantes econômicos não foram suficientemente substanciados, uma consequência da fraqueza do proletariado desorganizado. Assim, a defesa do poder de compra (resistência à depreciação do valor da força de trabalho) foi afogada em uma mistura de demandas reformistas onipresentes, uma ilustração do controle pequeno-

burguês. O segundo momento do confronto de classes viu uma proliferação de ações infantis, demandas políticas reformistas, inclinações eleitorais e agitação desenfreada sob a liderança da pequena burguesia a quem os proletários abandonaram definitivamente sua liderança. Como recompensa por esse serviço, o governo prometeu a eles algumas migalhas que os pequenos burgueses não estão garantidos. Em junho de 2019, o executivo apresentou seu programa para reformar planos de seguro e previdência, dois grandes ataques ao poder de compra de todos os trabalhadores.

Sob o modo de produção capitalista, os empregadores e seu estado deixam aos trabalhadores uma margem de manobra estreita, principalmente no que diz respeito ao preço de venda de sua força de trabalho, que as empresas sindicais chamam *demandas legítimas* e "*direitos adquiridos*". Essa doxa é adotada pela mídia burguesa, pelos sindicatos e seus comitês, pela indústria das ONGs e pela esquerda caritativa. É acordado entre empregadores e agências sindicais que as condições de trabalho são negociadas empresa por empresa e setor industrial por setor industrial. Negociações corporativas que todas as partes - sindicatos, empregadores e Estado - aceitam, sujeitas a compartilhamento de benefícios. Portanto, nenhuma reclamação da agência sindical de vendas de trabalho deve ameaçar a lucratividade da empresa ou reduzir o dividendo de acionistas, incluindo o capitalista ou socialista.

No entanto, o que dá poder às greves dos trabalhadores é precisamente a liberação dessas correntes de barganha corporativa, expressas pela submissão das necessidades humanas aos dividendos das empresas (privadas ou públicas). No entanto, o sucesso da resistência não pode ser completo em uma greve corporativa isolada, porque o capitalismo é um sistema de exploração global e mundial. A subordinação da classe proletária aos interesses do grande capital internacional só pode ser superada pela cessação de divisões entre trabalhadores em empresas, entre setores industriais, entre estados liberais e socialistas. É o modo de luta pelo qual uma greve se radicaliza, se transforma em greve generalizada, controlada pela base militante e se estende pela classe que é decisiva. E esse contágio *em greve para romper os lucros* é totalmente diferente de postura estéril, caminhadas infantis de pedras e saques urbanos.

Além disso, esse contágio impressionante depende fortemente do desenvolvimento de consenso entre a classe em revolta e, portanto, supõe um nível de consciência de classe em constante crescimento. Esse desenvolvimento, desde o estágio da revolta populista até a insurreição popular através da greve geral de classes, não é um modelo abstrato, é uma experiência prática que marcou a mente dos trabalhadores nos séculos XIX e XX.

“É o que vimos no México e no Irã. As greves que hoje são objeto de ganhos substanciais são aquelas que se estendem de uma empresa para outra em um território, coordenando-se entre si e reunindo assembleias por meio de comitês de delegados eleitos e revogáveis. Greves auto-organizadas, greves em massa, nada têm a ver com uma greve geral convocada pelos sindicatos corporativistas (essas empresas vendem mercadorias "força de trabalho"). E, de fato, elas só surgem

quando os trabalhadores estão cansados dos sindicatos, os substituem e se organizam".38

Originalidades do Movimento dos Coletes Amarelos

Obviamente, além do esquema distorcido da análise esquerdista, o Movimento surpreendeu por sua originalidade, por sua espontaneidade, por sua escala de massa, por sua intransigência, por sua rejeição radical da estrutura política e sindical. mas também por sua recusa em participar de bailes de máscaras eleitorais. Ele derrubou os paradigmas usuais das lutas econômicas reformistas. Esta ação continua os levantes recentes em vários países (Argentina, Egito, Grécia, Espanha, Irã, México, Tunísia, Argélia, Brasil, Haiti). A continuação da radicalização da luta de classes, anunciando um novo período de combate. Prenuncia os confrontos iminentes entre os trabalhadores proletários e os empregadores financiados. Infelizmente, mais uma vez, a pequena burguesia conseguiu enganar o Movimento. No entanto, vamos ser sinceros, não poderia ser de outra maneira. Como em toda revolta populista, a pequena burguesia frustrada correu o risco de abrir a caixa da pandora, e levaria pouco para o proletariado se apressa na brecha. O proletariado francês não fez isso porque, em sua grande sabedoria, entendeu que as condições objetivas e subjetivas da **insurreição popular** e da **revolução proletária internacional** não eram cumpridas, nem na França nem no resto da Europa. Para chegar a esta fase final da conflagração revolucionária proletária, teremos que contar com a crise econômica e sua parcela de calamidades, com a intensificação dos preparativos de guerra pelo grande capital, com a radicalização das lutas dos vários contingentes proletários. nacional e o amadurecimento da consciência de classe internacional.

Entre os aspectos originais, devemos mencionar sua duração excepcional. Nunca na França uma revolta social dessa magnitude conheceu tanta longevidade. Sua sustentabilidade é parcialmente explicada por sua organização horizontal, baseada em uma forma de *democracia direta*, desprovida de delegação de poder. Graças às redes sociais, ele conseguiu se organizar fora dos *órgãos intermediários*, da deplorável "sociedade civil de cidadania", de suas ONGs estipuladas e, principalmente, longe dos partidos políticos e sindicatos escleróticos. Essa afirmação de independência permitiu-lhe, no início, realizar ações sem precedentes, antípodas de desfiles sindicais estéreis.

Alguns castigaram o Movimento por suas supostas conexões com a extrema direita ou por causa de seu caráter *interclassista*. Rejeitamos essa crítica esquerdista baseada em paradigmas obsoletos, em particular nessa categorização política obsoleta, da esquerda contra a direita do tabuleiro de xadrez político capitalista, a categorização se torna obsoleta. Hoje, por um lado, há capital e suas organizações políticas à esquerda e à direita e, por outro, o proletariado e suas organizações proletárias.

A furiosa pequena burguesia

A nova conjuntura econômica, política e social levou à divisão de classes sociais e ao aumento significativo do contingente pequeno-burguês, cuja principal missão é

garantir as condições para a reprodução da força de trabalho (serviços de saúde, educação, lazer, cultura, esporte e comércio local). Inevitavelmente, em virtude de seu papel social, a pequena burguesia experimenta prosperidade efêmera, dependente dos proletários e de sua produção de mais-valia. Além disso, está cada vez mais envolvido nas lutas proletárias que contamina com suas idéias burguesas, suas práticas de luta anarquista, seus modos de ação nihilistas, seus comportamentos narcísicos e suas demandas políticas reformistas. A pequena burguesia é obcecada por suas aspirações de compartilhar a vida dos ricos e poderosos, enquanto seu futuro econômico é a casualização, pauperização e proletarização. Estrangulada pela crise econômica, a pequena burguesia percebe que o dinheiro fetiche é reservado para os ricos, que o acumulam cada vez mais rapidamente e que não pode ser de outro modo por causa das leis da economia capitalista. Isso não impede a pequena burguesia de expressar seu despeito e seu desejo, e de propor que o estado dos ricos supere os bilionários. Seja como for, a massa imponente e impotente desses pequenos burgueses rebaixados é incorporada ao proletariado, especialmente durante as revoltas sociais. Isso explica a presença frequente desses ativistas desiludidos, frustrados e raivosos, como o "*Black bloc*". A tarefa do proletariado revolucionário não é aprisionar esses catecúmenos de capital falido, mas fazê-los entender que, o que quer que façam, o modo de produção capitalista continua sua louca corrida até a guerra inevitável. É o sistema capitalista que deve ser quebrado, não as janelas dos Champs-Élysées. Devemos explicar a eles que é impossível reformar o capitalismo ou forçá-lo a um compartilhamento equitativo da riqueza da sociedade, porque o modo de produção capitalista repousa na satisfação das necessidades do capital, em detrimento da satisfação das necessidades fundamentais da espécie humana.

Outra originalidade brocadada por organizações políticas, sua heterogeneidade política que desaponta tanto os esquerdistas. Assim, devido à recusa de ser comandado por uma seita dogmática, ele foi desacreditado e desprezado pelos esquerdistas e pelos direitistas, acusando-o de não ser organizado nem de ter gurus carismáticos em sua cabeça. Ele foi acusado de ser um movimento de pequenos chefes poujadistas, infiltrados por elementos anti-semitas e fascistas. Na verdade, esses temas sociais pequeno-burgueses são indiferentes à classe trabalhadora que está travando sua guerra de classes contra o grande capital internacional e não contra seus crescimentos marginais.

A revolução proletária

Concluindo, através do processo revolucionário em **três etapas: levante populista espontâneo - insurreição popular caótica - revolução proletária consciente e organizada**, cabe à classe revolucionária, engajada na luta pela sobrevivência da espécie humana, dirigir a destruição do modo de produção capitalista e suas relações de produção burguesas decadentes. É durante o processo revolucionário que o proletariado divulgará suas organizações revolucionárias de classe, seus slogans de transição e seu projeto para uma sociedade humana internacionalista inclusiva, sem exploração do homem pelo homem, a base do novo modo de produção comunista proletário. A emancipação da humanidade não será feita pelo motivo moralista de que a exploração capitalista é condenável e a alienação prejudicial, mas porque a exploração e alienação da espécie humana leva a

humanidade à sua perda. Terminar é a condição para a sobrevivência das espécies. Essas características não são pré-requisitos para a revolta populista, depois para a revolta popular e, finalmente, para a revolução proletária. É no mesmo curso da *revolução proletária* que todos os estratos sociais revelam suas profundas perspectivas ideológicas e algumas de suas tendências contra-revolucionárias, que não serão maquiavélicas e conspiratórias, mas que surgirão de seus interesses de classe. É o equilíbrio de poder entre o proletariado e as outras classes que determinará a orientação da luta e permitirá que uma perspectiva proletária seja impressa.

A revolução proletária não ocorrerá sob a liderança de um proletariado puro e imaculado, desprovido de contaminação ideológica burguesa, estigma político ou social e depravação psicológica. Em uma sociedade, as idéias dominantes são as da classe dominante do modo de produção dominante. Lutar contra eles e removê-los da consciência viva faz parte da permanente guerra revolucionária proletária. Além disso, a revolução proletária não ocorrerá em um contexto de desmobilização de outras classes sociais. Todas as classes vão competir. Cada classe tentará tomar a liderança da revolução para orientá-la na direção dos interesses que lhe são ditados por sua posição no processo de produção. O papel dos proletários revolucionários será sempre investir o movimento popular a fim de apontá-lo na direção certa e combater as idéias reacionárias, sectárias e dogmáticas da burguesia à esquerda e à direita.

APÊNDICE I: Convocação da primeira assembléia das assembléias

Nós, Coletes amarelos das rotatórias, estacionamentos, praças, assembléias, manifestações, nos reunimos nos dias 26 e 27 de janeiro de 2019 na Assembléia das Assembléias, reunindo uma centena de delegações, respondendo ao apelo dos Coletes

amarelos de Commercy. Desde 17 de novembro, da menor vila, do mundo rural à maior cidade, nos levantamos contra essa sociedade profundamente violenta, injusta e insuportável.

Não nos deixaremos enganar! Nos revoltamos contra a vida cara, a precariedade e a miséria. Queremos que nossos entes queridos, famílias e crianças vivam com dignidade. 26 bilionários possuem tanto quanto metade da humanidade, é inaceitável. Compartilhe a riqueza e não a miséria! Vamos acabar com as desigualdades sociais! Exigimos um aumento imediato de salários, mínimos sociais, subsídios e pensões, o direito incondicional à moradia e saúde, educação, serviços públicos gratuitos e para todos.

É por todos esses direitos que ocupamos diariamente rotatórias, que organizamos ações, manifestações e debatemos em todos os lugares. Com nosotros, coletes amarelos, falamos novamente, nós que nunca o temos. E qual é a resposta do governo? Repressão, desprezo, denigração. Mortes e milhares de feridos, o uso massivo de tiros que mutilam, contaminam, ferem e traumatizam. Mais de 1.000 pessoas foram arbitrariamente condenadas e presas. E agora a nova lei chamada *anti-destruidor* visa simplesmente impedir-nos de demonstrar. Condenamos toda a violência contra manifestantes, sejam eles da polícia ou de grupos violentos. Nada disso vai nos parar!

Demonstrar é um direito fundamental. Fim da impunidade para a polícia!

Anistia para todas as vítimas da repressão! E que alvoroço é esse grande debate nacional que é de fato uma campanha de comunicação do governo, que instrumentaliza nossas vontades para debater e decidir!

Praticamos a verdadeira democracia, em nossas assembleias, em nossas rotatórias, nem nos televisores nem nas pseudo-mesas redondas. Depois de nos ter insultado e tratados menos do que nada, agora ele nos apresenta como uma multidão odiosa, fascinante e xenófoba. Mas somos exatamente o oposto: nem racistas, nem sexistas, nem homofóbicos. Estamos orgulhosos de estar juntos com nossas diferenças para construir uma sociedade unida. Somos fortes na diversidade de nossas discussões, neste momento centenas de assembleias estão desenvolvendo e propondo suas próprias demandas. Afetam a verdadeira democracia, justiça social e fiscal, condições de trabalho, justiça ecológica e climática, o fim da discriminação. Entre as demandas mais debatidas e propostas estratégicas, encontramos: a erradicação da miséria em todas as suas formas, a transformação das instituições (RIC, constituinte, fim dos privilégios dos funcionários eleitos ...), a transição ecológica (pobreza de combustível, poluição industrial...), a igualdade e levando em conta tudo, independentemente da nacionalidade (pessoas com deficiência, igualdade de gênero, fim do abandono de bairros da classe trabalhadora, áreas rurais e no exterior ...).

Nós, Coletes amarelos, convidamos a todos com seus meios, à sua medida, para se juntarem a nós. Apelamos a continuar os atos (ato 12 contra a violência policial em frente às delegacias atos 13, 14 ...), a continuar as ocupações das rotatórias e o bloqueio da economia, a construir uma greve maciça e renovável a partir do 5º

fevereiro. Estamos pedindo a formação de comitês no local de trabalho, em estudos e em qualquer outro lugar, para que essa greve possa ser construída na base pelos mesmos grevistas. Vamos tratar das nossas coisas! Não fique sozinho, junte-se a nós! Vamos nos organizar democraticamente, de forma autônoma e independente! Esta Assembléia das Assembleias é um passo importante que nos permite discutir nossas demandas e nossos meios de ação.

Vamos nos unir para transformar a sociedade!

Propomos a todos os Coletes Amarelos que façam circular esta chamada. Se, como grupo coletes amarelos, você concorda, envie sua assinatura à Commerc (assembleedesassemblees@gmail.com). Não hesiteis em discutir e formular propostas para as próximas «Assembleias das Assembleias», que já estamos a preparar.

Macron demissão! Viva o poder ao povo, para o povo e através do povo.

Apelo proposto pela Assembléia das Assembleias de Commerc. Ele será então proposto para adoção em cada uma das assembleias locais.

APÊNDICE II: Os intelectuais que enfrentam a Comuna

A **Comuna** é este levante histórico em que o povo parisiense tomou o poder. De fato, de 18 de março a 21 de maio de 1871, o poder estava concentrado nas mãos dos Comunardos. Durante esta fase revolucionária, a Comuna governou a cidade de

Paris. A Comuna organizou a sociedade no único interesse do povo. Foi o primeiro estado operário, a primeira experiência real da "**ditadura do proletariado**". Durante esse período efêmero de tomada de poder pelo povo, a classe dominante, refugiada em Versalhes, empregou todos os meios assassinos para recuperar as rédeas de seu poder. Até colaborar com a Alemanha de *Bismarck*, no dia anterior ainda lutava nos campos de batalha.

Desde o início, a **Comuna de Paris** imediatamente deu origem a reações extremamente virulentas. Tudo o que contava na França de escritores e intelectuais manifestou para o movimento e para seus atores um ódio assassino (qualquer semelhança com a intelligentsia contemporânea desencadeada contra os Coletes Amarelos não é fortuita). Contra a Comuna de Paris, a burguesia, assustada com o enfraquecimento da ordem social, encontrou imediatamente um forte aliado: a intelligentsia literária, que colocou sua caneta ao serviço das classes dominantes. Em uma explosão de unidade de classe sagrada, a maioria dos escritores se uniu à burguesia para castigar a Comuna e defender os revolucionários. A Comuna imediatamente desencadeou, entre esses homens literários, uma série de insultos e falsificações. Com a notável exceção de *Jules Vallès, Arthur Rimbaud, Paul Verlaine, Villiers de L'Isle Adam*, partidários da Comuna e parcialmente de *Victor Hugo*, que mantinha certa neutralidade, todos os escritores da época se uniram em um ódio inexpugnável contra os comunardos. Esses escritores foram virulentos com a revolução parisiense: "*governo do crime e da demência*" (Anatole France). Além de suas diferenças políticas, todos esses escritores mergulharam suas penas venenosas no sangrento tinteiro de Versalhes para romper sua hostilidade belicosa contra a Comuna, para pedir o massacre dos comunardos. Eles transformaram suas penas em baionetas. Todas as origens sociais combinadas, de escritores conservadores, como *Maxime Du Camp e Gustave Flaubert*, via realistas como *Alphonse Daudet*, o conde de *Gobineau*, *Ernest Renan*, a condessa de *Ségur*, *Taine* e muitos outros, até os reacionários *Leconte de Lisle* e *Théophile Gautier*, todos esses escritores trocaram suas roupas de salão pelo uniforme mercenário a serviço de Versalhes.

Além desses escritores do antigo regime, os gentes literatas da obediência republicana juntaram-se à canhão contra a Comuna, como *François Coppée, Anatole France, George Sand e Émile Zola*, para citar apenas os mais famosos. Apesar de algumas nuances em suas histórias históricas, a denúncia dos Comunardes foi compartilhada por unanimidade por todos esses escritores (ainda editados, publicados e ensinados hoje aos estudantes). Entre os propagandistas mais zelosos, alguns se juntaram ao chefe do poder executivo *Thiers*, em Versalhes, para ajudá-lo em seus preparativos para a repressão. Em suas violentas campanhas anticomunardes, esses escritores se despejaram em um excesso verbal odiosamente mortal, cheio de preconceitos de classe. Todo esse gênio literário compartilhava uma aversão aristocrática das classes trabalhadoras. Para esses parasitas intelectuais, as classes trabalhadoras eram, acima de tudo, "*classes perigosas*". Para esses plumíferos reacionários, a Comuna era obra do "*canalha*", da "*população*", "*impulsionada pela inveja*". Além disso, eles compararam o proletariado a uma "*raça prejudicial*", os trabalhadores a "*bestas raivosas*", a "*novos bárbaros*" que ameaçavam a "*civilização*". Os dignos comunardos foram adornados

com todos os assustadores qualificadores: "*bandidos*", "*bárbaros*", "*redskins*" e "*canibais*"!

Sem dúvida, é de maior importância histórica lembrar o sangrento resultado da Comuna de Paris. No espaço de uma semana, de 22 a 28 de maio de 1871, a Comuna foi reprimida em sangue pelas tropas de Versalhes. Avaliação desta "semana sangrenta": quase 30.000 mortos, 42.000 prisões e 10.000 deportações (entre os deportados enviados aos condenados da Nova Caledônia está a famosa revolucionária *Louise Michel*, que fará amizade com muitos kabyle argelinos também internados nesses condenados caledonianos após a revolta dos *Mokrani*, uma insurreição monumental contra o poder colonial francês, que ocorreu na Argélia em 16 de março de 1871, dois dias antes do início da Comuna de Paris). A burguesia, provada pelo medo do seu provável desaparecimento, escandalizada pela audácia do povo por ter tomado o poder, por ter quebrado os fundamentos do sistema, pagou caro, por exemplo, essa heresia revolucionária aos comunardos. *Edmond de Goncourt* não se enganou em seu veredicto apologético quando escreveu: "*Os sangrentos assim, matando a parte em conflito da população, adiam o recrutamento da nova revolução. São vinte anos de descanso que a velha sociedade tem diante de si*". Para *Gustave Flaubert*, a repressão não foi suficientemente cruel, porque ele considerou "*que deveríamos ter condenado toda a comunidade às galés e forçado esses imbecis sangrentos a limpar as ruínas de Paris, presas ao pescoço, em simples condenados. Mas isso machucaria a humanidade. Somos sensíveis a cães raivosos, e não àqueles que eles morderam*". Palavras que poderiam ter sido escritas ou pronunciadas por *Bernard Henry Levy* ou *Luc Ferry* e pela maioria dos intelectuais e jornalistas contemporâneos.

Assim, todos os escritores apoiaram o regime sangrento de Versalhes. Para a maioria desses escritores, a Comuna é a expressão de uma imperfeição biológica congênita, de uma depravação moral. A Comuna é a ilustração da: "*luta do Bem contra o Mal, da civilização contra a barbárie, da ordem contra a anarquia, da inteligência contra a estupidez, da cabeça contra o estômago, do dever contra o egoísmo, trabalhar contra a preguiça, a elite contra o gênio popular*".

Aqui está uma antologia dos textos desses escritores raivosos, engajados contra a Comuna:

"Que a humanidade é uma raça suja e nojenta! Que as pessoas são estúpidas! Eles são uma raça eterna de escravos que não podem viver sem matilha e sem jugo. Portanto, não será por ele que ainda lutaremos, mas por nosso ideal sagrado. Que ele morra de fome e frio, essas pessoas fáceis de enganar que em breve começarão a massacrar seus verdadeiros amigos!" afirma *Leconte de L'Isle*. Em outros lugares, com relação aos Comunardos, *Leconte de L'Isle* denuncia assim: "*essa liga de todos os desclassificados, de todos os incapacitados, de todos os invejosos, de todos os assassinos, de todos os ladrões, maus poetas, jornalistas falidos, romancistas piso baixo*". Enquanto *Alphonse Daudet* vê: "*cabeças de peão, coleiras imundas, cabelos brilhantes*". Para *Anatole France*, os Comunardos são: "*apenas um comitê de assassinos, um bando de patifes, um governo de crimes e demências*". *Ernest Feydeau* especifica que: "*não é mais a barbárie que nos ameaça, não é mais a*

selvageria que nos invade, é a bestialidade pura e simples". Théophile Gautier concorda: "Os comunardos são" animais ferozes", hienas "e " gorilas", que" se espalham pela cidade assustada com uivos selvagens". Com metáforas médicas, a Comuna estava de acordo com Maxime Du Camp: "um ataque de inveja furiosa e epilepsia social", e de acordo com Émile Zola: "uma crise de nervosismo doentio", "uma epidemia que exagera o medo e a confiança, soltando a fera humana desenfreada ao menor fôlego". Num tom paternalista, outro escritor, Maurice Montégut, derramado com solicitude sobre os pobres "A paz e a harmonia devem vir de cima, descer e não subir. É dever do entendimento, dos fortes, alcançar os fracos, as trevas. Como culpar a multidão - já que nada fazemos para esclarecê-las e educá-las - por manter o instinto atávico dos brutos pré-históricos, no momento em que os ancestrais canibais, nas florestas monstruosas, não se encontravam apenas para se devorar no limiar das cavernas? Com um pouco de doçura, muita caridade, acalmamos os animais crus que esticam as costas, nos submetemos ao espanto de uma carícia". Para alguns escritores, o espírito igualitário da Comuna ofendeu sua concepção elitista de sociedade. Assim, Taine escreve com ironia, em tom de brincadeira: "O chefe, o burguês, nos explora, deve ser suprimido.

Meu trabalhador, posso, se quiser, ser chefe de empresa, magistrado, general. Por uma boa chance, temos armas, as usamos e estabelecemos uma República onde trabalhadores como nós são ministros e presidentes". Renan, para quem a Alemanha é um modelo, acredita que "o essencial é menos produzir massas iluminadas do que produzir grandes gênios e um público capaz de compreendê-las".

Da mesma forma, as mulheres "comunardos" não foram poupadas da indignação verbal desses malditos escritores de Versalhes. Essas mulheres, também chamadas as petrolíferas (mulheres que, durante a Comuna, teriam iniciado incêndios com petróleo), são frequentemente comparadas a "lobos" ou "hienas". Assim, Arthur de Gobineau escreve: "*Estou profundamente convencido de que não há exemplo na história de nenhuma época nem pessoas da loucura furiosa, do frenesi fanático dessas mulheres*». Outro escritor menos famoso, Ernest Houssaye, disse: "*Nenhuma destas mulheres tinha uma figura humana: era a imagem do crime ou do vício. Eram corpos sem alma que tinham merecido mil vezes a morte, mesmo antes de tocar no petróleo. Só há uma palavra para os sofrimentos: o hediondo*».

Na época da sangrenta repressão dos Comunardos, Anatole France se alegra: "*Finalmente, o governo do crime e da demência está apodrecendo quando chega aos campos de execução!*" Émile Zola, descrito como próximo ao povo, mostra-se indulgente com os moradores de Versalhes: "*O banho de sangue que o povo de Paris acabou de tomar foi talvez uma necessidade horrível de acalmar algumas de suas febres. Agora você verá isso crescer em sabedoria e esplendor. Certamente, sob o reinado da dominação de classe ainda reina a abominação de classe. Assim que o povo levanta a cabeça, o ódio da classe dominante recai sobre ele. Depois seguidos da repressão, depois os massacres.*

"E para os proletários que se divertem com caminhadas ridículas nas ruas, plantações de árvores de liberdade, frases de advogados, em primeiro lugar, haverá água benta, em seguida, injúrias, enfim, metralha e miséria sempre". (Auguste Blanqui, 1850).

APÊNDICE III: As 42 demandas dos amarelos endereçadas à Assembléia Nacional

1. Zero sem-abrigo: URGENTE.
2. Imposto sobre a renda mais progressiva (mais colchetes).
3. SMIC a 1300 euros líquidos.
4. Favorecer as pequenas empresas + estacionamento gratuito.
5. Grande plano de isolamento de moradias (para fazer ecologia e economizar dinheiro).
6. Que os grandes (MacDo, Google, Amazon, Carrefour ...) pagam mais e que os pequenos (artesãos, VSEs, PME) pagam pequeno.

7. Mesmo sistema de segurança social para todos. Fim do RSI.
8. O sistema de pensões deve permanecer solidário e, portanto, socializado (sem aposentadoria a pontos).
9. Fim do aumento dos impostos sobre combustíveis.
10. Nenhuma aposentadoria abaixo de 1.200 euros.
11. Qualquer representante eleito terá direito ao salário médio. Seus custos de transporte serão monitorados e reembolsados, se justificado. Direito a ingressos para restaurantes e comprovantes de férias.
12. Os salários de todo o povo francês, bem como as pensões e subsídios devem ser indexados à inflação.
13. Proteger a indústria francesa: proibir as deslocalizações.
14. Fim do trabalho destacado. É anormal que uma pessoa que trabalha em território francês não se beneficie do mesmo salário e dos mesmos direitos. Qualquer pessoa autorizada a trabalhar em território francês deve estar em pé de igualdade com um cidadão francês e seu empregador deve contribuir no mesmo nível que um empregador francês.
15. Para segurança no emprego: limite ainda mais o número de contratos a termo para grandes empresas. Mais CDI.
16. Fim da CICE. Uso desse dinheiro para o lançamento de uma indústria francesa de carros a hidrogênio (que é verdadeiramente ecológica, diferente do carro elétrico).
17. Fim da política de austeridade. Paramos de pagar os juros da dívida declarada ilegítima e começamos a pagá-la sem receber dinheiro dos pobres e dos menos pobres, mas perseguindo as sonegações de 80 bilhões de dólares.
18. Que as causas da migração forçada sejam abordadas.
19. Que os requerentes de asilo sejam bem tratados. Devemos a eles moradia, segurança, alimentação e educação para menores.
20. Que os requerentes de asilo rejeitados retornem ao seu país de origem.
21. Que uma política de integração real seja implementada.
22. Salário máximo fixado em 15.000 euros [mensal, nota do editor].
23. Que empregos sejam criados para os desempregados.
24. Aumento dos subsídios por incapacidade.
25. Limitação de aluguéis. + moradia com alojamento moderado.
26. Proibição de venda de mercadorias pertencentes à França (barragem, aeroporto, etc.)
27. Recursos substanciais concedidos ao sistema de justiça, à polícia, e ao exército. Que as horas extras da aplicação da lei sejam pagas ou recuperadas.
28. Todo o dinheiro ganhado com pedágios nas rodovias deve ser usado para manter rodovias e estradas.
29. Como os preços do gás e da eletricidade aumentaram desde a privatização, queremos que eles voltem a público e que os preços caiam significativamente.
30. Fim imediato ao fechamento de pequenas linhas, correios, escolas e maternidades.
31. Vamos trazer bem-estar para os idosos.
32. Máximo de 25 alunos por turma escolar.
33. Recursos substanciais fornecidos à psiquiatria.
34. O Referendo da Iniciativa Cidadania (RIC) deve ser incorporado à Constituição.
35. Retorno a um mandato de 7 anos para o Presidente da República.

36. Aposentadoria aos 60 anos e para todos aqueles que trabalharam em uma profissão que usa o corpo, direito à aposentadoria aos 55 anos.
37. Uma criança de 6 anos não se mantém sozinha, continuação do sistema de ajuda do PAJEMPLOI.
38. Promover o transporte de mercadorias por via férrea.
39. Sem retenção de imposto.
40. Fim dos subsídios presidenciais para sempre.
41. Proibição de cobrar aos comerciantes uma taxa quando os seus clientes utilizam o cartão azul.
42. Imposto sobre o fuel marítimo e o querosene

NOTAS

1 Lenin. (1916). Resultado de uma discussão sobre o direito das nações à autodeterminação. Trabalhos completos. T.22, p.383-384.

2 Robin Goodfellow. (2019) <http://www.les7duquebec.com/7-de-garde-2/la-lutte-des-classes-enfrance-2018-2019-gilets-jaunes/>

3 Anton Pannekoek. <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs/limperialisme-et-les-taches-du-proletariat/>

- 4 <http://www.les7duquebec.com/7-de-garde-2/la-lutte-des-classes-en-france-2018-2019-gilets-jaunes/>
- 5 Avaliação do custo dos eventos <https://www.msn.com/fr-ca/actualites/monde/lendemain-d'emeutes-a-paris/ar-BBQphQ3?ocid=spartandhp>
- 6 Robert Bibeau. (2017). Questão nacional e revolução proletária sob o imperialismo moderno. L'Harmattan. Paris. <http://www.les7duquebec.com/7-au-front/question-nationale-et-revolution-proletarienne-2/>
- 7 Nuevo Curso (2019) <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs-2-2/quy-a-t-il-sous-le-mouvement-jeunesse-pour-le-climat/>
- 8 Robert Bibeau. (2018). Democracia nos Estados Unidos. Máscaras eleitorais. L'Harmattan Paris. <http://www.les7duquebec.com/7-au-front/la-democratie-aux-etats-unis-les-mascarades-electorales/>
- 9 Fonte: Quem paga - dirige a orquestra! <http://www.les7duquebec.com/7-au-front/qui-payee-dirige-lorchestre-qui-payee-lorchestre-de-ce-monde-chaotique/>
- 10 <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs/gilets-jaunes-linterclassisme-est-contraire-aux-interets-des-proletaires/> e Mohamed Belaali. (2019). Coletes amarelos: transformar os protestos espontâneos em luta consciente. Le Grand Soir.
- 11 <https://www.agoravox.fr/culture-loisirs/extraits-d-ouvrages/article/la-fin-de-l-intellectuel-francais-213067> [https://www.agoravox.fr/culture-loisirs/extraits D-livros / article / a-end-of-the-intellectual-french-213067](https://www.agoravox.fr/culture-loisirs/extraits-D-livros/article/a-end-of-the-intellectual-french-213067) E Shlomo Sand. Como o povo judeu foi inventado. https://www.youtube.com/watch?v=0yjkHXfJUs&fbclid=IwAR1d_DaA88JYyFjz81zdek_k7tUSyvvk5bkFI4CcJntOFZ0XWDk2eOZIzj4
- 12 <https://www.agoravox.fr/culture-loisirs/extraits-d-ouvrages/article/la-fin-de-l-intellectuel-francais-213067>
- 13 Suborno: uma manobra pela qual tentamos desviar alguém de seu dever. Essa é a principal função das organizações políticas e sindicais: manobrar as pessoas com o objetivo de desviá-las de suas verdadeiras batalhas, verdadeiros debates.
- 14 Lenin. (1916). Resultado de uma discussão sobre o direito das nações à autodeterminação. <https://www.marxists.org/francais/lenin/works/1916/07/19160700k.htm>
- 15 <http://www.les7duquebec.com/actualites-des-7/gilets-jaunes-recensement-provisoire-des-blesses-graves-du-mois-de-nov-dec-2018/>
- 16 <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs/liberez-nos-camarades/>
- 17 Fontes: <https://www.msn.com/fr-ca/actualites/monde/lendemain-d'emeutes-a-paris/ar-BBQphQ3?ocid=spartandhp> et <http://www.les7duquebec.com/7-au-front/taxe-sur-le-carburant-la-goutte-qui-a-amorce-la-revolte-sociale-en-france/> et <https://www.msn.com/fr-ca/actualites/monde/lendemain-d'emeutes-a-paris/ar-BBQphQ3?ocid=spartandhp>
- 18 Fonte: Os atiradores: <https://www.algeriepatriotique.com/2018/12/03/gilets-jaunes-des-snipers-en-position-de-tir-sur-larc-de-triomphe-en-france/> e https://www.agoravox.fr/tribune-libre/article/gilets-jaunes-michel-onfray-209960?fbclid=IwAR3EtAB5ix9Yo_45vlvvcNhxJnowYu8tHNZE0C3bAmsRHYDTUoYesRwCjag/ww.ejournalistas-210142

19 Fonte: https://www.agoravox.fr/tribune-libre/article/gilets-jaunes-michel-onfray-209960?fbclid=IwAR3EtAB5ix9Yo_45vlvvCNhxJnowYu8tHNZE0C3bAmsRHYDTUoYesZRjCJg

20 Mohamed Belaali. (2019). Coletes amarelos: transformar os protestos espontâneos em luta consciente. Le Grand Soir. <http://www.les7duquebec.com/7-au-front/reformer-ou-deformer-la-france/> e <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs/gilets-jaunes-linterclassisme-est-contraire-aux-interets-des-proletaires/>

21 Fonte: <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs/gilets-jaunes-linterclassisme-est-contraire-aux-interets-des-proletaires/>

22 Fonte: <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs/gilets-jaunes-linterclassisme-est-contraire-aux-interets-des-proletaires/>

23 Fonte: https://www.europe1.fr/societe/le-soutien-aux-gilets-jaunes-en-legere-hausse-selon-un-sondage-3853172?fbclid=IwAR0SzjA8CMU6eYaCbwsjMYQng457CrJpYPCfEd_U

24 Fonte: <http://mai68.org/spip2/spip.php?article2995>

25 Este capítulo é inspirado no artigo do grupo espanhol Nuevo Curso em: <https://nuevocurso.org/que-es-el-fascismo/> E que traduzimos para o francês em: <http://www.les7duquebec.com/7-de-garde-2/lantifascisme-est-un-piege/>

26 <https://nuevocurso.org/que-es-el-fascismo/> que traduzimos para o francês em: <http://www.les7duquebec.com/7-de-garde-2/lantifascisme-est-un-piege/>

27 "A função histórica do proletariado não é transformar a propriedade individual em propriedade do Estado. O simples desaparecimento da burguesia que possui os meios de produção de classe também valida a orientação da economia para o comunismo e a alienação do homem. Como Marx disse, "a abolição da propriedade privada e do comunismo não são idênticas de forma alguma". De fato, a socialização da economia e a abolição do trabalho assalariado que deve possibilitar a revolução proletária não são duas tarefas diferentes ou sucessivas, mas dois aspectos da mesma transformação, que devem, portanto, ser adaptados. O que deve desaparecer antes que possamos falar de comunismo é a propriedade como meio de sujeitar os homens ao trabalho assalariado. Deve começar pela organização da produção por e para os produtores e suas famílias, onde as ferramentas de trabalho são de responsabilidade da sociedade como um todo».

[Http://www.les7duquebec.com/7-au-front/peut-on-planifier-le-developpement-capitaliste-ou-socialiste/](http://www.les7duquebec.com/7-au-front/peut-on-planifier-le-developpement-capitaliste-ou-socialiste/)

28 <https://nuevocurso.org/por-que-no-funciona-la-subida-del-salario-minimo/>

29 <http://www.les7duquebec.com/7dailleurs/limperialisme-et-les-taches-du-proletariat/>

30 https://fr.sputniknews.com/points_de_vue/201902021039882397-croissance-economie-france-espoirs/?utm_source=push&utm_medium=browser_notification&utm_campaign=sputnik_fr

31 <https://nuevocurso.org/por-que-no-funciona-la-subida-del-salario-minimo/>

32 O crescimento da economia francesa em 2018.

https://fr.sputniknews.com/points_de_vue/201902021039882397-croissance-

[economie-france-espoirs/?utm_source=push&utm_medium=browser_notification&utm_campaign=sputnik_fr](https://fr.sputniknews.com/points_de_vue/201902021039882397-croissance-economie-france-espoirs/?utm_source=push&utm_medium=browser_notification&utm_campaign=sputnik_fr)

33 [https://fr.sputniknews.com/points_de_vue/201902021039882397-croissance-economie-france-](https://fr.sputniknews.com/points_de_vue/201902021039882397-croissance-economie-france-espoirs/?utm_source=push&utm_medium=browser_notification&utm_campaign=sputnik_fr)

[espoirs/?utm_source=push&utm_medium=browser_notification&utm_campaign=sputnik_fr](https://fr.sputniknews.com/points_de_vue/201902021039882397-croissance-economie-france-espoirs/?utm_source=push&utm_medium=browser_notification&utm_campaign=sputnik_fr)

E <http://www.les7duquebec.com/actualites-des-7/rebond-boursier-dans-lattente-depressionplosion-a-venir/>

34 <http://www.les7duquebec.com/actualites-des-7/la-monnaie-ou-la-bourse/>

35 <http://www.les7duquebec.com/actualites-des-7/la-crise-economique-en-attente-au-purgatoire/>

E <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs-invites/les-indices-que-la-crise-economique-a-commence/>

36 <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs-invites/les-indices-que-la-crise-economique-a-commence/>

37 Fonte: <http://www.les7duquebec.com/7-dailleurs/compte-rendu-de-la-seconde-assemblee-des-assemblee-des-gilets-jaunes-st-nazaire-avril-2019/>

38 https://nuevocurso.org/por-que-no-funciona-la-subida-del-salario-minimo/?utm_medium=push&utm_source=suscriptores&utm_campaign=onesignal